

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LILIAN JUANA LEVENBACH DE GAMBURGO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ENVELHECIMENTO E LINGUAGEM.
UM ESTUDO DA LINGUAGEM COMO PRÁTICA DIALÓGICA E
SOCIAL EM IDOSOS.**

PIRACICABA, SP

2006

LILIAN JUANA LEVENBACH DE GAMBURGO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ENVELHECIMENTO E LINGUAGEM.
UM ESTUDO DA LINGUAGEM COMO PRÁTICA DIALÓGICA E
SOCIAL EM IDOSOS.**

ORIENTADORA: PROF^A. DR^A. MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO

PIRACICABA, SP

2006

ii

LILIAN JUANA LEVENBACH DE GAMBURGO

**ENVELHECIMENTO E LINGUAGEM.
UM ESTUDO DA LINGUAGEM COMO PRÁTICA DIALÓGICA E
SOCIAL EM IDOSOS.**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Lilian Juana Levenbach de Gamburgo e aprovada pela comissão julgadora em 13 de dezembro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Inês B. Monteiro – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Cecília Rafael de Góes

Prof^a. Dr^a. Vera Maria A. Tordino Brandão

Dedico este trabalho para Adrián, marido, amor, amigo, companheiro: porque conto com seu apoio, sua presença e sua força, sei que posso aceitar e vencer o permanente desafio de alcançar a felicidade.

MEUS AGRADECIMENTOS

A meus pais Gisela e Ernesto Z'L (in memoriam): vocês me proporcionaram o modelo seguro e perene de amor e dignidade, sendo as referências morais que orientam minha vida.

A meus filhos, Ariel e Tânia, os ter, conhecê-los e amá-los, completa e dá um sentido maior a minha vida. À Tatyana, “quase-filha”: pelo carinho e pelo estímulo constantes.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Inês Bacellar Monteiro, conhecê-la e ser sua aluna é um privilégio. Com grande carinho, generosidade e segurança, você guiou meus passos neste caminho da busca do conhecimento.

A minha irmã-amiga Silvia Fryd e a minha amiga-irmã Rosali Michelsohn, pelo diálogo, o amor e a disposição de estarem ao meu lado, não importando as circunstâncias e a distância no tempo e no espaço.

Às professoras Cristina, Ivone, Lúcia, Regina Yu, Ana Paula, Evani, Cecília, Ciça, Ana Padilha, e às funcionárias do saudoso mestrado em Fonoaudiologia, pela participação construtiva no meu caminho rumo ao mestrado.

Às professoras Dra. Maria Cecília R. de Góes e Dra. Vera M. A. T. Brandão pelas valiosas contribuições oferecidas na banca de qualificação.

Aos meus amigos e amigas: Gabriela, Rosa, Vivian, Regina (Z'L), Roni, Cláudio B, Cláudio S, Zé, Martín: vocês formam o meu círculo social maior, brindam-me apoio e carinho e reforçam minha identidade.

A Silvia Raposo de Medeiros Munhoz, pela amizade e pelos diálogos mantidos desde os primeiros momentos da nossa graduação em Fonoaudiologia.

Às colegas da terceira turma do mestrado em Fonoaudiologia, com as quais compartilhei vivências, angústias e dúvidas, e que estão chegando junto comigo ao final desta caminhada.

Aos queridos idosos que participaram desta pesquisa: pela disponibilidade com que me receberam, e por me presentarem com o valioso tesouro de suas lembranças.

À Instituição que me abriu as portas, permitindo-me realizar as entrevistas.

RESUMO

O contingente de idosos já alcança quase 10% da população brasileira, e continua crescendo aceleradamente. Em contraposição às (poucas) pesquisas existentes sobre envelhecimento e linguagem, as quais em geral pressupõem a ocorrência de declínio cognitivo; e utilizando a narrativa da história de vida de seis sujeitos, cada um deles sendo visto como um *ser da linguagem*, o objetivo deste estudo foi conhecer a linguagem de idosos com as capacidades comunicativas preservadas.

Por meio de entrevistas individuais, promovemos interações nas quais os idosos rememoraram suas trajetórias de vida, desdobrando-se e tomando a si próprios como objeto de atenção, refletindo sobre as oportunidades (ou falta) de diálogo, sua inserção na família, no trabalho e nas esferas sociais. Quatro dos sujeitos entrevistados residiam em uma Instituição de Longa Permanência, e dois em seus domicílios.

A orientação teórica foi baseada nos conceitos de Mikhail Bakhtin devido a sua concepção de linguagem numa dimensão discursiva, histórica e social, que outorga papel central à dimensão semiótica na constituição do sujeito. O exame dos dizeres tornou possível a análise dos dados, organizados em torno de seis eixos temáticos, atravessados pelo tema maior da linguagem.

Os diálogos deram origem a relatos longos e emocionados. A história familiar marcou de forma indelével opiniões, valores e crenças. Narrativas relativas às esferas sociais, culturais e de trabalho tornaram possível conhecer os contextos de vida, trabalho e relacionamentos. Sentimentos, crenças, gostos e valores foram expressos com palavras, mas também com silêncios. As opiniões a respeito da própria linguagem exigiram dos sujeitos uma reflexão sobre as suas capacidades comunicativas, provocando um exercício de reflexividade. As lembranças trouxeram à tona pessoas, tempos e lugares de grande significação emocional, assim como aspectos da dinâmica histórica e social de cada um.

Os discursos revelaram que não importa o lugar social ou as condições de vida do idoso, se mora sozinho, numa instituição ou com a família, se tem ou não oportunidades para o uso da comunicação verbal; cada um deles continua sendo um *ser da linguagem*. Vemos a linguagem como componente essencial para a saúde geral, para a inserção social e para a qualidade de vida, uma vez que todas as esferas de atividade humana pressupõem o seu uso.

Além da oportunidade de construir conhecimentos, esta pesquisa constituiu uma vivência feita de encontros, emoções, empatia. O desejo de ter a atenção de alguém, de dialogar, mesmo que por um tempo breve, fez de todos os sujeitos interlocutores sensíveis aos nossos questionamentos. Isto resultou em um rico material, abundante em quantidade, mas, sobretudo, em qualidade, o que nos proporcionou a possibilidade de conhecer uma situação muito heterogênea, onde coexistem imagens e conjunturas diversas, sendo todas elas parte da realidade passada e presente da velhice no Brasil.

Palavras chave: Linguagem; Envelhecimento; Idosos.

ABSTRACT

The contingent of aged people already reaches almost 10% of the Brazilian population, and these numbers continue to rise. The aim of this study is to investigate - by using the narrative of life histories - the language of six aged with their cognitive abilities preserved, viewing each one of them as a “language-being”, since the language is tied with the human being that uses it to interact as a social being in his context of life. We did so in contraposition to the (few) existing researches relating language and ageing, most of which presume the occurrence of cognitive decline in the oldness.

By doing individual interviews with elders, and by recollecting part of their life trajectory, we were able to acquire some knowledge about them. It was possible, as well, to think about their dialogue opportunities (or lack of it), the insertion in their family, work and social environment. Four of them lived in a Long-permanence Institution for the Elderly and the other two in their own domiciles.

The theoretical orientation was based on Mikhail Bakhtin’s concepts, due to his conception of language in a discursive, historical and social dimension that grants a central role to semiotics in the human constitution. By examining the narratives, it was possible to analyze the data that were organized according to six thematic subjects.

The dialogues originated long and moving stories. The family history marked opinions, values and beliefs in a way that cannot be extinguished. The narratives related to the social and cultural spheres made possible knowing their relationships and contexts of life and work. Feelings, beliefs and values were expressed by words, but also by moments of silence. The opinions regarding their language demanded a deep reflection about the own communicative capacities. The remembrances brought to conscience times, places and people of great emotional meaning, as well as aspects of the historical and social dynamics of each one’s lives.

The discourses showed that it does not matter what are the social conditions of life, or whether they live alone, with the family or in an institution. If they have opportunities to use verbal communication, each one of them continues to be a “language-being”.

We see the language as an essential component regarding the general health, the social insertion and the quality of life, since in every human activity the use of language is required and it is essential.

Besides the opportunity of constructing a new knowledge, this work constitutes a huge experience, full of emotional proximity and empathy. The desire to have someone’s attention, to interact and dialogue, even though for a short time, transformed them into sensible interlocutors to our needs. As a result, it was possible to obtain a rich and qualitatively abundant material. This research gave us an opportunity to learn about a very heterogeneous situation, in which coexists a variety of images and conjunctures, being all parts of the reality of oldness in Brazil.

Key words: Language, Aging, Aged.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo1: Perspectiva Teórica: A Linguagem e seu caráter intersubjetivo e dialógico: Mikhail Bakhtin	18
Capítulo 2: A velhice: breve olhar na história. Conceitos atuais. As instituições de longa permanência	28
2.1 A velhice em outros tempos e lugares.....	29
2.2 Conceitos e representações sobre velhice e envelhecimento.....	32
2.3 Envelhecimento saudável, ativo. Envelhecimento como construção discursiva	35
2.4 Estudos atuais sobre linguagem e envelhecimento.....	37
2.5 Instituições de Longa Permanência para Idosos.....	42
Capítulo 3: Procedimentos metodológicos	47
3.1 Recursos metodológicos: a entrevista, a história de vida.....	48
3.2 A instituição	55
3.3 Os sujeitos	57
Capítulo 4: O discurso dos idosos	69
Família e vida afetiva	71
Esferas sociais, culturais e de trabalho.....	78
Sentimentos, crenças, gostos e valores pessoais	87
Opiniões sobre a própria linguagem	97
Memórias	101
Vida na instituição	108

Capítulo 5: Considerações Finais	114
Referências Bibliográficas	121
Anexos	127
Anexo 1 Tradução dos enunciados de Gilda	128
Anexo 2 Consentimento Livre e Esclarecido	134
Anexo 3 Entrevista/roteiro de Interação.....	136

INTRODUÇÃO

Nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisto que a velhice - SIMONE DE BEAUVOIR (1990)

Este trabalho teve por objetivo conhecer a linguagem de sujeitos em processo de envelhecimento com as capacidades comunicativas preservadas. Tendo como ponto de partida que cada sujeito é um “ser da linguagem”, com o auxílio de narrativas construídas durante encontros com seis sujeitos idosos, foram realizadas para este trabalho indagações e explorados caminhos que nos permitissem uma aproximação ao tema *linguagem no envelhecimento*. Para tanto, examinamos detidamente os depoimentos obtidos por meio de entrevistas, na tentativa de apreender o modo como cada sujeito significava sua vida, como falava sobre ela, como via a si mesmo e a sua própria linguagem. Visto que a nossa preocupação não foi estudar alterações ou patologias que pudessem afetar a comunicação verbal, a pesquisa foi direcionada à construção de um conhecimento novo sobre o tema, com foco em sujeitos singulares, pertencentes a um contexto histórico e social determinado.

O fenômeno do envelhecimento e da longevidade vem despertando interesse crescente nas ciências¹, pois no mundo todo o ser humano tem conseguido alargar os limites de sua vida. A semelhança do que ocorreu primeiro nos países desenvolvidos, o envelhecimento populacional também ocorre de modo acelerado nos chamados “países emergentes”, entre os quais está o Brasil. Freitas (2004) reforça esta afirmação ao dizer que na atualidade, aproximadamente 60 % das pessoas idosas vivem nos países em desenvolvimento.

Envelhecimento populacional, na linguagem demográfica significa a mudança na estrutura etária da população, que resulta num aumento do peso

¹ Para obter mais informações a respeito de grupos e linhas de pesquisa sobre envelhecimento, consultar o artigo de PRADO, S e SAYD, J: *A Pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: pesquisadores, temas e tendências*. Ciência & Saúde Coletiva, 9(3):763-772, 2004. Também disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n3/a22v09n3.pdf#search=%22a%20pesquisa%20sobre%20envelhecimento%20humano%20no%20Brasil%22> – Acesso em 18 set. 2006.

relativo das pessoas acima de uma determinada idade, definida como o início da velhice (CARVALHO e GARCIA, 2003). Essa idade varia de sociedade para sociedade, e depende principalmente de fatores biológicos, culturais, ambientais e econômicos. Em concordância com o estabelecido pela Organização Mundial da Saúde convencionou-se considerar no Brasil o início da velhice quando se chega à idade de 60 anos. Esse critério também foi adotado nesta pesquisa.

De acordo com Parahyba (2005), dados provenientes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE mostram que em 2003 a população idosa alcançou aproximadamente 17 milhões de pessoas, representando quase 10 % da população total, havendo uma concentração maior entre as idades de 60 e 69 anos. O processo de transição demográfica se desenvolve de forma heterogênea, e reflete as desigualdades das condições sociais existentes no Brasil. Os estudos populacionais prevêm para o futuro próximo um aumento sustentado dessa parcela da população. Freitas (2004) esclarece que isto é devido ao fato de que o Brasil tem conseguido reduzir a fecundidade e, concomitantemente, a mortalidade em toda a população. *A característica populacional de cada país é um elemento importante para a adoção de uma política adequada à sua condição demográfica* (p. 22).

Um aspecto peculiar do envelhecimento é que a maioria dos idosos é formada por mulheres. Existe há muito tempo na população brasileira *uma situação de mortalidade diferencial por sexo* (BERQUÓ, 1999, p. 23), cabendo às mulheres uma expectativa de vida maior que aos homens. Este processo recebe o nome de *feminização* do envelhecimento e assinala um contexto social e histórico de vida determinado, que apresenta conseqüências significativas para as políticas sociais, em especial as relacionadas à saúde. De fato, segundo afirma Bassit (2004) foi constatado através de estudos sobre as condições de vida e saúde dos idosos que

... as mulheres idosas utilizam os serviços de saúde com maior frequência do que os homens idosos [...] entre os idosos que tem algum problema de saúde, as mulheres são a maioria. No caso dessas mulheres, ainda devemos considerar que a maioria das idosas de hoje tem uma situação econômica precária, tanto em função de rendimentos provenientes de trabalhos de baixa remuneração, como também pela dependência da renda e/ou pensão do marido. Estas informações sugerem uma estreita relação entre os problemas de pobreza na velhice e o gênero feminino. (p. 139).

Mas, a autora adverte que, mesmo levando em consideração a importância de atender às necessidades que a situação exige, não é desejável que o envelhecimento seja analisado somente por essa óptica, sob pena de enfatizar demais as conseqüências negativas desse processo, reduzindo a possibilidade de considerá-lo como uma realidade de nossas vidas, que pode ser vivida de maneiras muito diferentes.

Visto que os brasileiros vêm testemunhando o aumento do número de pessoas idosas e o impacto que esse crescimento causa na sociedade; e desde que o aumento do número de pessoas acima de 60 anos virou aos olhos de muitos setores, um “problema social” (PEIXOTO, 1998), tornou-se imperativo tomar contato com esta nova realidade e conhecer as necessidades dela emergentes.

ENVOLVIMENTO PESSOAL COMO O TEMA

A linguagem de homens e mulheres que envelhecem e não apresentam alterações decorrentes de processos degenerativos provocados por doenças neurológicas específicas, tem motivado meu interesse como pesquisadora, desde a graduação em Fonoaudiologia. Inicialmente, quando comecei o mestrado, meu projeto - abandonado logo depois do início - era elaborar algum tipo de instrumento para avaliar e/ou “medir” as características e, acima de tudo, as “mudanças” na linguagem durante o processo de envelhecimento. Os estudos realizados até então tinham me mostrado que em países como os Estados Unidos e a Alemanha essa e outras habilidades cognitivas são, há muito tempo, motivo de grande número de estudos.

No Brasil são poucas as pesquisas sobre este tema e, a semelhança das realizadas em outros países, os estudos aqui desenvolvidos geralmente tentam identificar o tipo e o grau das perdas que ocorrem no envelhecimento. No âmbito da Fonoaudiologia, a situação não é diferente, com o agravante da pouca atenção dada à velhice até o presente, em oposição à dedicação aos problemas na infância, evidenciando – quiçá - a grande dificuldade do ser humano em refletir sobre este tema que, inevitavelmente, o leva a pensar na finitude e nos significados atribuídos à vida e à morte.

As investigações em geral se referem às habilidades e desempenhos lingüísticos, enfocando problemas de memória avaliados por meio da aplicação de

testes cujos resultados são comparados, ora às habilidades lingüísticas de adultos jovens, ora às dificuldades de linguagem produzidas pelo acometimento da doença de Alzheimer e de outras demências senis, ou de lesões de origem neurológica. Quase todas as conclusões apontam que existiria na velhice uma deterioração progressiva dos aspectos cognitivos, e entre eles da linguagem, e afirmam que quanto mais velho for o sujeito, maior será a deterioração.

Estes estudos estão fortemente influenciados por uma visão centrada na identificação de alterações. A preocupação em mensurar o “problema” e em chegar a um diagnóstico pode ser considerada como reflexo de uma clínica tradicional que, na busca da “cientificidade”, aplica testes – geralmente de forma descontextualizada - e generaliza conclusões a respeito do uso e domínio da linguagem na velhice.

Nesta pesquisa consideramos a linguagem vinculada de modo indissolúvel ao *homem singular* que faz uso dela para interagir e comunicar-se nos diversos contextos de sua vida como ser social. Compartilhar com os idosos suas histórias, fortemente marcadas pelas experiências vivenciadas nos proporcionou a oportunidade de conhecer sujeitos social e historicamente situados. Junto com eles, nas entrevistas foram produzidos sentidos que emergiram dos diálogos. O produto desses encontros foi uma construção conjunta de conhecimentos que objetivou ilustrar novos caminhos para conhecer a linguagem no envelhecimento. Igualmente, foi possível tomar ciência dos desejos, das opiniões e das angústias de indivíduos, sem comprometimentos orgânicos, que ao mesmo tempo em que envelhecem e se afastam do mercado de trabalho, vão perdendo paulatinamente, de maneira perversa, as oportunidades de convívio social e o direito de ter/usar sua própria voz.

Este trabalho surgiu principalmente como consequência da constatação da carência de estudos relacionando velhice e linguagem revelou deste modo, uma área não tradicional dentro da Fonoaudiologia, fato que constituiu para mim mais um aspecto provocador. Essa falta de pesquisas nos levou a consultar um grande número de publicações, de áreas como a Antropologia, a Psicologia, a Gerontologia, a Educação, a Lingüística, entre outras, na tentativa de obter conhecimentos atualizados sobre as singularidades do processo de envelhecimento e sobre a linguagem como instrumento de mediação social-semiótica.

A orientação teórica adotada baseia-se nos conceitos de Mikhail M. Bakhtin em razão da sua concepção de linguagem pautada numa dimensão discursiva, de caráter interativo, histórico, cultural e social (BRAIT e MELLO, 2005),

que afirma o papel central da dimensão semiótica na constituição do sujeito. A conceituação de linguagem como essencialmente dialógica de Bakhtin, aproxima-se da idéia da linguagem como prática social de Lev. S. Vigotski – autor no qual também nos apoiamos - pois ambos situam o foco no funcionamento humano nas interações sociais.

Vemos a linguagem como sendo um componente essencial para a saúde geral, para a inserção social e para uma vida com qualidade, na medida em que todas as esferas de atividade humana pressupõem um contexto social e o uso da linguagem, sendo esta constitutiva do sujeito. Este processo de constituição se desenvolve ao longo de toda a vida, somente cessa com a chegada da morte.

A despeito do declínio biológico próprio do envelhecimento, o sujeito conserva possibilidades de desenvolvimento e mudança devidas à *plasticidade* de seu funcionamento, que lhe permite continuar no processo de internalização, desenvolvimento e transformação, pois estes aspectos dizem respeito à formação do homem do nascimento à morte. Todas as funções superiores (memória, linguagem, pensamento, formação de conceitos, etc.) são relações sociais internalizadas. Nos níveis superiores de desenvolvimento aparecem as relações mediadas pelo signo, graças ao qual se estabelece a comunicação (VIGOTSKI, 1995). O uso da linguagem organiza as funções superiores, tipicamente humanas, e essa transformação ocorre ao longo da vida graças à plasticidade do cérebro, sendo para isso fundamental a interação social e o uso dos signos.

Este estudo objetivou, então, refletir a respeito da linguagem no processo de envelhecimento, e para isso foram utilizados os relatos da memória de vida de seis sujeitos. Nesse percurso pudemos testemunhar como o idoso, enquanto faz uso da sua linguagem, se desdobra e toma a si mesmo como objeto de atenção e análise, reflete sobre suas oportunidades (ou falta) de diálogo, significa e avalia sua vida, sua inserção na família, no trabalho, na cultura e nas atividades sociais, tanto no passado como no presente. Os entrevistados tiveram a oportunidade de recuperar e reexaminar suas lembranças, seus sentimentos, valores e as relações interpessoais estabelecidas ao longo da vida. Nosso desejo foi tentar captar como o sujeito se significava como “ser da linguagem”, e que relação estabelecia com a própria linguagem. A partir de encontros realizadas com pessoas com 60 anos de idade ou mais, foi possível interagir, observar, conhecer sujeitos pensando e falando sobre sua trajetória de vida, sua linguagem, relatando as suas experiências.

Entre os meses de maio e novembro de 2004, foram realizadas as entrevistas. O grupo era composto por cinco mulheres e um homem, com idades entre 61 e 81 anos, sendo quatro - um homem e três mulheres - solteiros e residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, e os outros dois, mulheres, viúvas, que moravam numa cidade de grande porte do interior de São Paulo.

A inclusão desta pesquisa no Programa de Pós Graduação em Educação se justifica, em primeiro lugar, pela vocação do núcleo de Práticas Educativas e Processos de Interação em englobar pesquisas cujos temas digam respeito à formação do sujeito como ser social e historicamente constituído e à sua inserção/integração na sociedade. Em segundo lugar, pela sintonia na abordagem teórica que existe entre este estudo e a adotada pelo citado núcleo.

A fim de mostrar o caminho percorrido durante a realização da pesquisa, dividimos o texto em cinco capítulos. O primeiro, chamado “Perspectiva Teórica”, apresenta a abordagem teórica adotada nesta pesquisa, fundamentada nos conceitos de linguagem dialógica e discursiva, presentes na obra de M. Bakhtin, e também reflete sobre a concepção de linguagem constitutiva do sujeito, segundo L. Vigotski e outros importantes autores alinhados com estas abordagens. No capítulo seguinte, intitulado “A Velhice: Breve História. Conceitos Atuais. As ILPI” fazemos um rápido percurso por épocas passadas mostrando como o velho era visto e tratado por algumas culturas; apresentamos conceitos atuais e representações vigentes sobre o envelhecimento, expomos alguns tipos de pesquisas sobre linguagem no envelhecimento que foram realizados nos últimos anos em várias áreas das ciências e oferecemos informações sobre a Instituição de Longa Permanência como modalidade de moradia.

No terceiro capítulo, “Procedimentos Metodológicos”, são introduzidos os aspectos relacionados à abordagem metodológica, começando com uma apresentação da instituição na qual residem quatro dos seis sujeitos entrevistados. Depois expomos aspectos ligados à entrevista feita para conhecer as narrativas que forneceram os dados, e informações sobre os sujeitos. O capítulo quarto, “O Discurso dos Idosos”, apresenta os dizeres que originaram os dados construídos e analisados à luz da abordagem teórica. Por último, no capítulo cinco, “Considerações Finais” concluímos com alguns destaques que procuram apresentar as reflexões provocadas por este trabalho, na expectativa de que as mesmas

despertem em outros pesquisadores o desejo de continuar com esta linha de pesquisa e com este tema que é de grande atualidade e que requer uma construção contínua de conhecimentos.

Capítulo 1.

PERSPECTIVA TEÓRICA: A LINGUAGEM E SEU CARÁTER INTERSUBJETIVO E DIALÓGICO: MIKHAIL BAKHTIN.

...um sujeito como tal não pode ser percebido nem estudado como coisa, uma vez que sendo sujeito não pode, se continua sendo-o, permanecer sem voz; portanto seu conhecimento só pode ter caráter dialógico
BAKHTIN (1985)

El hombre, incluso a solas consigo mismo, conserva funciones de comunicación – VIGOTSKI (1995)

Este estudo da linguagem em idosos assume uma perspectiva teórica baseada nos conceitos de Mikhail M. Bakhtin. A escolha desta abordagem ocorreu em função da possibilidade que este autor abre para o entendimento do sujeito em uma dimensão semiótica e social.

Mikhail Mikhailóvich Bakhtin¹ emergiu na segunda metade do século XX como um dos maiores pensadores do nosso tempo. Nasceu em 1895, em Oriol, ao sul de Moscou. Formou-se em História e Filologia na Universidade de São Petersburgo e dedicou-se, principalmente, a pesquisas teóricas nos campos da literatura e do discurso. Em vida publicou apenas dois livros, estudos clássicos sobre a obra dos escritores Dostoiévski e Rabelais. Mais tarde verificou-se a existência de outros textos legitimamente bakhtinianos que, na época, haviam sido editados sob a assinatura de Voloshinov e Medvediev, integrantes de um grupo de intelectuais conhecido como “O Círculo de Bakhtin”. Em 1923, teve um diagnóstico de osteomielite, doença que o fez sofrer até o fim da vida. Na década de 30, durante um dos expurgos de artistas e intelectuais do governo de Stalin, foi preso e

¹ Fonte: C. Tessa: http://www.cristovaotezza.com.br/critica/nao_ficcao/f_prosa/p_030622.htm;
http://www.cristovaotezza.com.br/textos/resenhas/p_9805_cult.htm

deportado para o Cazaquistão. O exílio durou seis anos. Suas obras ganharam notoriedade após sua morte, que ocorreu em Moscou em 1975. A originalidade de sua obra abarca campos diversos, como a semiótica, a teoria literária, a teoria social, a teoria lingüística, a psicologia, a antropologia e os estudos da comunicação, tendo adquirindo reconhecimento no decorrer do processo de sua divulgação.

A linguagem tem valor intersubjetivo e dialógico, tanto para Bakhtin como para Vigotski, autor que nos auxilia nesta pesquisa para a compreensão da linguagem como ação humana, cujo papel mediador põe em relação o homem com o outro e com sua história. Ambos os autores consideram a interação como lugar privilegiado da linguagem. Para MORATO (2000) é possível encontrar inter-relações entre Vigotski e Bakhtin, existindo entre eles um “ar de família” que pode ser percebido ao se levar em conta que ambos concebem a linguagem como atividade, como processo, como ação sobre o pensamento e sobre a cultura.

Lev Semyonovich Vigotski nasceu em 1896 em Orsha, na Rússia. Teve uma formação humanística voltada para a Filosofia e a Literatura. Coursou estudos em Direito, Filosofia e Medicina, mas seus interesses abrangiam muitas outras áreas, como a Lingüística, as Ciências Sociais, a Filosofia e as Artes. Fundou o Instituto de Estudos das Deficiências, em Moscou. Na mesma época dirigiu um departamento de educação especial para deficientes físicos e mentais. Seu interesse pela psicologia derivou de sua experiência com educação especial (PALANGANA, 1994). Apesar de sua vida breve, a atuação profissional e a produção científica de Vigotski foram muito intensas. Seus trabalhos fizeram eco às urgentes necessidades da época. Morreu em 1934.

Bakhtin e Vigotski foram contemporâneos. No entanto, não há evidências de que tenham se conhecido. Ambos viveram num tempo de grande efervescência intelectual e conturbação política e social que caracterizou a época da Revolução de Outubro de 1917, da Primeira Guerra Mundial e o período posterior, o que, certamente deixou marcas na produção intelectual de ambos. A natureza dialógica da linguagem, em Bakhtin aproxima-se da visão da linguagem como prática social e cultural, de Vigotski. *A vertente comum a ambos é a da constituição social que define o Homem como um ser de Cultura e o papel preponderante da dimensão*

*semiótica na constituição do humano. O foco de análise está para ambos no plano social.*¹

A adoção desta abordagem teórica é especialmente profícua para esta pesquisa, pois todo o material obtido no trabalho de campo e que constitui a fonte dos nossos dados é formado por diálogos, enunciados, interações, encontros, discursos, enfim, a linguagem como prática social e cultural. Ao mesmo tempo ilumina o nosso caminho para que possamos perceber nos enunciados e através deles os diversos significados, o individual e o social, o cultural e o ideológico, os ecos das múltiplas vozes sociais, outros tempos e espaços de vida, multiplicando, desse modo, as possibilidades de atingir uma compreensão melhor e maior *do sujeito* e dos sujeitos, e de adotar uma postura ética diante dos mesmos e do ato de produzir conhecimento.

A partir desta reflexão podemos dizer que nesta perspectiva, o homem é compreendido em seu caráter histórico e social. Cada um dos sujeitos desta pesquisa participou ao longo de sua vida - e continua participando - na teia das relações sociais, incorporando os componentes da cultura à qual pertence e que o rodeiam no processo ininterrupto de sua constituição. Nas palavras de Pino (2000, p. 9):

... o que faz de um indivíduo da espécie Homo um ser humano é a incorporação dos componentes da cultura do meio social em que está inserido. A incorporação é, no caso, sinônimo de constituição de si mesmo, a partir dos componentes da cultura. Isto só ocorre [...] pela progressiva participação da criança (o homem) na trama da complexa rede de relações sociais em que, desde o nascimento, está sendo envolvida.

Para Bakhtin (2003), todos os campos da atividade humana estão relacionados ao uso da linguagem. A comunicação verbal é compreendida como sendo constituída por um fluxo de *enunciados* concretos, pois o enunciado é a unidade real da comunicação verbal. O autor explica que o uso da língua que falamos *... efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana* (p. 261).

¹ CONTI, Clícia A. M e GAMBURGO, Lilian J. L.: Vygotsky e Bakhtin: A dimensão Semiótica na Constituição do Humano. 2004. (Texto não publicado).

Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (p. 272). E, sendo um elo, não pode existir separado dos elos anteriores que o determinaram, e, por sua vez, determina os que virão a seguir no fluxo dialógico. No trabalho de campo, durante as interações, os enunciados dos idosos e da pesquisadora adquiriram sentidos justamente por serem elos na corrente do nosso diálogo.

A fala, então, só existe na forma de enunciados que formam o discurso de sujeitos concretos. Nas palavras de Bakhtin:

*O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma [...] os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, **fronteiras** claramente delimitadas* (1992, p. 291, grifo do autor).

Essas fronteiras estão determinadas pela alternância dos interlocutores nas diversas esferas da atividade humana, pois

*É no diálogo real que esta alternância dos sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente; os enunciados dos interlocutores (parceiros do diálogo), a que chamamos de réplicas, alternam-se regularmente nele. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a **posição do locutor**, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, **uma posição responsiva*** (p. 294, grifos do autor).

As réplicas do diálogo se interligam e se relacionam, constituindo infinitas situações de diálogo onde os interlocutores se alternam. Esta relação só é possível porque existe o *outro* que é parceiro da comunicação verbal. A alternância dos sujeitos é, segundo Bakhtin, uma das características do enunciado, visto como unidade de comunicação verbal. Outra característica é o *acabamento*: *O acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior* (p. 299). A alternância ocorre porque um dos sujeitos do diálogo disse (de forma verbal ou escrita) ‘tudo’ que queria nesse momento, dando ao outro a

indicação de que o seu enunciado acabou, e que pode adotar uma atitude responsiva para com ele. O acabamento é necessário porque ele possibilita uma reação do interlocutor ao que foi enunciado, é um indício de *totalidade*.

Bakhtin explica que a *totalidade acabada do enunciado*, que suscita algum tipo de resposta, é determinada por três fatores que são inseparáveis do enunciado: 1. O *tratamento exaustivo do tema*, que varia muito e depende da esfera da comunicação verbal. 2. O *intuito discursivo*, ou *querer-dizer*. Em qualquer enunciado,... *desde a réplica cotidiana monolexêmica até as grandes obras complexas científicas ou literárias...* (p. 300), captamos o que o nosso interlocutor quer dizer, e esse querer-dizer, tal como o compreendemos nos dá a indicação do acabamento do seu enunciado. Isso acontece nos diálogos sem que o percebamos, de modo natural durante a interação. 3. As formas estáveis do *gênero do enunciado*. Este fator, segundo Bakhtin, é o mais importante: *O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na **escolha de um gênero do discurso*** (p. 301, grifo do autor). Nos diálogos em que tomamos parte, usamos os gêneros do discurso com habilidade e quase sempre sem dar-nos conta. A escolha é determinada pelas necessidades da temática que está sendo tratada, ou também pela especificidade do contexto de comunicação ou do conjunto dos participantes do diálogo. O querer-dizer se adapta ao gênero escolhido, que pode corresponder às mais variadas esferas de comunicação da vida cotidiana. Com base no exposto acima, entendemos que o enunciado é de natureza social, pois o sujeito e seu interlocutor são indissociáveis do contexto social e cultural em que o diálogo ocorre.

Os processos humanos, segundo Vigotski, só podem ser compreendidos em seu caráter social, histórico e cultural. O ser humano significa a si próprio e ao mundo que o rodeia por meio da experiência social. GÓES (2002, p. 98-9) diz que *Sua compreensão da realidade e seus modos de agir são mediados pelo outro, por signos e instrumentos, isto é, são constituídos pela mediação social-semiótica*.

Na interação promovida com os idosos o contexto social imprimiu nos enunciados de cada interlocutor os valores próprios do contexto. Nas entrevistas ouvimos cada sujeito falar de si, de sua história, das suas crenças e da sua linguagem, utilizando-a e se referindo a ela e às oportunidades para atuar como ser da linguagem. O sujeito, tomando como objeto de atenção sua linguagem e suas

oportunidades de interação e diálogo, nos remete ao conceito de *reflexividade* de Vigotski, explicitado por Smolka:

*... uma característica fundamental (da linguagem) é a reflexividade, isto é, a propriedade/possibilidade que a linguagem apresenta de remeter a si mesma. Ou seja, **fala-se da linguagem com e pela linguagem**. Ainda, **o homem fala de si, (re)conhece-se, volta-se sobre si mesmo pela linguagem**, a qual pode falar de seu próprio acontecimento. [...] usamos a língua/linguagem para configurar, estudar, conhecer, analisar a própria atividade na qual estamos imersos, da qual não nos podemos desprender e que circunscrevemos como objeto de estudo. Se é possível um certo distanciamento, se a reflexividade é possível, **não podemos nunca nos situar “fora” da linguagem**. Mais do que objeto e meio/modo de abordagem, a linguagem é constitutiva dos processos cognitivos e do próprio conhecimento, uma vez que a apropriação da linguagem é condição fundamental do desenvolvimento mental. Isso permite conceber a linguagem como condição de cognição, e nos leva a indagar a linguagem como lugar de origem da conduta simbólica. (SMOLKA, 1995a, pp. 41-42, grifos nossos).*

A linguagem nomeia, designa, estabelece relações. É o modo de ação e interação e, dir-se-ia que é (quase) o único modo de relação com o outro que o idoso conserva. É um modo fundamental de significação, onde se produzem signos e sentidos, e nesse processo o sujeito se constitui (SMOLKA, 1995b).

O sujeito (idoso) deste estudo falou de si, e, ao fazê-lo se reconheceu pela linguagem. Mas a linguagem não é transparente, muitas vezes, ao longo das entrevistas, foi possível perceber o quanto do sujeito era por ele silenciado, ou às vezes, o quanto era revelado sem querer, pois a linguagem ... *significa por meio do “não dito” e não necessariamente significa por meio do que é dito [...] ela funciona, às vezes, por si, produzindo múltiplos efeitos, múltiplos sentidos...* (SMOLKA, 1995b, p. 20). Os conteúdos e o modo de falar dos sujeitos entrevistados refletiram o lugar social por eles ocupado no que se refere ao grupo social, formação profissional, situação sócio-econômica, situação educacional, ecoando ao mesmo tempo múltiplas e diferentes vozes sociais que se imbricavam com as deles. Verificamos assim que numa pesquisa cada entrevista é importante e diferente de todas as outras: ... *o que o trabalho nos ensina não é a importância abstrata do indivíduo [...]*

mas a importância idêntica de todos os indivíduos (PORTELLI, 1997, p. 17-18, grifos do autor).

Segundo Bakhtin (2003), *por sua simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva* (p. 275). Foi dialogando com os idosos, trocando enunciados nas interações que realizamos as entrevistas. O dialogismo é elemento chave no pensamento bakhtiniano: não existe fala isolada, a comunicação verbal sempre ocorre na forma de diálogo, e este pressupõe o *outro*.

À palavra e à interação verbal é conferido papel fundamental no pensamento de Bakhtin. À palavra cabe a mediação nas relações interpessoais. A consciência individual se desenvolve na apropriação das relações sociais. É através dos outros que nos tornamos nós mesmos (GÓES, 2000). Assim sendo, a subjetividade e o desenvolvimento do homem se processam de modo partilhado. As interações devem ser consideradas, portanto, como situações num conjunto complexo de relações sociais. Dentre elas, as relações dialógicas são relações nas quais são produzidos os sentidos e as significações. Estas, segundo Bakhtin, surgem na utilização das palavras dentro de enunciados de um indivíduo particular e num dado contexto. De acordo com Faraco (2003) os sujeitos se constituem e vivem numa intrincada rede de signos, que ocorrem nas inúmeras esferas da atividade humana.

Foi, pois, na troca de enunciados entre os interlocutores que foram colhidos os depoimentos que formam o *corpus* desta pesquisa, daí a importância de definirmos a noção de enunciado, que tem um papel essencial na concepção de linguagem aqui adotada, que inclui ... *a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos* (BRAIT e MELO, 2005, p. 65). Na teoria enunciativo-discursiva da linguagem de Bakhtin encontra-se uma estreita relação entre os conceitos de enunciado e outros, essenciais para a compreensão da linguagem, e que são utilizados amplamente neste trabalho, como interação, linguagem verbal, diálogo, entre outros (op. cit.).

Em *Discurso na vida e discurso na arte* (obra de 1926) a definição de enunciado abrange, para Bakhtin, três fatores que estiveram presentes nas entrevistas: (a) o *horizonte espacial comum* dos interlocutores, (b) o *conhecimento e a compreensão comum* aos interlocutores da situação em curso e (c) a *avaliação comum* da situação. Brait e Melo (2005) ainda acrescentam:

Nesta perspectiva, o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico ... (p 67).

A linguagem é meio de comunicação e expressão dos sentimentos e do pensamento. O uso da linguagem e o diálogo são fatores essenciais que intervêm na preservação da saúde geral e na garantia de uma vida com qualidade, visto que o contexto social emoldura todas as manifestações e atividades humanas, notadamente as interações com familiares, amigos, colegas. A linguagem é constitutiva, e esse processo de constituição se desenvolve ao longo de toda a vida. Assim, vemos a linguagem do sujeito em processo de envelhecimento como meio essencial para a continuidade da sua inserção social.

Sendo atividade constitutiva e meio de comunicação e expressão, pode-se dizer que a linguagem também é instrumento de recuperação, expressão, reflexão e compreensão das narrativas da história de vida e da memória construída socialmente. Durante as interações, cada um dos sujeitos relembrou parte de sua memória e de sua história de vida. Isto significa dizer que a linguagem e as interações discursivas também são meio de constituição da subjetividade e da intersubjetividade nas experiências partilhadas socialmente.

Nas entrevistas foram propiciados diálogos vivos e espontâneos com sujeitos *singulares*. Neste sentido, não temos a pretensão e nem existe possibilidade de fazer generalizações quando falamos do idoso. O envelhecimento é um fenômeno essencialmente heterogêneo. O sujeito e seu discurso também são heterogêneos, pois são constituídos por diferentes vozes que se fazem ouvir como se participassem de um concerto polifônico. Todo indivíduo é único, singular e social. Toda vez que ele se expressa, usa uma linguagem que é própria, mas ao mesmo tempo é também de outros. Na sua fala emerge a diversidade de valores e ideologias:

Todo o dizer, por estar imbricado com a práxis humana (social e histórica), está também saturado dos valores que emergem dessa práxis. Essas diferentes verdades sociais (essas diferentes refrações do mundo) estão materializadas semioticamente e redundam em diferentes vozes ou línguas sociais ... (FARACO, 2003, p. 107).

Para Bakhtin o discurso é um acontecimento e *...o sentido do texto produz-se no acontecimento dialógico, isto é, entre posições singulares que se confrontam* (AMORIM, 2003, p. 18). Ao falar de sentidos e significações, a autora discute dois conceitos muito importantes para a teoria bakhtiniana: polissemia e polifonia; *A polifonia é da ordem do discurso e, portanto, do acontecimento: outras vozes se fazem ouvir, num dado momento, num dado lugar, dando origem a uma multiplicidade de sentidos* (AMORIM, 2002, p. 12-13), como aconteceu nas entrevistas. Já a polissemia remete as múltiplas possibilidades de significação.

Bakhtin se dedicou à construção de uma perspectiva social do sentido e da significação, e às características da interação social pela qual é realizado o significado. Essa visão emerge do fato que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta. A construção dos significados é um efeito da interação dos interlocutores. *... a compreensão que decorre do diálogo, institui a réplica, a contrapalavra, sendo através do processo de compreensão ativa e responsiva que a significação se realiza* (PANHOCA, LACERDA e FREITAS, 2000, p.10).

As significações surgem e se transformam constantemente no discurso. *Na apropriação do discurso, apropriamo-nos também de conceitos, valores, etc., que transitam socialmente ...* (KASSAR, 2000, p. 45). Nessa apropriação do discurso socialmente construído, os sujeitos formam seus conceitos sobre o mundo e sobre si. *(...) a constituição da subjetividade é marcada pelas condições de produção (materiais e ideológicas) nas quais cada pessoa se insere* (op. cit).

Nossos interlocutores foram sujeitos situados historicamente, pertencentes a uma dada realidade social e cultural. Cada um pressupunha uma história, um contexto de existência. Nos encontros propiciados pelas entrevistas, ao instaurar o diálogo tentamos ver e compreender os sujeitos desde um lugar exterior, exotópico, conforme definido por Amorim (2003):

*Exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. Esse lugar exterior permite, segundo Bakhtin, que se veja do sujeito algo que ele próprio nunca pode ver; e, por isso, na origem do conceito de exotopia está a idéia de dom, de doação: é **dando** ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador [...] dá de seu lugar, isto é, dá aquilo que somente de sua posição, e, portanto, com seus valores, é possível enxergar* (p. 14, grifo da autora).

O referencial teórico adotado possibilita refletir sobre a dimensão semiótica, cultural e histórica da linguagem de sujeitos em processo de envelhecimento. A opção pelos conceitos de Bakhtin na análise dos dados encerra fecundas perspectivas de trabalho com o sujeito de estudo das ciências humanas e a compreensão dos fatores que possibilitam o diálogo; segundo Amorim (2001) Bakhtin *concebe as ciências humanas como ciências do discurso* (p. 25).

O diálogo não é entendido (só) no sentido de conversação entre duas pessoas (CLARK e HOLQUIST, 1998), mas como lugar de encontro e tentativa de compreensão do outro, do diferente. A dialogia, para Bakhtin é ... *encontro de vozes que se realiza e acontece de diversos modos: seja no diálogo face a face, seja no inescapável, constitutivo “concerto polifônico” quando, nas palavras que falamos, ressoam as palavras dos outros.* (SMOLKA, 1993, p.10).

No próximo capítulo fazemos uma pequena introdução histórica sobre o tema e em seguida apresentamos conceituações, representações e visões atuais sobre envelhecimento, que ajudarão a contextualizar o tema. Logo a seguir são apresentadas algumas pesquisas que foram realizadas nos últimos anos em várias áreas das ciências, sobre linguagem no envelhecimento. Achemos importante destacar alguns tipos de estudos que vêm sendo realizados, para possibilitar a percepção de como estes se encontram distantes teórica e metodologicamente da nossa abordagem e concepção da linguagem e seu papel essencial na mediação semiótica entre os homens. Por último, apresentamos uma visão geral da modalidade de moradia hoje conhecida como ILPI, Instituição de Longa Permanência para Idosos.

Capítulo 2.

A VELHICE: BREVE OLHAR NA HISTÓRIA. CONCEITOS ATUAIS. AS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA

Somente os seres humanos têm história e por isso a linguagem é necessária – SÔNIA KRAMER (2003)

Este capítulo, em primeiro lugar, trata brevemente das concepções e tratamentos dispensados à velhice por alguns povos da Antigüidade. Tal conhecimento se faz importante para este estudo uma vez que entendemos que tais concepções são construídas através dos tempos, têm uma história, trazem marcas de outras épocas e estão em constante transformação. Por não termos a intenção central de focar dados históricos, mas sim contemplá-los na medida em que contribuem para o entendimento do nosso objeto de estudo, apresentamos aqui somente alguns exemplos que permitem perceber que, não só na atualidade, mas também no passado o idoso era objeto de posicionamentos contraditórios. Em seguida abordamos conceitos e representações de “velho”, “idoso”, “terceira idade”; apresentamos visões do envelhecimento e da velhice que circulam nos tempos atuais e comentários a respeito de pesquisas sobre linguagem no envelhecimento *saudável*.

Hoje ganham cada vez maior realce nos discursos científicos e oficiais as expressões *envelhecimento saudável* e *envelhecimento ativo*. Elas são relevantes e denotam o desejo de todos de chegar aos últimos anos da vida nas melhores condições possíveis. A esses conceitos acrescentamos a idéia de Couto e Rocha-Coutinho (2003) de velhice como *construção discursiva*, que, ao atribuir significações e ditar condutas determina modos de agir dos grupos sociais diante do envelhecimento. Finalizamos com a apresentação das Instituições de Longa Permanência para Idosos como modalidade de moradia.

2.1. A VELHICE EM OUTROS TEMPOS E LUGARES

No seu livro *A Velhice*¹, considerado um clássico sobre o tema e publicado em 1970, Simone de Beauvoir afirma que é comum os homens evitarem os aspectos de sua natureza que lhes desagradam, e do mesmo modo fazem com a velhice. Devido à óbvia associação com a idéia da finitude da vida, a velhice causa horror e medo, sendo para a sociedade uma *espécie de segredo vergonhoso*, do qual é melhor não falar. Foi precisamente para *quebrar a conspiração do silêncio* (p. 8) que a filósofa escreveu esse livro, pioneiro para a época de sua publicação no uso de uma linguagem de denuncia, e que ainda continua muito atual, como mostra o seguinte trecho:

A atitude da sociedade para com os velhos é (...) profundamente ambígua. Em geral, ela não encara a velhice como uma fase da idade nitidamente marcada. A crise da puberdade permite traçar entre o adolescente e o adulto uma linha de demarcação que é arbitrária apenas dentro de limites estreitos: com 18 anos, com 21 anos, os jovens são admitidos na sociedade dos homens. Quase sempre os ritos de passagem envolvem esta promoção. O momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares. Não se encontram em parte alguma ritos de passagem que estabeleçam um novo estatuto (p. 9).

Segundo esta autora, é difícil escrever uma história da velhice, pois não se acham documentos que façam referência específica ao grupo dos idosos, tendo sido estes historicamente englobados no conjunto dos adultos. As representações da velhice se apresentam de modo diverso conforme os tempos e os lugares e se elas refletem ou não a realidade, é difícil de determinar.

Os grupos sócio-culturais conferiram lugares e papéis diferentes aos idosos; *O velho, enquanto categoria social, nunca interveio no percurso do mundo*, pois, ao perder sua capacidade de produzir, tornou-se [...] *um puro objeto [...] ele não serve para nada: nem valor de troca, nem reprodutor, nem produtor, não passa de uma carga* (p. 110).

¹ Trata-se de uma obra literária, mas a autora baseou-se em resultados científicos de várias áreas, principalmente das ciências sociais (DOLL, 2004).

Beauvoir relata que um dos registros mais antigos dedicado à velhice provém do Egito e data de 2500 antes de Cristo. O autor do texto, Ptah-hotep, filósofo e poeta, lamenta:

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem (...) (p. 114).

Beauvoir estudou principalmente a velhice nas sociedades ocidentais. A China constituiu a exceção a essas sociedades, uma vez que nela se destacava a condição privilegiada proporcionada aos velhos nessa nação. A civilização China era *fortemente hierarquizada*, existindo um poder centralizado e autoritário. Devido às condições geográficas e econômicas, a população precisava mais do que de evoluir, de sobreviver. A administração era composta de letrados cuja responsabilidade e qualificação aumentava ao longo do tempo, encontrando-se os mais antigos no ponto mais alto da hierarquia. Esta posição elevada repetia-se na família, que era a base da coletividade. A estrutura familiar não admitia contestação, a mulher devia obediência ao marido, o filho ao seu pai e o mais moço ao mais velho. A autoridade do patriarca não diminuía com a idade e o respeito estendia-se a todos os idosos. Confúcio justificava essa autoridade ao associar a sabedoria à velhice. Na literatura chinesa a velhice nunca é descrita como desgraça.

O povo judeu é conhecido pelo respeito com que cercava os mais velhos, os *zkenim* (em hebraico bíblico este termo, além de significar pessoas idosas, podia referir-se aos líderes, chefes de tribo, cabeça de clã, sábios, juízes)¹. Os autores dos livros sagrados descreveram uma sociedade patriarcal na qual os *zkenim* eram os eleitos e porta-vozes de Deus; ... *como em todas as sociedades agrícolas avançadas, os anciãos tinham certamente um papel importante na vida pública, e, enquanto conservavam algum vigor físico e moral, o homem mais idoso da família a governava* (p. 116). A longevidade era considerada a recompensa

¹ INBAR, Moti: Monografia a respeito da ocorrência e significados da palavra *zkenim* nos textos bíblicos, como parte do curso Encontros Bíblicos. Rio de Janeiro, 200- Texto não publicado.

suprema da virtude, *Abençoada por Deus, a velhice exige obediência e respeito* (p. 115).

Há poucas informações sobre os velhos entre os outros povos da Antigüidade. Na maioria das mitologias a velhice é tratada sob o ângulo do conflito de gerações, no qual a juventude obtém vantagem. Desde o antigo Egito até o Renascimento, as informações sobre o tratamento dado à velhice provêm da literatura, da arte, da iconografia, do folclore, dos registros históricos da Igreja. Em todas estas formas de expressão a velhice é retratada de forma estereotipada, como descreve Bosi:

... A velhice é o inverno da vida. A brancura dos cabelos e da barba evoca a neve, o gelo: há uma frieza do branco à qual se opõem o vermelho – o fogo, o ardor – e o verde, cor das plantas, da primavera, da juventude. Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da História, o velho não interessa, não nos damos ao trabalho de estudá-lo em sua verdade. E, além disso, há na sociedade uma determinação que é a de silenciar sobre ele. Seja exaltando-o ou aviltando-o, a literatura o dissimula em clichês [...] Com relação à juventude e à maturidade, ele é considerado como uma espécie de referência negativa: não é o próprio homem, mas seu limite; fica à margem da condição humana; nele não a reconhecemos, e não nos reconhecemos nele (pp. 200-201).

A autora menciona *uma brilhante exceção*: a obra *O Rei Lear*, de Shakespeare, do início do século VXII, por ser uma das únicas grandes obras que tem por herói um velho: *... nela, a velhice não é concebida como o limite da condição humana, mas como sua verdade, é a partir dela que é preciso compreender o homem e sua aventura terrestre* (p. 201).

As mudanças produzidas na Europa no século XIX influenciaram a condição dos idosos e a idéia que a sociedade tinha da velhice. Isto se deveu em parte a um grande crescimento demográfico ocorrido em todos os países, aumentando o número de idosos em alguns setores da sociedade. O progresso da ciência ampliou os conhecimentos a respeito da velhice, e esse saber permitiu à medicina tratar e curar os idosos, pois eles passaram a ser demasiado numerosos para serem silenciados pela literatura, que tenta, a partir de então, traçar um retrato mais realista da sociedade, descrevendo tanto os velhos privilegiados como os das

classes mais baixas. No entanto, as circunstâncias não se tornaram mais favoráveis para os idosos pobres, pois ao longo do século a evolução econômica cobrou suas vítimas:

Três fenômenos estreitamente ligados acompanharam por toda parte a progressão demográfica: a revolução industrial, um êxodo rural que acarretou um desenvolvimento urbano, e o florescimento de uma nova classe: o proletariado. [...] As transformações foram nefastas para os velhos. Nunca, na França e na Inglaterra, a condição deles foi tão cruel quanto na segunda metade do século XIX. O trabalho não era protegido; homens, mulheres e crianças eram impiedosamente explorados. Ao envelhecerem, os operários ficavam incapazes de suportar o ritmo de trabalho (pp. 235-236).

A urbanização da sociedade continuou no século XX, e como conseqüência foi desaparecendo gradualmente a família patriarcal, sendo que o progresso da industrialização deu um impulso cada vez maior à dissolução da família. O envelhecimento da população ocorrido nos países industrializados fez com que a sociedade assumisse o lugar da família.

Beauvoir revela que o prestígio outorgado à velhice em determinados momentos da história e por algumas culturas diminuiu em virtude do descrédito dado à noção de experiência, novamente mostrando com essa afirmação a atualidade de sua obra, publicada em 1970:

Um fato contundente [...] é que o prestígio da velhice diminuiu muito, pelo descrédito da noção de experiência. A sociedade tecnocrática de hoje não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim que acaba perecendo. A idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados (p. 257).

2.2. CONCEITOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO.

Na atualidade o tema velhice e os próprios idosos adquiriram uma grande visibilidade. A mudança nos indicadores demográficos em todos os países é de tal

ordem que resulta impossível ficar indiferente a este tema. Porém, não existe uma visão única, como assevera Beauvoir: *A velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar esta pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção* (BEAUVOIR, 1970, p. 345).

Boa parte dos estudos realizados para tentar decifrar este enigma que é o envelhecimento humano se baseou no pressuposto de que a vida é dividida em ciclos ou fases “universais”, a saber: infância, adolescência, maturidade e velhice, cabendo a cada uma um conjunto de características que lhe seriam próprias. Com o avanço das investigações chegou-se a uma conclusão que permeia todos os estudos: o envelhecimento é um fenômeno essencialmente heterogêneo, e as pessoas vivenciam o seu envelhecimento nas mais variadas formas:

... envelhecer é uma experiência única para cada indivíduo, diversificada entre pessoas de um mesmo grupo social e heterogênea tanto entre indivíduos como em diferentes grupos sociais. Em outras palavras, o processo de envelhecimento, em função de sua múltipla determinação, implica diversidade, individualidade e variabilidade entre os indivíduos (BASSIT, 2004, p. 142).

Atualmente, cada vez mais autores e áreas do conhecimento aderem à idéia - mais adequada - de que o envelhecimento é um “processo”, adotando uma perspectiva de *curso de vida*, que considera que as diversas idades não podem ser entendidas fora das significações sociais e do contexto histórico em que se desenvolvem. Prado (2002), citando Bassit (2000) diz que o estudo deste tema:

... vem se movimentando de uma tendência que divide o estudo do desenvolvimento humano em estágios descontínuos para um firme reconhecimento de que qualquer ponto do curso da vida precisa ser analisado dinamicamente, como consequência das experiências passadas e das expectativas futuras, e de uma integração entre os limites do contexto social e cultural correspondente (p. 218).

Os modos de representação e as categorias de classificação do idoso passaram, ao longo do tempo, por diversas modificações. Até os anos 60, o termo

mais utilizado para designar a pessoa idosa no Brasil era “velho”. Peixoto (1998) afirma que

Empregado de maneira geral, esse termo não possuía um caráter especificamente pejorativo [...] embora apresentasse uma enorme ambigüidade, por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo, cujo emprego se distinguia pela entonação ou pelo contexto em que era utilizado (p. 77).

No final da década de 60 chegaram ao Brasil reflexos vindos da Europa relacionados às mudanças de imagem da velhice. Nas análises feitas sobre a velhice e em documentos oficiais começou a reaparecer “idoso”, palavra que não tinha sido muito utilizada até então, mas que marcou um tratamento mais respeitoso. Assim a categoria “idoso” passa a predominar, ficando o termo velho associado à decadência e sendo eliminado dos textos oficiais.

A expressão “terceira idade” foi copiada do vocabulário adotado na França após a implantação das políticas sociais para a velhice, e é largamente utilizada na atualidade, no Brasil, quando se fala do já muito ativo mercado de consumidores e das propostas relativas à criação de atividades e ações destinadas aos idosos:

***Idoso** simboliza sobre tudo as pessoas mais velhas, os velhos respeitados, enquanto **terceira idade** designa principalmente os jovens velhos, os aposentados dinâmicos [...]. E não é por acaso que surge um novo mercado para a terceira idade: turismo, produtos de beleza e alimentares, bem como novas especialidades profissionais, gerontólogos, geriatras, etc. A terceira idade passa assim a ser a expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. De fato, essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande (PEIXOTO, 1998, p. 81, grifos da autora).*

A invenção dessa expressão, embora se referisse à etapa da vida que se localiza entre a idade adulta e a velhice, na prática implicou na criação de uma nova forma de designação dos idosos e foi acompanhada de práticas, instituições e agentes incumbidos de atender as necessidades deste segmento da população.

Debert (1999) se refere às representações sobre a velhice que predominaram no Brasil a partir dos anos 80. Segundo esta autora o debate em relação ao envelhecimento se desenvolveu em torno de dois modelos antagônicos. O primeiro estimulava a visão estereotipada da velhice como um tempo de doenças, pobreza, dependência e passividade, que legitimou a imagem da velhice como “problema” social e político, considerando que era a família que devia arcar com tal situação. O segundo modelo apresentava o idoso como ser ativo e capaz de enfrentar os desafios do seu dia-a-dia, alimentando o discurso daqueles que transformaram o envelhecimento em um mercado de consumo em constante crescimento, e que promete que ... *a velhice pode ser eternamente adiada através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas* (op. cit.). Não é difícil perceber que este debate continua a ter grande atualidade, pois esses modelos retratam duas realidades que coexistem até hoje, sem que se possam vislumbrar mudanças significativas num futuro próximo.

2.3. ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL, ATIVO. ENVELHECIMENTO COMO CONSTRUÇÃO DISCURSIVA.

A Gerontologia, influenciada pela Geriatria, por muito tempo considerou o envelhecimento como sinônimo de doença. Porém, conhecimentos provenientes das pesquisas geraram outras concepções que apontaram para a possibilidade de uma velhice “saudável”. Deste modo, passou a imperar uma postura otimista segundo a qual o desenvolvimento e a realização de mudanças positivas seriam ilimitados na última fase da vida. Felizmente, os estudos realizados na última década conduziram a uma postura mais realista, que tenta avaliar corretamente o equilíbrio existente entre possibilidades e limites na velhice.

A Organização Mundial da Saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005) adotou no final dos anos 90 a locução *envelhecimento ativo* para referir-se ao *processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas*. “Envelhecimento ativo” é uma expressão que procura ultrapassar em abrangência o conceito de “envelhecimento saudável”, por entender que, além dos cuidados com a saúde, há outros fatores que intervêm diretamente no modo como

os indivíduos envelhecem. A palavra “ativo” não se refere somente à possibilidade de continuar a ser fisicamente ativo. Ela pode ser considerada como referencia a uma política de Direitos Humanos voltada para os idosos, que aponta à idéia de continuidade da participação na vida política, social, cultural, espiritual, cívica, independentemente da presença de doenças ou necessidades especiais, já que se supõe que mesmo nessas circunstâncias, as pessoas podem contribuir ativamente com suas famílias e comunidades.

Couto e Rocha-Coutinho (2003)¹, numa argumentação instigante desde a perspectiva da Análise do Discurso (linha francesa)² e de conceitos de M. Foucault, apresentam a velhice como ... *uma forma significante aberta a significados baseados num sistema de convenções inserido numa cultura*. A velhice tornou-se, segundo as autoras, uma construção discursiva da cultura, e o papel mediador nesse processo coube ao discurso científico. Este processo teve início quando a Gerontologia se estabeleceu como campo de estudo do envelhecimento, restringindo-se inicialmente às intervenções médicas e ao âmbito acadêmico, e mais tarde constituindo-se como campo multidisciplinar. Os significados sobre o envelhecimento variam de acordo às áreas de conhecimento que o estudam e aos paradigmas que se encontram na base das diversas concepções sobre o assunto. E como o discurso científico vigente é um veículo para propagar a ideologia dominante, serve para exercer poder:

A ideologia que subjaz à elaboração discursiva, sob a aparência de neutralidade, lhe confere indiscutível poder de persuasão, ainda que, muitas vezes, não nos demos conta disso. Os discursos incitam, induzem, ampliam, restringem, permitem, inibem, definem as percepções das coisas, dos acontecimentos, das relações [...] a hegemonia do discurso científico em nossa sociedade ocidental contemporânea torna

¹ O artigo escrito por estas autoras foi publicado no site da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia do Estado de Rio de Janeiro, e faz parte da dissertação de mestrado de Ana L. A. Couto: *Reconstruções do dizer: um estudo psicossocial da velhice através da análise de discursos de geriatras*. Ver referências bibliográficas.

² A Análise do Discurso (AD) de linha francesa nasceu em fins dos anos 60 na França, na perspectiva política de uma ação transformadora, produto do movimento de 1968 nesse país. O principal articulador foi Michel Pêcheux, O marco inaugural foi a publicação de Pêcheux, em 1969, da "Análise Automática do Discurso". Outros fundadores foram Paul Henry, Michel Plon, Maingueneau. A AD abriga várias vertentes teóricas. No Brasil, o marco inicial se deu em Campinas, em torno de Eni Orlandi, em fins da década de 70. Para mais informações consultar: <<http://spider.ufrgs.br/discurso/projetos.html>> - <http://www.unisal-lorena.br/nova/cidinha/marc_artigo1.doc>, <http://www.discurso.ufrgs.br/article.php3?id_article=18>

seu dizer soberano. Isso significa que aqueles que falam em nome da Ciência são concebidos como agentes privilegiados atuantes na produção, reprodução e circulação de discursos (COUTO e ROCHA-COUTINHO, 2003).

O discurso científico, ainda segundo as autoras supracitadas, apresenta o desenvolvimento humano em períodos etários e cria *mecanismos discriminatórios que consistem em conferir aos indivíduos um significado que consiga abarcar o que eles devem ser ou vir a ser* (op. cit.). Essas categorias estabelecem atributos, ditam condutas e significações segundo as quais é determinado o grau de aceitação social. Mas, felizmente o discurso científico sobre a velhice e o envelhecimento aparece cada vez mais como campo de disputas ideológicas, uma vez que as ciências se rendem à evidência de que, como já foi mencionado, coexistem muitas formas de velhice.

O discurso vigente enfatiza de forma exagerada às possibilidades de experimentar ganhos e de viver uma velhice “bem sucedida”. A ênfase é tanta que pareceria que só depende do desejo de cada um permanecer ativo e saudável, ao ponto de – em alguns ambientes – ser *politicamente correto*¹ não mencionar os aspectos negativos, as perdas, a pobreza, o abandono e tudo aquilo que – também – é próprio da velhice no Brasil. Não há como negar os grandes ganhos provocados pelos avanços científicos e sanitários nos cuidados à saúde, que redundaram em mais anos de vida, mas acaba ficando pouco claro se esses ganhos efetivamente revertem numa real melhoria da *qualidade de vida*, e quantos idosos brasileiros têm acesso efetivo a esses avanços.

2.4. ESTUDOS ATUAIS SOBRE LINGUAGEM NO ENVELHECIMENTO

Como já foi mencionada na introdução, a pesquisa sobre linguagem no envelhecimento divulgada até o momento presente se baseia, na sua maioria, em

¹ Cito um trecho pertencente a um texto de AMORIM (2003, p. 25) por considerá-lo muito apropriado: *O politicamente correto é o discurso que evita tocar nas desigualdades e podemos dizer que ele é a versão discursiva atualizada daquilo que tradicionalmente chamamos de tabu. Ao se referir a segmentos explorados e excluídos da sociedade, o politicamente correto utiliza eufemismos, palavras*

diversos testes geralmente realizados em situações descontextualizadas, sendo os seus resultados comparados com os obtidos nesses mesmos testes por adultos jovens, considerados como fonte dos parâmetros de “normalidade”. Quase todos esses estudos concluem que a linguagem do idoso sofre deterioração, evidenciando as marcas da passagem dos anos que se manifesta na forma de “déficits”, “falhas” e “erros” que seriam próprios do decaimento das funções cognitivas.

Parente & Taussik falam dos *esquecimentos benignos* que freqüentemente ocorrem em pessoas ativas e saudáveis que, vez ou outra sentem dificuldade para lembrar um nome ou esquecem o que pretendiam fazer quando chegam a um lugar. As causas mais freqüentes para esses lapsos seriam o stress, distúrbios afetivos (depressão e ansiedade) e o envelhecimento, aumentando o risco, em idades mais avançadas, de ocorrer algum tipo de demência, daí a necessidade de diagnósticos diferenciais.

Para Gaspareto Sé, Queiroz e Yassuda (2004) na velhice ocorrem modificações bioquímicas, morfológicas e funcionais no cérebro e mudanças no funcionamento dos sistemas de memória. A memória operacional, que permite manipular as informações durante seu processamento e é usada no raciocínio intelectual é bastante afetada durante o envelhecimento “normal”, caracterizando-se as alterações pela dificuldade na realização de tarefas simultâneas quando as informações não foram bem processadas.

Brandão e Parente (2001) apresentam outros estudos da linguagem - a maioria dos quais originados nos Estados Unidos - realizados pela Psicologia e pela Lingüística, que também procuram verificar a ocorrência de mudanças atribuíveis ao processo de envelhecimento. Estudos na Lingüística focaram aspectos como a sintaxe, a semântica e a fonologia, e nos anos 70 a lingüística orientou seu olhar para o uso concreto da linguagem – a pragmática - corrente que leva em consideração o usuário, as relações de interlocução e os contextos de comunicação. Outros estudos, como o de Preti de 1991, dedicaram-se a olhar a forma de utilização da linguagem pelos “idosos velhos” (com idade acima de 80 anos) vistos como grupo social distinto, detendo-se nas características do léxico e da fluência.

Os estudos da Psicologia visando à linguagem dos idosos se orientaram segundo diversas perspectivas teóricas: a *perspectiva psicométrica* que

se vale de testes padronizados para conhecer diferenças de desempenho cognitivo nas fases da vida. Dentro desta perspectiva foi proposta uma distinção entre ‘inteligência fluída’, que inclui habilidades necessárias para desempenhar-se em tarefas novas, e que sofreria um declínio na velhice; e uma ‘inteligência cristalizada’, encarregada das tarefas que envolvem habilidades culturalmente aprendidas, e que se mantêm constante, podendo inclusive melhorar ao longo dos anos. A *perspectiva psicossocial* enfatiza a diversidade individual e do contexto social para compreender as habilidades lingüísticas ao longo da vida. Os estudos são direcionados para compreender a relação da linguagem do idoso com a sociedade, concluindo-se que a maneira como a sociedade se comunica com o idoso produz, na percepção deste, um impacto negativo em relação às próprias habilidades lingüísticas. Na *perspectiva do processamento das informações*, os achados sugerem declínio de algumas funções cognitivas como atenção, memória e resolução de problemas, focalizando-se principalmente a memória de trabalho (BRANDÃO E PARENTE, 2001).

Letícia L. Mansur, (fonoaudióloga), em 1990 realizou pesquisa - utilizando o instrumental da Análise Conversacional - com o objetivo de descrever as correções que os idosos faziam no uso do discurso. Após levantamento dos estudos realizados entre as décadas de 1950 e 1980, Mansur fez críticas a essas pesquisas por partirem de uma caracterização estereotipada da fala do idoso ao pré-supor a presença de alguma “falha” na sua linguagem, e por utilizarem medições e testes aplicados em situações descontextualizadas. A autora concluiu que os idosos estudados resolviam seus “erros” da mesma maneira que a população não idosa, e considerou a maior incidência de autocorreções como um dado positivo na avaliação da comunicação do idoso.

Em muitos outros estudos o foco é colocado nas capacidades cognitivas, e notadamente na memória. Juncos-Rabadán¹ (1998) faz uma análise da relevância da linguagem baseado em seus próprios estudos e nos de pesquisadores do envelhecimento dos Estados Unidos e da Europa. O autor diz que graças à linguagem é possível ao sujeito idoso participar de diversos âmbitos sociais, reconhecendo os fatores sócio-culturais, biológicos e cognitivos como determinantes

¹ Integrante do departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha.

da comunicação e da linguagem. O afastamento do sistema produtivo na maioria das vezes modifica a rede de relações sociais construídas ao longo da vida, reduzindo as possibilidades de interações a um pequeno núcleo, o que redundaria na diminuição das oportunidades do uso da comunicação, ou porque os idosos ficam sós ou porque as pessoas de seu convívio não são os interlocutores mais estimulantes. Baseado em estudos realizados nas décadas de 80 e 90, o autor afirma que na velhice foi comprovada uma deterioração cognitiva geral que afetaria a inteligência fluida ou capacidade de processamento. Conseqüentemente, ocorreria uma deterioração da linguagem, associada à idade, que afetaria o léxico, a sintaxe e a organização discursiva, ficando a organização semântica e conceitual e a estruturação do léxico fonológico livres de dificuldades. Com a idade ocorre a deterioração de um dos sistemas centrais, a 'memória operacional' ou 'memória de trabalho', que afeta os aspectos da linguagem em que a capacidade desta memória é mais solicitada.

Estudos sobre linguagem no envelhecimento, como os relatados acima, têm seus méritos. Porém, diferem da perspectiva de linguagem aqui adotada, que enfatiza o caráter fundamental do permanente processo de construção, constituição e transformação do sujeito. O que se deseja através deste trabalho é enfatizar a possibilidade de um outro olhar sobre a linguagem - que é constitutiva do sujeito - e sobre o idoso e sua capacidade comunicativa, um olhar que, longe de centrar-se nas deficiências, nas patologias e, como conseqüência, nas ações curativas e reabilitadoras, visa a valorizar a saúde como possibilidades de atuação fonoaudiológica e como orientação filosófica.

Ao nos propormos olhar para idosos com capacidades comunicativas preservadas sentimos necessidade de discutir o que identificamos como capacidades preservadas, uma vez que sabemos que no processo de envelhecimento há um declínio biológico natural. Falar das capacidades comunicativas remete ao tema das *capacidades cognitivas* em geral. A esse respeito muita informação pode ser encontrada na literatura, principalmente em relação à memória. É amplamente sabido que nas capacidades cognitivas - para Vigotski, funções mentais superiores - há grandes diferenças individuais, que derivam de fatores tais como saúde, alimentação, ambiente social, atividade intelectual, motivação, as exigências do estilo de vida e do contexto social em que idoso vive (LASCA, 2003). Esquecer datas ou nomes, ficar confuso, não lembrar do nome do

programa de televisão, ou não se sair bem em testes de memória – como costuma constar nas conclusões de testes aplicados com tempo limitado - essas e outras inúmeras situações não podem ser atribuídas a comprometimentos cognitivos.

Segundo Guimarães dos Santos (2002), *o declínio cognitivo que acompanha o envelhecimento é [...] considerado um evento normal, por oposição àquelas perdas decorrentes de processos essencialmente patológicos [...] e que somente acometem uma parcela, ainda que significativa, da população* (p 30, em nota de rodapé). Fatores não cognitivos, que atuam isoladamente ou combinados entre si, influenciam as funções mentais superiores. Entre eles devem ser destacados pelos seus efeitos prejudiciais: baixa motivação, baixa auto-estima, fadiga, percepção de baixa auto-eficácia e depressão. A depressão, tão freqüente entre idosos, é uma doença devastadora que se apossa do indivíduo como um todo, afetando, entre outras coisas, o sono, a disposição, a auto-estima, e também as capacidades cognitivas (memória, atenção, capacidade de raciocínio, linguagem), atingindo de modo negativo a qualidade de vida do indivíduo (LASCA, 2003).

Existe uma entidade – ainda não muito bem definida - denominada *Declínio Cognitivo Leve* (GUIMARÃES DOS SANTOS, 2005, GASPARETO SÉ, 2003), que pode ocorrer em idosos, e se caracteriza por um déficit nas capacidades cognitivas, notadamente na memória e na atenção. Não foi ainda claramente estabelecido se é ou não um aspecto patológico do processo de envelhecimento. A queixa – que pode começar a aparecer em pessoas a partir dos 50 anos – se refere a esquecimentos que dificultam as atividades habituais e atingem a auto-estima, mas que não chegam a representar uma restrição grave às atividades. Gaspareto Sé (op. cit.), afirma que *Não é fácil identificar as alterações associadas ao avanço da idade e o que é próprio de um processo demencial em fase inicial, principalmente quando o paciente tem alto nível de escolaridade* (p. 9). E Guimarães dos Santos (op. cit) diz que *Quando se trata de cognição humana, e, sobretudo, de funções como a memória, as diferenças inter-individuais podem ser muito maiores do que as semelhanças...* (p. 50-51).

Estas reflexões nos levam a um questionamento: qual é o limite entre as capacidades cognitivas preservadas e o declínio das mesmas no idoso? Para tentar responder, antes temos que levar em consideração que as alterações no funcionamento “normal” dos processos cognitivos ... *se dão invariavelmente, em um sujeito específico e determinado [...] e que, por isso mesmo, não podem ser*

pensadas de forma abstrata, ou seja, independentemente das características intrínsecas desse mesmo sujeito (GUIMARÃES DOS SANTOS, 2002, p. 54).

Gaspareto Sé (2003) refere em sua dissertação de mestrado sobre discurso de idosas residentes em ILPI com e sem depressão e déficit cognitivo, que alguns fatores são vistos como preditivos da manutenção das capacidades cognitivas e permitem superar, em muitos casos, as limitações biológicas decorrentes da idade. Os mais importantes são a cultura, a condição emocional, alto nível de escolaridade e de renda, maior rede de vínculos sociais e altos níveis de satisfação pessoal.

Partindo destas considerações, ao pensarmos nos sujeitos desta pesquisa percebemos que havia diferenças significativas entre eles. Gilda só se queixou de não poder lembrar partes de poesias que aprendeu na sua juventude. Yolanda disse lembrar das coisas importantes, e também de usar anotações como estratégia mnêmica. Dora simplesmente disse ter *muita dificuldade* para lembrar e ao longo da entrevista deu provas sugestivas da presença de algum grau de declínio cognitivo. Zenilda também afirmou ter dificuldades e que lhe era necessário esforçar-se muito para lembrar, por exemplo, o nome de um determinado remédio. Mas, no mesmo instante lembro-o em voz alta, assim como também recordou nomes, datas e endereços que foram importantes para sua vida. Irineu não falou a respeito desse tema, e durante a narrativa mostrou lembrar com grande detalhamento de lugares, nomes de pessoas e datas de acontecimentos familiares. E Augusta comentou que para não esquecer utiliza todo tipo de *joguinhos* e estratégias para ajudar sua memória. Em fim, a nossa conclusão foi que, embora não fosse possível e nem desejávamos estabelecer com clareza se as capacidades cognitivas estavam preservadas, todos tinham as **capacidades comunicativas** preservadas, e como prova disso, nos brindaram com narrativas coerentes que se coadunaram com o objetivo desta pesquisa. Assim, a heterogeneidade voltou a aparecer como a característica dominante em toda análise que tenha por objeto os idosos e a velhice.

2.5. A INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS.

Com base na definição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia de São Paulo, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

são consideradas estabelecimentos destinados ao atendimento integral dos idosos, sejam dependentes ou independentes, que não tenham condições de permanecer com a família ou no seu domicílio. Essas instituições recebem diversas denominações, lar de velhos, abrigo, casa de repouso, clínica geriatria, entre outras muitas, que tentam minimizar o efeito assustador da palavra “asilo”. Estas instituições devem proporcionar serviços na área social, médica, psicológica, odontológica, de enfermagem, fisioterapia, terapia ocupacional, e em outras áreas de acordo às necessidades desse segmento etário (BORN, 2005). Segundo é estabelecido pela Política Nacional do Idoso (decreto Nº 1.948 de 1996):

Entende-se por modalidade asilar o atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover à própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social. A assistência na modalidade asilar ocorre no caso da inexistência do grupo familiar, abandono, carência de recursos financeiros próprios ou da própria família.

Born (2004a) afirma não ser mais possível ignorar que o envelhecimento da população brasileira está acontecendo em um ritmo acelerado, sem que os problemas fundamentais do país tenham sido solucionados e num ambiente de grandes transformações sociais. Entre estas se sobressaem a crescente participação da mulher no mercado de trabalho e os novos arranjos familiares – entre os quais há mães solteiras, casais sem filhos, mulheres sós, filhos que emigram para outros estados e países. A perspectiva de uma velhice em ambiente familiar fica sensivelmente reduzida, assim como a possibilidade da mulher exercer o papel de cuidadora dos pais ou de outros parentes idosos, embora o Estatuto do Idoso (Lei No. 10.741 de 2003) disponha, no seu artigo 3º, que

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Vemos que as diretrizes do Estatuto do Idoso e da Política Nacional do Idoso priorizam com clareza o atendimento pelas próprias famílias - em detrimento do atendimento asilar. Não levam em conta as mudanças na estrutura familiar mencionadas acima, e nem o aumento do número de idosos dependentes e com necessidades especiais. Além de oferecerem alimentação, abrigo e cuidados médicos, as ILPI também devem cuidar para que exista um ambiente adequado e seguro e programas que promovam a autonomia dos idosos, acredita Born (2004a).

A internação de alguém numa ILPI geralmente obedece a causas sociais, econômicas ou de saúde, ou ainda a uma combinação entre as mesmas. O estado de solidão e abandono, a carência ou desintegração da família, a falta de uma rede social de suporte, a impossibilidade da família de continuar cuidando do idoso, principalmente quando está doente, são algumas das causas. Também existem problemas de ordem econômica, como a diminuição do poder aquisitivo, as necessidades decorrentes de problemas de saúde ou dependência, a impossibilidade de pagar serviços, de manter a moradia ou de aceder a uma alimentação minimamente adequada.

Segundo Born, no Brasil existe um grande número de ILPI com características e padrões muito diversos. Algumas contam com instalações adequadas e equipe multiprofissional com boa formação em cuidados gerontológicos, que proporciona atendimento satisfatório, pois nelas são levadas em conta as condições biológicas, psicológicas e sociais do envelhecimento, e a individualidade e a privacidade são respeitadas. Já em outras instituições falta de tudo, constituindo verdadeiros depósitos de velhos, *antecâmaras da morte*.

Em março de 2002 foi publicado o Relatório da V Caravana Nacional de Direitos Humanos, que objetivou apresentar *Uma Amostra da realidade dos Abrigos e Asilos de idosos no Brasil*. Nesse relatório pode-se ler:

Na Secretaria estadual de Assistência e Desenvolvimento Social (SADS), há 525 Instituições beneficentes/filantrópicas ou estatais para internação de idosos regularmente inscritas. Desse total, há 194 asilos que integram a rede de instituições conveniadas. Não se conhece o total de Casas de Repouso ou Casas Geriátricas com fins lucrativos, mas sabe-se que elas estão concentradas na cidade de São Paulo e nos municípios de maior porte. Não há registros exatos sobre a demanda reprimida nos asilos de São Paulo, mas, em 1999, a SADS

estimava em 130 mil pessoas o número dos que aguardavam vagas nas instituições asilares existentes.

[...] Estivemos em 4 estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Paraná. Visitamos um total de 28 instituições e pudemos recolher uma amostra significativa de uma realidade dramática e, ainda hoje, pouco conhecida em nosso país.

Ana Amélia Camarano (2005), pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), afirma que o número de ILPI existentes no Brasil, o número de idosos residentes e os serviços oferecidos atualmente pelas instituições são desconhecidos¹. Quantos idosos vivem nessas instituições? Ainda não temos um censo nacional que nos informe o total de instituições e tão pouco o número de idosos que são atendidos por elas. Estima-se que sejam em torno de 5 a 10% do total de idosos. Sabe-se, no entanto, que a maioria destas instituições se enquadra em um modelo que, na prática, aparta o idoso da convivência com a comunidade geral, privando-o da independência e da afirmação da sua identidade.

Born (2004b) é Coordenadora Nacional do Fórum de Instituições de Longa Permanência para Idosos e participou como representante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia na V Caravana Nacional de Direitos Humanos. Conhece grande número de ILPI em todo o país e afirma, com conhecimento de causa, que a população das mesmas é heterogênea em idade e em condições de saúde, nelas podendo ser vistas pessoas com diversas deficiências: visual, auditiva, mental, psíquicas com diagnósticos variados, pessoas com diversos quadros demências.

Outra situação que ocorre com freqüência se refere às pessoas com idades inferiores aos 60 anos, que estão nas instituições por não terem família, ou terem seqüelas de Acidente Vascular Cerebral e outras doenças, e que necessitam de cuidados ou simplesmente um lugar para viver. Esta realidade se repete em todas as instituições, pois elas não conseguem recusar os pedidos da comunidade, já que frequentemente os municípios carecem de serviços de saúde ou assistência social que possam ampará-las. O número de pessoas com idade inferior a 60 anos

¹ Para mais informações ver o sítio <<http://www.cict.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=209&sid=8>>, acessado em 21-08-2006.

pode ser expressivo, chegando, em alguns casos, a cerca de 40 % do total de internos (Born 2004b).

O capítulo que segue abrange os aspectos relacionados aos procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados. Primeiramente é apresentada a instituição onde moravam quatro dos seis sujeitos que tomaram parte deste estudo. Depois são feitas algumas considerações sobre a entrevista e a escuta da história de vida utilizadas como ferramentas durante a interação. Por último é apresentado um perfil dos sujeitos participantes, com destaque para um deles, por tratar-se do único homem entrevistado e por apresentar várias características diferenciais no conjunto dos idosos que participaram desta pesquisa.

Capítulo 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Outro aspecto distintivo das Ciências Sociais é o fato de que ela é intrínseca e extrinsecamente ideológica. Ninguém hoje ousa negar que toda ciência é comprometida. MINAYO (2000)

Nesta pesquisa é adotada uma abordagem qualitativa para a análise dos dados. Segundo Minayo (2000), para formular a metodologia a ser utilizada é necessário compreender a especificidade das ciências sociais - e também das ciências humanas e da saúde. A autora afirma que

*... qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto: o aspecto qualitativo. Isso implica considerar sujeito de estudo: **gente, em determinada condição social**, pertencente a **determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados**. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação (p. 22, grifos da autora).*

Para esta autora, metodologia é ... *o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade* (op. cit.). A metodologia ocupa um lugar primordial no interior da teoria, e faz parte da visão de mundo que essa teoria veicula. Minayo (op. cit) acrescenta:

... nenhuma pesquisa é neutra seja ela qualitativa ou quantitativa. Pelo contrário, qualquer estudo da realidade, por mais objetivo que possa parecer, por mais “ingênuo” ou “simples” nas pretensões, tem a norteá-lo um arcabouço teórico que informa a escolha do objeto, todos os passos e resultados teóricos e práticos (p. 37).

Novaes Pinto (1999) baseada em Perroni (1991) diz que a opção por uma metodologia para estudar a linguagem é ditada pela teoria - de linguagem - seguida pelo pesquisador, com todos os pressupostos e crenças a respeito do objeto de estudo. *O que faz com que o pesquisador opte por um ou outro método, nos estudos de linguagem, é sua concepção de língua/linguagem e também sua concepção de ciência* (p. 96).

Com base em Lüdke & André (1986), Novaes Pinto diz que os dados não se revelam diretamente aos olhos de quem pesquisa. O conhecimento se dá a partir da interrogação que o pesquisador faz aos dados, armado de seus princípios e conhecimentos e baseado na teoria por ele adotada. Em concordância com todo o exposto até aqui a respeito da abordagem metodológica, nosso trabalho de construção e análise dos dados foi realizado mediante um exame refletido da natureza do nosso objeto de estudo, o sujeito em processo de envelhecimento, que se constitui pela linguagem, sujeito histórica e socialmente situado, que faz parte de uma dada realidade.

Apresentamos, a seguir, os elementos relacionados ao trabalho de campo: a entrevista, a história de vida, o uso do gravador, a transcrição. Depois descrevemos a Instituição de Longa Permanência Para Idosos na qual residem quatro dos idosos entrevistados, e a seguir, traçamos um breve perfil dos sujeitos, com base em informações obtidas através das perguntas que constam da primeira parte da entrevista e também das anotações do diário de campo.

3.1. RECURSOS METODOLÓGICOS: A ENTREVISTA. A HISTÓRIA DE VIDA.

A fim de orientar o diálogo entre a entrevistadora e os idosos, foi elaborada uma entrevista/roteiro que teve por objetivo instigar cada sujeito a narrar sua história de vida. Por meio dessa narrativa, procuramos conhecer sobre a linguagem, os sentimentos, as opiniões e os valores de cada um, sem deixar de ter em vista que cada indivíduo é produto do conjunto das relações sociais que o cercam. Segundo Augras (1997)

*... cada pessoa é como que uma **maquete** de sua sociedade [...] A pessoa que entrevistamos é ao mesmo tempo produto e produtora de toda uma rede em torno dela [...] toda essa rede de tensões e representações da realidade está presente, e vai atuar na dinâmica da entrevista ...*(p. 30, grifo da autora).

O relato oral foi, ao longo dos tempos, a maior fonte de dados utilizada pelo homem para conservar e transmitir o saber. A *história oral*, segundo Queiroz (1991), reapareceu entre as técnicas de coleta de material utilizadas pelos cientistas sociais, em parte a partir da possibilidade do uso do gravador para fazer os registros, que permitiu, a partir desse momento, captar também a voz do entrevistado, a entonação, as pausas e outros dados preciosos para a pesquisa. A *história oral* se refere a

... relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documento, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. [...] A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas destes também recolhe tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo (p. 5).

Dentro do campo da história oral, a *história de vida* é definida pela autora como sendo

... o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu [...] através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar [...] o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence (p. 6).

Queiroz refere que a entrevista é a forma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais nas ciências sociais, ela

...supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre o que versa foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro, previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem roteiro [...] a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador (p. 6).

Resolvemos utilizar a narrativa da história de vida por ser este um recurso metodológico fecundo, que revela a substância dos dados e ... *permite talvez melhor que qualquer outro não apenas lidar com as dimensões subjetivas do vivido, como também com as teias de significações que unem as vidas dos sujeitos* (BERNARDO, 1993, p. 24, citado por BRANDÃO, 2002, p. 190). A memória permite ouvir, nas palavras e nos fragmentos das recordações, as muitas vozes contidas na voz inconfundivelmente pessoal do sujeito. Vigotski e Bakhtin enfatizaram a importância da palavra uma vez que esta possibilita a memória e a história:

*A palavra, como signo por excelência, constitui modos específicos de ação significativa, de modo que a memória humana e a história tornam-se possíveis no/pelo discurso. Assim, onde existe **imagem, imaginação, imaginário, memória**, aí incide necessariamente o **signo**, e mais particularmente, a palavra – **verbum**. (SMOLKA, 2000, p. 185, grifo da autora).*

Para Bakhtin, a palavra

... é o modo mais puro e sensível de relação social [...] Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída... A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação (BAKHTIN, 2002, p. 38, citado por SMOLKA, 2000, p. 189).

Neste mesmo texto Smolka fala do papel da linguagem como constitutiva da memória e o discurso como *locus* da memória:

Estudos sobre memória têm nos mostrado que o discurso constitui lembranças e esquecimentos, que ele organiza e

*mesmo institui recordações, que ele se torna um **locus** da recordação partilhada – ao mesmo tempo para si e para o outro – **lócus**, portanto, das esferas pública e privada. [...] Assim, a linguagem não é apenas instrumental na (re)construção das lembranças; ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história. (SMOLKA, 2000, p. 187-188, grifos da autora).*

Vigotski afirma que somos capazes de lembrar ativamente com a ajuda das imagens e dos signos, e com eles construímos a memória, conduzindo-nos a pensar ... *no que as imagens criadas pelos homens acabam por produzir, no que elas instauram, o que elas encobrem... Leva-nos a pensar no descontrole da memória, no esvaecimento das imagens, nos esquecimentos...* (p. 184).

Assim, a linguagem é - também - ferramenta de recuperação, expressão, reconstrução e ressignificação da memória individual e social. O trabalho de reconstrução de si mesmo permite ao indivíduo delimitar seu lugar social e suas relações com os outros (POLLAK, 1989). Assim sendo, buscamos por meio da linguagem a continuidade da construção da subjetividade nesta etapa do processo vital.

Quando ouvimos a história de vida dos sujeitos, buscamos conhecer a sua identidade, porém sabendo que os depoimentos não revelam a realidade dos fatos, eles são relatos baseados na própria vida, que refletem a realidade ou a *verdade possível* para esse sujeito nesse momento, nesse contexto. *A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.* (BOSI, 2003, p. 55). Na entrevista interessa, pois,

*... o fenômeno de **estruturação dos fatos da memória**. Nele atuam mecanismos extremamente sutis, que estão relacionados com a construção da identidade pessoal. Memória e identidade estão intimamente ligadas.* (AUGRAS, 1997, p. 28-29 grifos da autora).

O uso do roteiro nas entrevistas não impediu que em muitos momentos os diálogos tomassem rumos próprios, sendo deixados de lado alguns temas, pois ... *Avanços e recuos marcam as histórias de vida e o bom pesquisador não interfere*

para restabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de inferências (QUEIROZ, 1991, p. 6).

O diálogo começou com perguntas semi-estruturadas formuladas para a obtenção de informações que permitissem traçar o perfil sócio-educacional. Continuou com a proposição de que o sujeito falasse o que quisesse sobre sua família, sua infância, sua rotina¹. Para preservar a espontaneidade no diálogo, nem todos os itens da entrevista foram tratados por todos os sujeitos. Queiroz (op. cit.) explica as peculiaridades desta técnica:

Na entrevista em que se registra praticamente o solilóquio do informante, deixa-se a este, depois de colocado o problema em sua generalidade, o direito de tomar os rumos que preferir, de ir e vir no relato [...] o que se pretende na verdade é que ele relate livremente, pois tanto é importante o que relata quanto o ritmo de seus pensamentos e de suas recordações. Esta é a técnica apropriada para a coleta de narrativas longas, com encadeamento de ações, de acontecimentos, de circunstâncias, no tempo; também se pretende conhecer de maneira profunda o modo de pensar do informante e, através dele, sua visão de mundo. (p. 59).

Para Bakhtin, no estudo dos fenômenos humanos e da linguagem, a interação é essencial, o sujeito é percebido em sua singularidade e em sua relação com o contexto. Assim, a interação com cada sujeito foi uma tentativa de captar essa singularidade contextualizada social e historicamente. A entrevista instituiu uma relação *entre* a pesquisadora e cada sujeito, que objetivou conhecer as esferas de atividades deste último.

É importante que se faça, aqui, uma reflexão a respeito do papel do pesquisador e do lugar que ele ocupa na relação que estabelece com os sujeitos, e o fazemos com o auxílio de Queiroz (1991). Desde o começo da coleta do material, o comando da atividade pertence ao pesquisador, pois foram seus interesses e questionamentos que motivaram a pesquisa, assim como a escolha do tema e dos participantes. Por isso, é desejável que o informante tenha certa autonomia, no sentido de poder escolher o *que* e o *como* irá dizer, o ritmo e a ordenação dos assuntos. Pesquisa-se *com* o sujeito, portanto uma compreensão mútua e uma

¹ A íntegra da entrevista encontra-se como anexo.

relação impregnada de empatia, confiança e simpatia irão promover diálogos com um potencial ilimitado.

Por outro lado, é importante dizer também que o pesquisador ocupa uma posição de poder diante do sujeito que é inegável, pois geralmente sua origem social e econômica, e sua condição educacional lhe conferem – consciente ou inconscientemente - características de porta-voz e representante dos poderes econômicos e políticos, constituindo um veículo de ideologias das camadas privilegiadas da sociedade. Assim sendo, a relação que se estabelece entre o investigador e os sujeitos estará inevitavelmente impregnada desta realidade.

Bakhtin aponta a existência de diferenças entre as ciências naturais/exatas e as ciências humanas, ao se referir à relação que elas mantêm com seu objeto de estudo. Nas ciências humanas o pesquisador se coloca diante de seres que têm voz:

O objeto específico das Ciências Humanas é o discurso [...] é um sujeito produtor de discurso e é com seu discurso que lida o pesquisador. Discurso sobre discursos, as Ciências Humanas têm portanto essa especificidade de ter um objeto não apenas falado [...] mas também um objeto falante (AMORIM, 2002, p. 10).

O homem deve ser compreendido, o que supõe o diálogo entre dois sujeitos, duas consciências. Esse diálogo é marcado pela perspectiva da alteridade, do reconhecimento do outro como sendo passível desse conhecimento. Para Amorim (2001), a produção de conhecimentos se organiza, acima de tudo, em torno da questão da alteridade, pois *Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com o **outro**, que não busque um interlocutor* (p. 16). [...] *o **outro** aqui é o interlocutor do pesquisador. Aquele **a quem** ele se dirige em situação de campo e **de quem** ele fala em seu texto* (p. 22). A pesquisa como movimento alteritário busca a *alteridade humana*, de uma **humanidade comum** ao pesquisador e ao sujeito da pesquisa (p. 28, grifos da autora). Nosso interlocutor, o *outro* que se procura conhecer, desvendar, *traduzir*, é o sujeito idoso que freqüentemente perde sua voz, às vezes de forma abrupta no momento do seu afastamento do mercado de trabalho, quando deixa de produzir numa sociedade que se pauta pelo “ter” muito

mais que pelo “ser”; outras vezes, de forma sutil e imperceptível, ao ser paulatinamente relegado ao isolamento.

Foram entrevistados ao todo cinco mulheres e um homem, com idades entre 61 e 81 anos, sendo quatro solteiros, que residiam na Instituição (um em chalé e três nos pavilhões). Os outros dois sujeitos eram mulheres, viúvas, na faixa dos 80 anos de idade que moravam numa cidade de grande porte localizada no interior de São Paulo.

As entrevistas foram individuais, realizadas em horário combinado previamente, na residência dos sujeitos ou em salas na ILPI cedidas para tal finalidade, e tiveram durações variadas, já que não foram colocados limites de tempo. Em três entrevistas esteve presente como auxiliar uma estagiária do curso de Fonoaudiologia e em uma delas, na entrevista com Irineu, também participou a orientadora desta pesquisa. Com o consentimento dos sujeitos foi utilizado gravador para obter o material que deu origem aos dados. O uso do gravador pelos cientistas sociais representou segundo Queiroz (1991) um avanço para registrar as histórias de vida e, no início, apareceu como um

...meio milagroso de conservar na narração uma vivacidade de que o simples registro no papel as despojava... (p. 2) [...] Seu emprego [...] constitui uma abertura às investigações de todos os grupos e camadas sociais pouco atingidos pelos registros escritos, como os grupos indígenas, o campesinato, as camadas inferiores urbanas (p. 74).

Depois de finalizada a gravação das entrevistas, realizamos a transcrição literal dos dizeres do entrevistador e do entrevistado, assim como registramos manifestações outras que não foram expressas em palavras, mas que traduziam sentimentos ou situações importantes para a compreensão dos discursos.

A transcrição, segundo a autora citada acima, é a fase que sucede ao registro com gravador e consiste na transformação para a forma escrita das narrativas que se encontram nas fitas gravadas. Essa reprodução facilita o manuseio da totalidade do texto, a sua consulta e conservação por um tempo maior e de forma mais eficiente. É preferível que a transcrição seja feita pelo próprio pesquisador que realizou a coleta do material, pois ele é quem pode reproduzir a gravação com maior fidelidade já que terá como base sua própria vivência, pois

...Ouvir e transcrever a entrevista constitui, para ele, um exercício de memória em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de determinada palavra em certo momento... (p. 87).

3.2. A INSTITUIÇÃO

A Instituição de Longa Permanência para Idosos onde residiam quatro dos sujeitos cujos depoimentos colhemos para a pesquisa pode ser considerada como uma instituição *sui generis*, pois nela co-existem dois “universos” totalmente diversos: um formado pelos moradores de chalés particulares, o outro pelos pavilhões e seus moradores. Nesta última modalidade de moradia foi possível perceber que os idosos na prática não dispõem de liberdade de ir e vir, mesmo quando se encontram em boas condições de saúde física e/ou mental. No entanto, paradoxalmente todos os sujeitos entrevistados se referiram à instituição como uma espécie de “paraíso”, onde se sentem seguros, bem cuidados, bem alimentados, embora tenham de compartilhar o quarto com várias pessoas e não disponham de nenhuma privacidade.

Isto sugere que é importante nos abstermos de fazer julgamentos e generalizações *a priori*, quando se fala de ILPI, pois a percepção a respeito delas depende do lugar que ocupamos ao olharmos esta realidade. Envelhecer no asilo não constitui um infortúnio por si só. Muitos idosos vivem mal junto à própria família, isolados e sós numa casa cheia. Uma vida pobre de vivências e interações, tanto na ILPI como na família geralmente é reflexo do (pouco) valor que grande parte da sociedade atribui ao velho.

A instituição na qual realizamos a pesquisa de campo era na época (ano 2004), lugar de estágio para alunos de uma disciplina de graduação em Fonoaudiologia. Os sujeitos foram selecionados com ajuda da assistente social e das Irmãs Franciscanas que lá trabalhavam. Antes da realização das entrevistas, todos os sujeitos foram informados sobre os objetivos e os procedimentos a serem

realizados, mediante leitura feita em voz alta, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹, que assinaram expressando sua conformidade.

Grande parte das informações sobre a instituição e seus moradores e também a autorização para os encontros com os sujeitos foram facilitados pela assistente social, que foi apresentada pela professora-supervisora do estágio citado anteriormente. Outras informações foram extraídas de um livro que nos foi cedido, publicado pela ILPI em 1996, por ocasião dos 90 anos de sua existência.

Trata-se de uma entidade de caráter filantrópico localizada numa cidade de porte médio no interior do Estado de São Paulo. Residiam nela, em 2004, aproximadamente 350 idosos, sendo 150 deles pessoas total ou parcialmente carentes de recursos. A ILPI é administrada por uma diretoria e por membros femininos da congregação religiosa católica. Os idosos recebem a atenção de assistência social, tratamento médico, odontológico, psicológico, fonoaudiológico e fisioterápico, graças ao trabalho voluntário de profissionais e de estagiários e a convênios assinados com universidades localizadas na mesma cidade.

A população é muito heterogênea. A estrutura básica é composta de chalés e pavilhões. Em um espaço de 256.000 m² aproximadamente havia, em 2004, 116 chalés, residindo em cada um uma ou duas pessoas. Algumas delas tinham carro próprio, bom estado de saúde geral e grande autonomia para entrar e sair da instituição e para realizar suas atividades preferidas.

Existiam sete pavilhões sendo quatro para mulheres e três para homens, e o total aproximado de residentes nos mesmos era de 200 pessoas. Nos quartos coletivos residiam aposentados, indigentes, pessoas parcial ou totalmente dependentes, acamados, deprimidos, enfim, pessoas em variadas condições de saúde física e mental. Todas as dependências estavam limpas e organizadas, embora apresentassem graus variados de deterioração física, e cada pavilhão era supervisionado por uma Irmã. Dentro dos limites da instituição havia também uma igreja, uma capela, um salão de festas, jardins, varandas e dependências para a administração e para os profissionais que lá prestavam seus serviços.

Em 2004 as mulheres eram em menor número que os homens e, segundo o relato da assistente social muitas delas chegavam à instituição em piores condições de saúde física e mental que os homens. Durante as visitas à instituição

¹ O texto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se como anexo.

isto pôde ser constatado. Precisamente nos pavilhões de mulheres vimos um número maior de pessoas com aparência de estarem alheias à realidade. Outras se encontravam sentadas lado a lado, em salas com a televisão ligada, a maioria sem conversar, em evidente estado de senilidade, e muitas se encontravam dormitando na frente da TV, ao sol ou nos corredores.

Nos pavilhões masculinos a realidade não era muito diferente, e o que chamou a nossa atenção foi ver nos arredores dos prédios muitos homens parados ou sentados sozinhos, alguns fumando, como que suspensos no tempo ou a espera de algo. Só alguns poucos conversavam. Fomos informados que muitos idosos que chegam à instituição se encontram em estado avançado de abandono, com escaras ou precárias condições de higiene, mesmo aqueles que moravam junto à família. Outros, ao chegar se apresentam sozinhos dizendo que querem preparar-se para passar a velhice na instituição.

Quem mora nos chalés o faz por questões de segurança e conforto, pois dentro dos limites da instituição não há problemas de roubos e é possível contar com ajuda das irmãs e de pessoas que prestam diversos serviços de manutenção. Havia entre os residentes dos chalés, aqueles que, segundo a assistente social *acham que vivem em um condomínio*, e não queriam saber nada dos moradores dos pavilhões. Já outros, ao contrário, realizavam trabalhos voluntários de diversos tipos, por exemplo, na cantina, no bazar, nos escritórios, na organização da roupa e no fraldário. As pessoas chegavam ou eram encaminhadas à instituição de várias maneiras: alguns vinham por vontade própria, outros eram trazidos ou incorporados a pedido de familiares. Havia também moradores de rua aos quais tinha sido indicada a instituição, outros que tinham chegado graças à ação de funcionários da Prefeitura e assistentes sociais que atuam nos bairros da cidade.

3.3. OS SUJEITOS

Para a seleção dos sujeitos utilizamos como critérios que os mesmos fossem maiores de 60 anos, idade considerada o início da velhice, e que tivessem a linguagem e as capacidades comunicativas preservadas. Isto foi constatado por meio de uma conversa preliminar mantida com cada um e de perguntas dirigidas à assistente social da instituição e às irmãs que cuidavam dos idosos. Dos seis

entrevistados, dois eram mulheres viúvas e os outros quatro eram solteiros e residentes da ILPI, um em chalé e três nos pavilhões. Estes quatro sujeitos referiram ter ido morar na instituição por vontade própria, embora no desenrolar de algumas das narrações esta afirmação tenha sido desmentida ou relativizada.

A respeito dos sujeitos que escolhem morar na instituição, Pupo (2002), partindo de uma pesquisa realizada junto a nove idosas asiladas em três “lares” que albergavam pessoas de diferentes níveis de renda localizados na cidade de São Paulo, se propôs compreender os fatores determinantes do asilamento voluntário. A autora afirma que o prolongamento da vida impõe a necessidade de um lugar para os velhos na sociedade e a adaptação de espaços de vida para eles; pois

As famílias contemporâneas, menores do que as das sociedades pré-industriais, adquiriram um contorno distinto, fruto das migrações e urbanização. As tradicionais famílias amplas, de contatos freqüentes e estreitos, transformaram-se, não apenas em conjugais, mas monoparentais ou recompostas. Nelas, os idosos não encontram geralmente mais apoio afetivo e espaço (p. 39).

Nesta conjuntura, continua Pupo, é possível constatar a existência de idosos, e em especial mulheres com alguns recursos financeiros, que decidem ir morar nas instituições asilares. Algumas, em geral solteiras, amadurecem a idéia durante anos, na busca de uma velhice protegida, com companhia, assistência e cuidados médicos. Outras afirmam não querer dar trabalho aos filhos, e consideram sua vida e atividades na instituição satisfatórias. Há também aquelas que têm poucos recursos ou que são totalmente desamparadas e que decidem pelo asilamento voluntário, embora afirmem que prefeririam ficar junto aos filhos e netos. E há aquelas que tomam a decisão de ir a uma instituição por falta de outras opções.

De acordo aos procedimentos éticos, indispensáveis no trabalho de campo de uma pesquisa, e no respeito pelo valor e importância de cada sujeito e de sua história, a apresentação dos mesmos é feita utilizando-se nomes fictícios. Procuramos relatar algumas informações e fazer comentários que permitissem conhecer brevemente alguns aspectos da vida de cada um.

Antes de começar a apresentação dos sujeitos, é necessário destacar a situação singular de Irineu no conjunto dos mesmos, e o fazemos tecendo algumas

considerações a respeito de quatro questões que se apresentam, a nosso ver, como constitutivas dessa situação:

- A institucionalização precoce;
- A correlação entre os motivos de asilamento e o abandono.
- A grande diferença de idade dentro da categoria que engloba os idosos;
- Questões relativas ao gênero.

Irineu tinha 61 anos quando foi entrevistado, sendo que tinha ingressado na ILPI com 57 anos. A presença de pessoas com idade inferior a 60 anos (tema do qual falamos brevemente no segundo capítulo) conhecida como *institucionalização precoce*, é um fenômeno que acontece com freqüência nas instituições asilares. Não se conhece dados estatísticos que ilustrem esta situação, do mesmo modo como são desconhecidos outros indicadores relativos às ILPI. Sabe-se, no entanto, que o número de moradores com menos de 60 anos pode chegar a ser expressivo, e que estes são acolhidos por encontrarem-se numa situação de fragilidade social. Não há nos municípios serviços de assistência social ou de saúde que se ocupem de idosos que vivem sós na comunidade, seja porque não têm família, por terem sido abandonados, ou ainda porque têm alguma seqüela ou doença física e/ou mental que os coloca em situação de dependência e conseqüente perda da autonomia. Uma via de explicação para esta ocorrência poderia ser o fato que até pouco tempo atrás, o Programa do Idoso da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo permitia a internação de pessoas a partir dos 50 anos, que sofressem de alguma forma de exclusão social ou que fossem consideradas como precocemente envelhecidas (BORN, 2006). O exposto aqui tem por finalidade ajudar na compreensão da situação de Irineu, cujas características de asilamento, quando tinha 57 anos, nos levam a incluí-lo no perfil descrito acima, ou seja, o de pessoa com mais de 50 anos com características de exclusão social e de institucionalização precoce.

Com relação à segunda questão, observamos que em muitos casos de asilamento pode-se encontrar uma correlação entre o abandono e os motivos que levaram à pessoa a morar numa ILPI. Herédia, Cortelletti e Casara (2005), pesquisadoras do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul, realizaram uma pesquisa com 30 idosos, entre os quais 10 eram

institucionalizados e 20 moravam em seus domicílios, com o intuito de conhecer o que os idosos entendiam por abandono na velhice e quais circunstâncias podem provocá-lo:

A partir das falas dos idosos entrevistados, entendeu-se que abandono na velhice é um sentimento de tristeza e de solidão, provocado por circunstâncias relativas a perdas, as quais se refletem basicamente em deficiências funcionais do organismo e na fragilidade das relações afetivas e sociais, que por sua vez conduzem a um distanciamento, podendo culminar no isolamento social.

O ser humano teme as perdas pelo sofrimento que provocam. Sofrer perdas, o que ocorre com maior freqüência na velhice, pode estar na base de uma situação de abandono. Quando o idoso se aposenta ou não pode mais trabalhar, além de perder seu status, perde a consideração dos outros e, muitas vezes, a possibilidade de se auto-sustentar financeiramente (op. cit.). Pensando em Irineu, soubemos através de seus relatos que, por ter sofrido um acidente grave – que deve ser caracterizado como uma perda importante - não pôde mais trabalhar, sendo esse um dos motivos para seu asilamento. Através de suas palavras, a seguir, tentamos ilustrar a situação de solidão e abandono em que vivia, da sua decisão e as circunstâncias que rodearam a sua chegada à ILPI, antes de atingir a idade de 60 anos:

Tem uma senhora aqui [...] ela fez a proposta pra mim, ela tava por dentro da minha vida do jeito que eu vivia... né (...) Eu analisei bem por mim, falei: ué, não é bicho de sete cabeça né, vamo lá vê [...] Mas tinha o problema de idade naquela época. [...] Porque eu fui roubado, nesta época que eu fiquei sozinho na minha vida, documentação minha não tinha nada [...] então noi marcamos um encontro em frente aquele (nome do lugar)... [...] Bom eu fui lá como eu conheço tudo [...] conversamos lá, [a assistente social] fez milhões de pergunta pra mim, falei tudo bem, aí eu citei tudo os pormenores né, eu não sou mentiroso, eu sou realista, isso eu só [...] Cê bebe muito? Falei não, bebo socialmente acho como qualquer pessoa bebe socialmente [...] cê não tem documentação? Falei não. Falô, que dia que cê nasceu? Falei dia vinte e nove do quatro de quarenta e três é a minha data de nascimento... Então ela analisou bem, falô, ma cê não tem sessenta ano, falei: é muito simples se é que senhora seja vontade de eu tá permanente lá, vamo fazê o

seguinte, antecipá se da pra senhora antecipá. Mas como? Falei a data de nascimento em vez de ser quarenta e três quarenta né que daí daria os sessenta ...

A terceira questão se refere a que, dentre os sujeitos entrevistados Irineu era o mais jovem, tinha 61 anos na época da entrevista, existindo uma diferença de 20 anos entre ele e o mais velho entrevistado, de 81 anos, isto é quase uma geração. Esta situação reflete a realidade multifacetada que é própria da história vivida nos últimos 40 anos no Brasil e que fica ilustrada pelo exemplo de Irineu: todo indivíduo, a partir da sua chegada aos 60 anos de idade pode ser considerado idoso; o contingente de idosos na sociedade cresce a um ritmo muito acelerado; e esta categoria, por sua vez, está envelhecendo devido ao aumento da longevidade. Assim, uma consequência disto é a coexistência, em todos os espaços sociais, de pessoas de 60, 70, 80, 90 anos, todos eles sendo englobados na grande categoria dos “idosos”.

Mas, o que é ser idoso? O que é a velhice? Minayo e Coimbra (2002) citam Veras, que no seu livro “País jovem com cabelos brancos” (1995, p. 25), oferece a seguinte explicação: *Velhice é um termo impreciso. [...] nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social* (p. 14). Os estudiosos do envelhecimento concordam que a velhice é uma categoria social culturalmente construída, e cada sociedade elabora suas próprias representações do que é ser idoso, acompanhadas de conceitos sobre o comportamento que é dele esperado e as funções sociais que lhe são atribuídas. Ser idoso também pressupõe a ocorrência de modificações físicas, psicológicas, sociais. Essas modificações ocorrem para todos, em momentos e intensidades diferentes, e dependem de características genéticas, ambientais e sociais. As ciências que estudam o envelhecimento elaboram inúmeras teorias para tentar explicar o que é a velhice, quando e como começa e seus significados.

Concordamos com os autores citados acima, que vêem o envelhecimento como um *híbrido biológico-social*, ao afirmar que a velhice, assim como a infância, a adolescência ou a vida adulta, não é uma propriedade que os indivíduos adquirem:

Pelo contrário: o processo biológico, que é real e pode ser reconhecido por sinais externos do corpo, é apropriado e elaborado simbolicamente por meio de rituais que definem, nas

fronteiras etárias, um sentido político e organizador do sistema social [...] essas fronteiras e suas apropriações simbólicas não são iguais em todas as sociedades nem na mesma sociedade, em momentos históricos diferenciados – nem num mesmo tempo, para todas as classes, todos os segmentos e gêneros (MINAYO, COIMBRA, 2002, p. 15).

Do exposto se depreende que não existe uma resposta única para as perguntas formuladas antes, pois a heterogeneidade é a marca da velhice. As dificuldades para definir o que é ser idoso são reais: dois sujeitos com a mesma idade poderão apresentar características opostas em um ou vários aspectos de seu modo de ser e estar no mundo: uma pessoa de 60 anos pode identificar-se e ser identificada como idosa por apresentar características compatíveis com as de uma pessoa de mais idade. Este é o caso de Irineu, que disse se sentir velho aos 61 anos.

A quarta questão que caracteriza a situação de Irineu é o fato de ser o único homem no total dos seis entrevistados. Isto desperta uma reflexão a respeito de gênero e de possíveis diferenças na linguagem entre homens e mulheres. Segundo Alves (2004) o gênero é uma categoria básica para analisar as situações sociais. A linguagem que é falada nos diversos contextos reflete as representações de gênero existentes na sociedade. Enquanto o sexo está localizado no plano natural e biológico, o gênero encontra-se no plano social e cultural. Assim, as representações da masculinidade e da feminilidade estão impregnadas dos valores criados ao longo de séculos, que legitimam as diferenças nas trajetórias de vida e comportamentos diferentes para homens e mulheres. Para exemplificar, cito um trecho da entrevista com Irineu no qual ele relata que tinha, simultaneamente, uma namorada oficial e outra de “quebra galho”, atitude que era vista (e muitas vezes ainda é) como comum e natural para os homens:

...e eu conheci uma menina lá, ela trabalhava nessa fábrica aí, e naquele tempo não sei se a senhora, a senhora é pra lembrá, no tempo da senhora existia isso aí, praça, a senhora lembra bem como que seria a praça, os home enquadrava e inverso as mulheres, não enquadravam? ((risos)) E a gente conheceu essa menina lá, mas essa já seria a, a, (e.i.) o quebra galho, como nói fala assim, pra nói não ficá sozinho durante a semana; resumo da história [...] eu tinha minha mãe aqui eu fui lá sozinho trabalha lá. Então a gente vinha namorá a cada

quinze dia, mas isso já era cachorrada da gente, heim, é, mas nesse ínterim de tempo eu tanto mentia pra de lá como mentia pra de cá que era minha noiva assim oficial, sim, preparadíssimo pra casamento.

A seguir apresentaremos cada um dos idosos que participaram das entrevistas:

Nome: IRINEU.

Sexo: masculino.

Estado civil: solteiro. Sem filhos.

Em maio de 2004 tinha 61 anos. Ingressou na instituição com 57 anos. Relatou ter nascido e trabalhado por muito tempo num sítio que ficava a uma distancia aproximada de 35 quilômetros da instituição. Afirmou ter completado o primário. Sua profissão era pintor residencial. A sua família era composta pelos pais e quatro irmãos. Após a separação dos pais e o casamento dos irmãos continuou a viver com a mãe até os 38 anos. Ao tempo da entrevista morava em um dos pavilhões para pessoas carentes.

Após me apresentar, conversei com Irineu por alguns minutos para verificar se na situação de diálogo mostrava a capacidade comunicativa e a linguagem verbal preservadas. Foi possível constatar tratar-se de uma pessoa ávida por contato, conversador, muito disponível e bem disposto. Irineu mostrou-se à vontade, como se estivesse desfrutando da 'platéia' composta, excepcionalmente nesta entrevista, pela pesquisadora, uma auxiliar e a orientadora desta pesquisa. Foi minucioso no relato da sua história de vida, não perdendo o intuito discursivo, mesmo usando de longos circunlóquios.

Conhecer a idade de Irineu me causou surpresa: aparentava ser bem mais velho. Ouvir o relato de sua vida dura e difícil me fez compreender o porquê desta percepção. Estava na instituição há quatro anos, à qual foi morar por falta de opções e por não poder mais trabalhar já que tinha uma seqüela de um acidente que deixou seu braço direito inabilitado. A ajuda da assistente social foi decisiva para a sua internação. Esta me disse que Irineu não aceitava realizar nenhum trabalho na instituição, nem mesmo de pintura, e que bebia e fumava muito. Uma vez finalizada

a entrevista, Irineu quis nos mostrar o seu quarto. O acompanhamos até o pavilhão onde, solícito, mostrou todas as dependências do mesmo e o quarto que ele compartilhava com mais três senhores.

Nome: AUGUSTA

Sexo: feminino

Estado Civil: solteira. Sem filhos

Na primeira visita à instituição, quando me dirigi à cantina e conheci várias senhoras às quais me apresentei e falei a respeito da pesquisa, Augusta se mostrou interessada imediatamente. Após combinar o nosso encontro mediante ligação telefônica, fiz a primeira entrevista da pesquisa na residência dela. Fiquei surpresa e impressionada com o chalé dela e com os demais que estavam em volta, por serem modernos, ajardinados, de tamanhos variados, podendo ser vistos alguns carros particulares nas entradas das garagens e outros chalés sendo construídos nas vizinhanças. Isto foi inesperado, pois o que eu conhecia da instituição até então se limitava aos prédios administrativos e os pavilhões, em nada semelhantes a este “bairro”.

Em 2004, Augusta tinha 74 anos e estava aposentada. Não aparentava a idade que tinha, parecia mais jovem. Completou o ensino médio. Sua profissão era professora primária, trabalho que exerceu por poucos anos. Depois trabalho até a aposentadoria na delegacia de ensino. Pertencia à igreja Seicho-No-Ie¹, onde era tesoureira e tinha dado palestras até pouco tempo antes do nosso encontro. Naquele momento referiu que fazia trabalho voluntário auxiliando pessoas tuberculosas, e na cantina da instituição. Morava sozinha, e mantinha contato assíduo com os sobrinhos, sua única família. Tinha carro, era muito independente e saía muito. Afirmou ter ido morar na instituição por decisão própria.

A entrevista transcorreu num clima agradável. Ao final da mesma mostrou-me fotos da família e, antes de nos despedirmos me convidou para um

¹ A igreja Seicho-No-Ie foi fundada em 1930 no Japão; pode ser considerada uma filosofia de vida e também uma religião. Prega que (...) *o ser humano é filho de Deus, que o mundo da matéria é projeção da mente; (...) é uma filosofia que transcende o sectarismo religioso (...)* (http://www.seicho-no-ie.org.br/quem_somos.asp).

café. Mostrou ser, tanto na interlocução como nas atitudes, uma pessoa de bem com a vida, positiva, envolvida ativamente com os ensinamentos da igreja à qual pertencia e aos quais atribuía seu contínuo estado de satisfação. Presenteou-me com exemplares das publicações da igreja.

Nome: ZENILDA

Sexo: feminino

Estado civil: solteira. Sem filhos

Em junho de 2004 tinha 72 anos. Completou até o 4^o. ano de escola num orfanato, do qual saiu aos 16 anos. Após esse período ficou trabalhando para a avó, e logo decidiu fugir da casa dela, pois sofria maus tratos. Sua profissão era empregada doméstica e cozinheira. Morava em um pavilhão para pessoas desamparadas. Sofria de diabetes. Era insulínodependente e tinha ficado cega havia dois anos.

Estava na instituição há 9 anos. À época da entrevista quase não saía do quarto. Relatou, porém, que enquanto tinha visão, ajudava na copa, fazia trabalhos de tricô e saía muito. Era independente para sua higiene pessoal e para a arrumação da sua parte do quarto, que era ocupado por mais três pessoas. Escutava todos os dias programas numa pequena televisão de sua propriedade, considerando-se uma pessoa bem informada. Afirmou que por esse motivo as pessoas gostavam de conversar com ela. Conhecia a instituição e as irmãs desde que morara no Orfanato. Tinha decidido desde então que iria morar nela quando se aposentasse.

Quando falei da minha intenção de fazer uma entrevista com ela, Zenilda mostrou-se visivelmente feliz. Expliquei-lhe que leria o Termo de consentimento livre e esclarecido e que ela teria de gravar seu consentimento, por estar impossibilitada de assinar ao que ela concordou. Zenilda mostrou ser uma pessoa conversadeira, informada e bem disposta, o que era, sem dúvida, uma característica da sua personalidade. A cegueira e as limitações decorrentes dessa situação não fizeram dela uma pessoa triste ou deprimida.

Nome: DORA

Sexo: feminino

Estado civil: Solteira. Um filho.

Em junho de 2004 estava próxima de fazer 78 anos, morou em sítio onde desde cedo trabalhou muito. Dora disse não ter tido infância nem brinquedos. Não foi à escola. Aos 16 ou 17 anos teve algumas aulas à noite por um período menor que um ano, pois tinha o desejo de aprender a ler e escrever. Trabalhou sempre como empregada doméstica; era solteira e tinha um filho. Morava no pavilhão para pessoas carentes de recursos. Tinha dificuldades para lembrar a sua idade e em que momento da vida fez determinadas coisas.

A relação que mantinha com o filho não pôde ser caracterizada com clareza. Ao consultar a ficha que a instituição mantinha de cada residente, foi possível saber que o filho a abandonara na instituição após ficar com os poucos pertences dela. A assistente social referiu que o filho a visitava aproximadamente uma vez por ano. Isso estava em contradição com o discurso de Dora, que afirmou diversas vezes durante a entrevista receber muitas visitas do filho.

O diálogo ocorreu com dificuldade, sendo necessário lhe fazer muitas perguntas para dar continuidade à interlocução. Dora disse não servir para quase nada, não gostar de fazer nada, só disse gostar de conversar. Perguntei à assistente social se achava que Dora tinha algum comprometimento cognitivo ou neurológico. Respondeu-me negativamente, e também me disse que ela estava muito doente dos pulmões, com grande insuficiência respiratória devido ao fumo e ao uso abusivo da “bombinha”.

Nome: YOLANDA

Sexo: feminino

Estado civil: viúva. Cinco filhos.

Tinha 81 anos, finalizou o antigo ginásio. Sua profissão era dona de casa. À época da entrevista ainda fazia trabalhos sociais, caritativos e voluntários. Viúva

há 20 anos, tinha 5 filhos e 12 netos, morava com uma filha solteira, e tinha contato assíduo com toda a família. Habitava um apartamento de classe média, em uma cidade de grande porte do interior do estado de São Paulo. Disse ser católica e espírita e participar de atividades doutrinárias e dando palestras.

Nunca teve doenças graves. Gostava de escrever, ler livros relacionados ao Espiritismo, de conhecer pessoas. Lia jornais, estava atualizada e informada em relação aos acontecimentos do Brasil e do mundo. Disse não esquecer das coisas importantes. Sabia usar o computador e contou que estava escrevendo suas memórias.

O contato foi feito com a ajuda de uma colega do mestrado da pesquisadora. Yolanda me recebeu com amabilidade e alegria. Tratava-se de uma senhora cheia de vida, sonhos e planos para o futuro. Sua linguagem gestual era rica e demonstrava gostar de conversar. Nesta entrevista eu me expus mais do que nas anteriores, contando fatos relativos à minha vida. Isso, unido ao caráter afável de Yolanda ocasionou grande empatia entre nós. Pediu para anotar meu telefone e disse várias vezes que queria ter notícias minhas no futuro.

Alguns meses depois da entrevista recebi uma ligação de Yolanda. Disse-me que a nossa entrevista tinha sido um momento muito especial e insistiu para que a avisasse quando estivesse próxima à defesa da dissertação, para fazer uma prece em meu favor.

Nome: GILDA.

Sexo: feminino.

Estado civil: viúva. Três filhos.

Gilda tinha 80 anos em novembro de 2004, época da entrevista. Era comerciarista aposentada. Estrangeira, emigrou duas vezes dos países onde residia forçada por circunstâncias político/religiosas (na primeira vez) e familiares (na segunda vez). Estes fatos ocuparam quase a totalidade de sua narrativa. Por essa época fazia dois anos que era viúva e que morava no Brasil. Tinha relação de parentesco com a pesquisadora, três filhos (um já falecido) e cinco netos. Apesar de

morar sempre longe das filhas e dos netos, tinha contato freqüente com toda a família. À época da entrevista, freqüentava uma Universidade da Terceira Idade.

Embora sofresse de várias doenças crônicas, nunca teve nenhuma doença grave e sua capacidade comunicativa era preservada. Gostava de ler livros e revistas, de fazer palavras cruzadas e de assistir televisão, para entretenimento e para ficar informada. Sabia usar o computador, o que fazia diariamente, o que lhe permitia manter contatos assíduos com a família distante.

Morava em um apartamento de classe média com uma acompanhante, em uma cidade de grande porte do interior do estado de São Paulo. Devido a dificuldades de locomoção, tinha pouca autonomia para sair sozinha, dependendo sempre de um familiar para deslocar-se para quase todos os lugares. Isto, unido ao fato de morar pouco tempo no Brasil limitava significativamente suas opções de contato social e sua independência.

Capítulo 4.

O DISCURSO DOS IDOSOS

Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim) não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. BAKHTIN (1992)

Como já mencionado nos capítulos anteriores, as entrevistas com os idosos desta pesquisa permitiram diálogos ricos em narrativas de histórias de vida. O potencial e a riqueza contidos nas gravações fazem deste material uma fonte inesgotável de dados. Ao longo das interações, os enunciados tornaram possível a obtenção de conhecimento sobre os sentimentos, angústias, experiências, emoções, crenças, valores e sonhos destes sujeitos. O exame das falas contidas nas entrevistas tornou possível a construção e análise dos dados que são aqui apresentados.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e novembro de 2004. Após a transcrição das mesmas, organizamos os dados em torno dos seguintes eixos temáticos, que surgiram em função dos temas abordados ao longo dos diálogos, e que são atravessados pelo tema maior que é a linguagem.

- Família e vida afetiva.
- Esferas sociais, culturais e de trabalho.
- Sentimentos, crenças e valores pessoais.
- Opinião sobre a própria linguagem
- Memórias.
- Vida na Instituição.

Após a primeira parte da entrevista, na qual foram formuladas perguntas que permitiram traçar um perfil social e educacional, e também obter algumas informações a respeito das habilidades lingüísticas e mnemônicas, os sujeitos foram encorajados a falar livremente a respeito da sua infância, família, rotina diária, expectativas, coisas boas e coisas ruins da vida, interações sociais, preferências, percepções, opiniões e linguagem. A característica singular dos diálogos, fez com que cada sujeito abordasse os assuntos de forma peculiar, deixando alguns temas fora da narrativa. Do mesmo modo, algumas perguntas diziam respeito somente aos sujeitos moradores da ILPI. Portanto, em alguns eixos temáticos não há dados de todos os sujeitos.

Os símbolos utilizados nas transcrições e que se encontram nos recortes dos diálogos são os seguintes:

- ... (reticência) para hesitação e interrupções no discurso;
- (()) (duplo parêntese) para comentários da pesquisadora, exemplo: ((risos));
- (e.i.) para enunciado ininteligível;
- (...) (reticência entre parêntese) para trechos excluídos dos enunciados por não fazerem sentido no dado apresentado;
- Linha de pontos entre dois trechos de uma entrevista, para marcar que há enunciados que foram excluídos;
- Palavra entre parêntese (exemplo) para palavras ou trechos em dúvida
- LILIAN, para designar a pesquisadora;
- Nomes próprios fictícios para os sujeitos.

Família e vida afetiva

Ao mesmo tempo em que somos indivíduos únicos e singulares, nos constituímos como sujeitos inseridos em determinado contexto social e cultural. A participação na trama de relações sociais e, em especial, no grupo social primário que é a família deixa marcas indeléveis na nossa subjetividade. É na família que se processa a incorporação dos componentes da cultura e a formação das primeiras significações, O que nos faz seres humanos é precisamente a incorporação dos componentes da cultura que, segundo Pino (2000), significa o processo de constituição de si mesmo, pela participação do homem desde criança (...) *na trama da complexa rede de relações sociais em que, desde o nascimento, está sendo envolvida* (p. 9).

No caso dos idosos entrevistados em nosso estudo foi possível notar que a história familiar de cada um deu origem e marcou profundamente as crenças e os valores que o sujeito revelou no seu discurso. Falar sobre a família propiciou a recuperação, expressão, reflexão e compreensão das lembranças mais antigas e seus significados.

É isso que vemos na entrevista com Augusta. Após ser convidada a conversar livremente sobre sua família, ela descreveu seu modo otimista de ser atribuindo-o à educação recebida. O discurso revelou o modo como os significados da família formaram, desde a sua infância, as crenças que a acompanharam por toda a vida. Na enunciação dessas crenças “ouvimos” outras vozes presentes: as dos pais, que ajudaram a formar uma boa auto-imagem, as dos familiares, apegados a credices, as daqueles que transmitiram doutrinas e ensinamentos, e de muitos outros que fizeram parte do seu horizonte social no passado. Nas palavras de Smolka (1993):

A fala aponta para um sujeito enunciador, [...].povoado de muitas vozes e perspectivas. Ele, outro, nós, alguém – generalizados – acabam se confundido e constituindo no que Bakhtim denomina a “terceira pessoa”, que configura o auditório/horizonte social de uma época, e de uma situação, onde está imersa, mas singularizada, a consciência individual (p. 14)

1. LILIAN: (...) a senhora tem uma... um jeito de ser que vai à luta e vence... o obstáculo que ta no caminho.
2. AUGUSTA: É. Porque eu sou otimista e fui bem educada nesse sentido. Meus pais desde quando eu era criança, eles sempre ensinaram a gente a ser positiva, não foram pessoas que... marcavam a gente por coisas negativas. Eu me lembro que às vezes eu ia na casa dos minha avó e iam outros primos lá, e ela vinha servir a gente um... copo de leite, uns falavam assim “eu não vou tomar não, porque eu já comi manga, vai fazer mal”, quer dizer, os pais ensinavam isso pra eles. Eu chegava... eu tomava. Chagava em casa e perguntava “pai, o senhor acha que se eu tomei leite e comi manga vai fazer mal?”, ele falou “olha, se você comer pensando que vai fazer mal, faz mal, se você comer pensando que faz bem, faz bem” então eu não pensava nada, e como eles não acreditavam nisso, né? Hoje através das leis da mente que eu estudo na SEICHO-NO-IE diz assim: os filhos são reflexo da mente dos pais, até os 13 anos, depois eles já tem sua personalidade, então, se acon... as pessoas que acreditam no mal, acontece o mal pros filhos, mas como eles não acreditavam nem eu... ((risos)), tão... educaram a gente nessa base sempre achando que a gente era inteligente que a gente tinha capacidade, nunca foram pais que vieram, né... ofender os filhos, falar “vocês são bobos, ces tão (e.i.)”, mas tinha amigos que os pais agiam assim...

O discurso de Zenilda ofereceu o quadro de um universo familiar bem diverso do de Augusta. Ela falou da desintegração da sua família devido à morte da mãe e de vários irmãos, e ao alcoolismo do pai, o que evidentemente também deixou suas marcas. Essa realidade complexa ajudou a formar as opiniões firmes de Zenilda, o que fica evidenciado na crítica negativa que faz do pai. Estes enunciados ocorreram no momento da entrevista em que Zenilda foi instigada a falar das suas opiniões em relação a quais seriam as coisas ruins da vida.

1. LILIAN: (...) Então me conta como era sua família? Como era formada sua família?
2. ZENILDA: Minha família era minha avó, e minha tia, e uma outra tia que não morava na casa. Era só minha avó e minha tia. Agora... eles tinham um...
3. LILIAN: Quantos irmãos a senhora tinha?
4. ZENILDA: Cinco, mas morreu um agora há pouco tempo (e.i.).
5. LILIAN: Moravam com a senhora esses irmãos?
6. ZENILDA: Moravam, que eles eram pequenos, eles moravam junto, mas tudo foi saindo assim que...

7. LILIAN: Da casa da sua avó...
8. ZENILDA: É, é, é. Porque ali era mais do que escravidão, né?
9. LILIAN: E a sua mãe?
10. ZENILDA: A minha mãe... quando eu tinha 9 anos, a minha mãe morreu de tuberculose.
11. LILIAN: Certo. Até os nove a senhora morou com ela? Ou já tava no orfanato?
12. ZENILDA: Não. Quando... quando eu completei nove anos, em 1941 minha mãe morreu. Eu estive no orfanato ((nome do orfanato)), depois... de lá....
13. LILIAN: Foi pra casa da vó...
14. ZENILDA: Fui pra casa da minha avó...e daí...
15. LILIAN: Seus irmãos estavam lá...
16. ZENILDA: Meus irmãos tavam lá, mas já tavam mais grandinho, e eles trabalhavam na fábrica de vassoura, e eles assim que cresceram um pouco mais foram saindo, foram saindo.
17. LILIAN: A senhora era a mais nova?
18. ZENILDA: Eu era mais velha que eles, era mais velha que eles.
19. LILIAN: A senhora foi a primeira filha ou...?
20. ZENILDA: Não, não, não. Eu fui a terceira. Morreu.... morreu vários, né.
-
21. ZENILDA: De pessoas que bebe, eu, olha... tudo que dizer pra mim... acabou... duvido que tenha... meu pai bebia muito... meu pai... ai...
22. LILIAN: Então a senhora sabe do que está falando...
23. ZENILDA: Eu sei, eu sei do que estou falando. Minha mãe era muito boa, meu pai não era bom, não era nada bom, sabe? Nada nada bom. Filho da minha avó que também era outra jararaca, então só podia ser, não é?
24. LILIAN: Ta certo.
25. ZENILDA: E além da bebida (e.i.). Pessoas que bebem não, não gostam de trabalhar, têm braço curto...

Por privilegiar as recordações relacionadas com a família que ela criou, Yolanda falou pouco da sua família de origem, de modo que no recorte a seguir, encontra-se transcrito tudo o que ela disse de seus pais e irmãos na entrevista. No seu discurso é possível perceber como sua vida familiar foi marcada por grandes reviravoltas e mudanças. Porém, a compreensão e interpretação dos significados que certamente devem ter sido atribuídos a estes fatos foi silenciado, dando indícios do quanto ela própria ficou marcada pelos acontecimentos.

1. LILIAN. Vamos lá. Eu queria que a senhora me contasse da sua infância... da sua família... o que a senhora quiser.
2. YOLANDA: Bom. Filhos de italianos legítimos. Mamãe veio como imigrante, papai não, veio com o próprio... dinheiro (e.i.). Nasci num... ambiente... farto, rico, meu pai era rico naquela época, e... direcionava os negócios dele para... o café, depois de uma certa permanência em... fábrica de bebida como italiano que ele era, né. Ele foi pro café e na queda do café ele... perdeu tudo então nós ficamos... na miséria.
3. LILIAN. Isso onde?... aqui em (nome de cidade)?
4. YOLANDA: Em ((nome de cidade)) (...) Daí, nós mudamos pra, papai mudou para São Paulo, eu... fiz o primário em ((nome da cidade)) uma parte, no colégio das freiras e outra parte... o tipo primário, até o quarto ano. Depois fiz o ginásio em escola particular...
5. LILIAN. Já em São Paulo?
6. YOLANDA: Já em São Paulo. E depois ai... lá papai também não foi feliz nos negócios, ele mudou para uma cidade do interior que é ((nome de cidade)), e lá em ((nome de cidade)) começou a se erguer novamente, já com posses, já... ele partiu... uma síncope... e partiu. Partiu é a expressão que eu uso.
7. LILIAN. Entendi.
8. YOLANDA: Daí voltamos para São Paulo, vim terminar o... o ginásio, daí foi criado o colegial, que eu vim terminar em ((nome de cidade)), morando na casa do meu irmão mais velho, porque... mamãe ficou com muitos filhos solteiros para... educar, criar, e as dificuldades, ai nos éramos bem... pobres. Depois daí fiquei conhecendo meu marido, ai namoramos cinco anos...

Assim como o contexto familiar primário, o lugar social que ocupamos deixa marcas permanentes na construção de nossa história individual e na possibilidade ou impossibilidade de mudanças. No próximo recorte, em um diálogo trabalhoso, com turnos curtos e grande dificuldade para se expressar, Dora nos falou da sua família e de uma infância muito sofrida, na qual não tinha tempo nem meios para brincar. No entanto, as palavras que reservou para a família foram de carinho e elogios, permitindo entrever a nostalgia que esses tempos deixaram e os significados que para ela tinha a família como lugar de afetos.

1. DORA: (...) E essa casa traz recordação também pra mim né, porque nos morava tudo junto, né? Mãe, irmão...
2. LILIAN: Quantos irmãos eram?
3. DORA: Nós era em três.

4. LILIAN: Três. Homem e mulher, quantos?
5. DORA: Dois homem, uma mulher...
6. LILIAN: E a senhora.
7. DORA: É.
8. LILIAN: E morava aonde?
9. DORA: Na ((nome do bairro)). Na rua ((nome da rua e número da casa)).
10. LILIAN: ((Nome do bairro)) é aonde, aqui em ((nome da cidade)) mesmo?
11. DORA: Em ((nome da cidade)) é. Rua ((nome da rua)).
12. LILIAN: E seu pai, a senhora conheceu...
13. DORA: Conheci...
14. LILIAN: Morava junto também...?
15. DORA: Morava... tudo nós morava junto. Depois meu pai faleceu, depois dele minha mãe faleceu também.
16. LILIAN: Mas logo ou demorou mais?
17. DORA: Demorou...
18. LILIAN: E a senhora morou sempre com a sua mãe?
19. DORA: Morei.
20. LILIAN: (...) Me conta um pouquinho da sua infância, por favor. De quando a senhora era criança, conta pra mim.
21. DORA: Olha eu infância mesmo, eu não tive, porque nós morava no sítio, e eu trabalhava na roça, então eu não tive infância, né, eu trabalhava...
22. LILIAN: Desde pequenininha...
23. DORA: Desde pequena já ia pra roça já trabalhava, eu não tive infância.
24. LILIAN: Brinquedos...
25. DORA: Brinquedos também não...
26. LILIAN: Nada.
27. DORA: Só brincava um pouco de noite, no escuro... só isso.
28. LILIAN: Não teve muita... e da sua família, me conte um pouquinho... dos seus irmãos, da sua mãe...
29. DORA: Minha família graças a Deus foi muito boa, foi muito boa. Tive uma família boa, nós se dava bem...
30. LILIAN: Sua mãe era ... era... era brava ou era carinhosa...?
31. DORA: Boa. Era boa.
32. LILIAN: E seu pai também?
33. DORA: Meu pai também... era bom (e.i.). Graças a Deus eu tive uma família boa.

O dado seguinte pertence ao diálogo com Irineu. Ele conta sobre sua família de maneira aparentemente desapaixonada. Porém, do seu relato é possível inferir que foi um filho dedicado e apegado, pois ajudou os pais nos trabalhos na roça e ficou vivendo com a mãe até os 38 anos de idade, o que poder ser considerado pouco usual tratando-se de um filho homem. Assim como nos outros diálogos, a linguagem exerce o papel mediador que põe em relação o homem e sua história.

1. LILIAN: E quando criança o senhor já trabalhava na roça?
2. IRINEU: Olha que eu me entenda por gente, a gente sempre fazia aqueles afazeres co pai e a mãe da gente. Eles criavam assim vamo supor porcos, galinha isso não faltava na casa de ninguém, e morava em fazenda então era servicinho assim de (purvinha) o milho ou chegá passá a mão numa enxadinha, capiná um arrozalzinho ou chegá a terra num feijão ou... numa lavora de milho, sim que era plantio po gasto só, não pra venda.
3. LILIAN: Pra família.
4. IRINEU: É pa família, aquilo ali era geralmente pa supri a casa da gente sabe. Então era esses tipo de obrigações que a gente ajudava.
5. LILIAN: E como é que era sua família? Quantos eram vocês?
6. IRINEU: Era constituído assim irmandade em quatro, mas geralmente na minha formação de criança... foi formado só em dois e meu pai e minha mãe. Até os doze ano eu sai da escola, nos viviamo nós quatro. Depoi ficamo em três.
7. LILIAN: O que aconteceu?
8. IRINEU: Meu pai fei separação da minha mãe.
9. LILIAN: Certo e o senhor ficou com quem?
10. IRINEU: Fiquei com a minha mãe, eu e meu irmão né, alias meu irmão foi crescendo se casou, fiquei eu e minha mãe só.
11. LILIAN: Ele é mais velho ou mais jovem que o senhor?
12. IRINEU: Ele é mais velho... e foi a cabo que daí... eu vivi ca minha mãe até os trinta e oito ano de vida. Casá eu não sou casado, eu sô solteiro, não sou amasiado também nunca teve pobremas assim com mulheres pra se companheiras da gente.

Após ser questionada sobre sua família, Gilda começou lembrando a sua infância na Alemanha, onde se misturaram recordações felizes e outras de muita tristeza e tragédia. Neste recorte ela falou do momento em que um casal de primos

órfãos foi adotado pelos pais dela. Gilda tentou trazer à memória o que deve ter sentido no passado, mas que não pôde lembrar com exatidão. Mesmo assim, estavam presentes nos seus enunciados outras vozes que povoavam sua memória, tanto no que foi dito como no que foi silenciado no contexto familiar. O discurso organiza as recordações e reconstrói as lembranças. A linguagem constitui a memória e propicia a compreensão dos seus significados¹.

1. GILDA: (...) Además, los años que pasamos cuando fallecieron mis tíos, y...llegaron mis primos a casa, eran épocas difíciles también porque había que reorganizar toda la familia...y...lo que si que nos llevábamos muy bien, siempre nos llevábamos muy bien también cuando vivían los padres, ellos vivían en otro pueblo muy cercano, y ... siempre estábamos juntos, los fines de semana, uno iba a la casa del otro, las vacaciones venían mis primos a mi casa o nosotros íbamos a la casa de ellos, así que ya era una convivencia muy cercana.
2. LILIAN: Probablemente por eso que fue posible que ellos se incorporasen a la familia...
3. GILDA: Si.
4. LILIAN: Porque ya había un cariño, una relación buena...
5. GILDA: Desde ya, pero ellos deben haber sufrido mucho, sufrido mucho callados que uno no...uno no sabía, porque éramos demasiado chicos todavía...
6. LILIAN: Además en un situación dramática como la que ellos pasaron de perder madre y padre prácticamente al mismo tiempo...
7. GILDA: Y de que manera...
8. LILIAN: Y de que manera, marca para toda la vida.
9. GILDA: Claro, y yo recuerdo que mi mamá más de una vez decía...a veces hacíamos una travesura y mi mamá nos daba un golpecito, y...por ejemplo, yo decía “ellos también estaban”, entonces decía “deja, ellos ya están golpeados bastante”... decía mi mamá, más de una vez...ahora, que es lo que sentían ellos, no sé, nunca hablamos...
10. LILIAN: Si, solo se puede adivinar, pensar, debe haber sido muy difícil...muy difícil...
11. GILDA: Yo pienso, por eso también ellos tuvieron una vida difícil, los dos.
12. LILIAN: Claro...eso es seguro...
13. GILDA: Debe haberlos marcado mucho.
14. LILIAN: Que edad tenían cuando fallecieron los padres?
15. GILDA: Mi primo 7 y mi prima 10.

¹ A tradução ao Português dos diálogos com Gilda encontra-se como anexo.

16. LILIAN: Muy chicos...
17. GILDA: Imaginate...
18. LILIAN: Eso deja una marca para toda la vida...
19. GILDA: Y para mis padres? Lo que era eso?
20. LILIAN: También, fue el hermano y la cuñada...
21. GILDA: Terrible, terrible, y mi tía murió antes que mi tío, no aguantó a esperar que se muriera él...eso está muy marcado en mi, todo esa época está muy marcada.

Esferas sociais, culturais e de trabalho.

As relações sociais não se limitam àquelas que mantemos face a face, elas estão presentes em todos os momentos e de muitas formas na vida de cada um. Nas experiências concretas de vida, seja no trabalho ou em outros espaços, estabelecemos as nossas relações, incorporando as significações culturais e ideológicas do meio social. Tudo o que somos e o nosso modo de pensar, é sempre mediado pelo outro e pela linguagem nessas relações.

Deste modo, os enunciados dos sujeitos entrevistados e da investigadora são indissociáveis do lugar e contexto social em que viveram no passado e vivem atualmente. Os âmbitos sociais do passado, referidos pelos sujeitos, foram basicamente a família e o trabalho. Três dos sujeitos mencionaram também as amizades e os lugares de culto como propiciadoras de situações de interações sociais e culturais freqüentes.

É importante lembrar que a inserção social dos idosos durante a realização da pesquisa era diversificada, e pudemos notar que dependia da existência e/ou proximidade com familiares e amigos. Os três sujeitos dos pavilhões, Irineu, Zenilda e Dora, tinham em comum estarem afastados ou carecerem de família, e também o fato de habitarem em quartos coletivos. Mas para nenhum deles a instituição ou a convivência nos quartos pareciam representar espaços de interação, sendo considerada como um lugar de convívio sem relações de afeto ou amizade. Pelo contrário, quando se referiam às interações com os companheiros de quarto e de pavilhão pareciam aderir ao lema “viver e deixar viver”. Por outro lado, tanto para Augusta, moradora do chalé, como para Yolanda e Gilda, que não tinham

relação com a instituição, as oportunidades de inserção em diversos contextos sociais eram maiores, devido à mobilidade e à autonomia de que gozavam, e à convivência com filhos, netos, sobrinhos e amigos.

Segundo Bakhtin (2002), a palavra se orienta em função do outro que está presente no diálogo. A escolha das palavras do nosso discurso é feita em função da pessoa do interlocutor, é dirigida a um interlocutor determinado sendo, portanto, produto dessa interação que está em curso. Mas também poderá variar, dependendo se o outro participante do diálogo for do mesmo grupo social ou não. *Na maior parte dos casos, é preciso supor [...] um certo **horizonte social** definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos ...* (BAKHTIN, 2002, p. 112, grifo do autor). Este é o caso do próximo dado, em que Augusta relata sobre sua carreira, e seus enunciados denotam que ela supõe estar diante de uma interlocutora com o mesmo *horizonte social*.

Augusta falou de seu trabalho, de suas realizações pessoais e do modo como avaliava nesse momento a transformação das suas opiniões como consequência das experiências vividas, ao falar da influência do outro na escolha inicial da carreira de professora, mostrando, ao mesmo tempo, a influência da cultura. Após dar aula por uns poucos anos ela assumiu uma função burocrática, trabalho que, segundo disse, era socialmente considerado *sem graça* e implicava em *ficar ali, só sentada trabalhando*, mas que, mesmo assim, ela gostou de desempenhar. Estes enunciados mostram que, ao julgar o (pouco) valor socialmente adjudicado a esse tipo de trabalho, Augusta achou necessário justificar sua escolha. As significações culturalmente construídas relativas ao trabalho ficam bem evidenciadas.

1. LILIAN: Então foi curtinha a sua carreira como professora...
2. AUGUSTA: Ah foi 5, 6 anos, cabou. Ai... eu fiquei 29 anos trabalhando... como... professora com função de auxiliar, e ali eu vi que eu... aquilo que parecia que não tinha graça nenhuma que era o que eu gostava de fazer. Se perguntasse se eu queria trabalhar num banco eu achava que não porque... ah... ficar ali só sentada trabalhando, e era isso que eu gostava, mas... eu ia pela visão... como criança achava que isso... não tinha graça nenhuma. Quando perguntasse quer ser professora? Como eu gostava da minha professora ((sorri)) então, eu achei que isso era bom, que eu queria ser professora, e fui estudar... mas depois que me formei eu vi que... achava... será que todo serviço é ruim? Acho que qualquer serviço é ruim

assim, né? Mas quando conheci a parte burocrática eu vi que não, que ali pra mim era um hobby, né? Eu não levava problema pra casa, eu trabalhava com alegria, então eu vi que as coisas mudaram, e aí me ajeitei, vi que essa era... esse era meu verdadeiro dom.

3. LILIAN: Então a senhora pode dizer que trabalhou naquilo que gostava...
4. AUGUSTA: Toda a vida, né?

No próximo recorte Augusta expõe o caminho percorrido para tornar-se quem ela é mediante a educação, o trabalho e as experiências sociais. Nos seus enunciados aparece a importância pessoal e social atribuída à educação, aos bons amigos, a uma família bem estruturada. Augusta disse ter ficado solteira por escolha própria, a diferença de outras pessoas amigas que *optaram* pelo casamento para não ficarem sós. Esta fala parece ter a finalidade não manifesta de justificar seu estado civil, que é apresentado como uma “escolha”.

1. LILIAN: Então a senhora pode dizer que trabalhou naquilo que gostava...
2. AUGUSTA: Toda a vida, né?
3. LILIAN: Que bom. Isso é um privilégio de poucos, né?
4. AUGUSTA: Ah. Eu acho que fui privilegiada em muitas coisas... privilegiada na família que eu... encontrei... que eram pais dedicados que davam assim... todo esforço, todo o carinho, faziam tudo o possível e impossível para educar os filhos, né? Privilegiada por encontrar a profissão que eu queria, que nem sabia que eu queria ((risos)). Privilegiada por encontrar os melhores amigos do mundo, eu acho que tem pessoas que nunca tiveram as amizades que eu tive, assim como eu tive...eu tive uma amiga que nós duramos mais de 40 anos a amizade juntas, porque a turma minha era tudo assim....diz que... os espíritos afins se encontram né? E de fato é. A minha turma era mista de homens e mulheres... e todos casaram quarentões... todos... e eu e um outro só que não quisemos nem casar nem quarentão ((risos)) porque eles não acostumaram a viver sozinhos... quando tiveram que ficar sozinhos, eles... apelaram pro casamento...

O modo de ser e estar de cada sujeito nos grupos aos quais pertence reflete o lugar por ele ocupado na sociedade. A fala, compreendida por Bakhtin como um ato social dentro de um fluxo de enunciados que se manifestam em um contexto cultural semântico, está carregada dos valores e das ideologias presentes

nesse contexto. Assim sendo ... *não há e nem pode haver enunciados neutros, o dizer assevera valores, isto é, sempre que enunciamos assumimos também uma posição axiológica* (FARACO, 2003, p. 90). O enunciado é/nos faz ser um reflexo daquilo que somos como sujeitos social e historicamente situados. No dizer de Amorim (2001), a pesquisa é um movimento alteritário que procura traduzir o outro:

*Entre o sujeito e o objeto de pesquisa, a relação que se estabelece é de uma diferença no interior de uma identidade. Esta identidade pode, é claro, ser negada como efeito de uma posição etnocêntrica ou racista. Mas, negada ou reconhecida a **humanidade comum** [...] ocupa um lugar central na problemática das Ciências Humanas* (p. 28, grifo da autora).

No recorte do diálogo com Dora estão presentes as marcas das nossas diferenças culturais e sociais. Meu discurso, embora tentasse não transmitir indícios do lugar que eu ocupo (pessoa com escolaridade superior, que se apresenta como aluna universitária solicitando um depoimento, usando um discurso ajustado a um meio social, etc.), estava inevitavelmente imbuído de uma polifonia de vozes diferentes das evocadas no discurso deste sujeito (pessoa idosa, sem escolaridade, ex-empregada doméstica, morando numa instituição, etc.). As palavras de Dora evocam a vida por ela vivida, e estão imbuídas pelas diferenças sociais que existem entre nós. Bakhtin (1988, p. 100, citado por CEREJA, 2005) disse:

Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções; (p. 204).

1. LILIAN: ... Então a senhora diz que não foi a escola?
2. DORA: Não.
3. LILIAN: Nunca foi, nem um pouquinho, nada, nada...
4. DORA: Não. Eu morei no sítio... s... sabe onde que eu fui na escola, que eu aprendi alguma coisa? Eu acho que a senhora... (e.i.)
5. LILIAN: Conta. Eu quero saber.

6. DORA: Sabe na Rua ((nome da rua))? Ali tinha uma escola tinha um homem que dava aula de noite...
7. LILIAN: Aqui em ((nome da cidade))?
8. DORA: Em ((nome da cidade)), ele dava aula de noite pras pessoa.... e eu lá... eu queria aprender ler, né? Tinha interesse... interesse em aprender ler e escrevé, eu fui lá.
9. LILIAN: Que idade a senhora tinha nessa época mais ou menos?
10. DORA: Ah, eu nessa época era mocinha, né? Eu trabaiava de empregada... doméstica... e... de noite eu saia do emprega e ia lá.
11. LILIAN: Aha.
12. DORA: E esse senhor, ele era um moço, ele dava aula, tinha bastante gente.
13. LILIAN: E quanto tempo a senhora passou indo lá, fazer aula...
14. DORA: Ah foi pouco tempo...
15. LILIAN: Pouco... Menos de um ano...
16. DORA: Ah sim, muito menos, mai eu prendi bem, que o professor era bom, né? Eu prendi bem, eu tinha interesse também em prender, né? Apesar de... que foi pouco... mai o pouco que prendi me serviu, né?

A história das relações sociais de Irineu deixou evidente que ele foi uma pessoa solitária. Esta situação continuava na instituição. Quando solicitado a falar das experiências e interações sociais no presente, na segunda metade da mais longa das entrevistas, Irineu afirmou não ter amigos e que raramente costumava participar das atividades sociais organizadas na instituição. Seu discurso levou a pensar que as relações entre os moradores dos pavilhões muitas vezes podiam ser difíceis, até hostis. Mas também pareceu que faltava em Irineu o *desejo*: desejo de contribuir doando seu trabalho, desejo de procurar um passatempo, desejo de participar, como se fosse uma pessoa desiludida, chegando a sugerir que a amizade é praticamente impossível.

1. LILIAN: Vamos mudar só um pouquinho de assunto, me diz uma coisa aqui dentro o senhor tem amigos? Considera que tem amigos aqui dentro?
2. IRINEU: Tenho amigos e tenho inimigos, isso eu posso prová, porque essas aglomerações de pessoa que nem noi vivemos aqui, sempre tem aquelas pessoa entendida e tem os mau entendido, e aqui existe isso, então eu falo não de a gente agredi mutuamente um com outro não, mas em palavras mau dirigidas.
3. LILIAN: Algumas discussões saem?

4. IRINEU: Saem, então eu tenho sim, não muitos mas tenho duas pessoas aqui que eu detesto, que eu não gosto nem de olhar na cara, e acredito que idem eles por mim e eu por eles.
 5. LILIAN: E amigos, quem são seus amigos?
 6. IRINEU: Amigos quem será amigo, amigo verdadeiro mesmo, ce nunca vai dizê que tem amigo, tem o conhecimento da pessoa, aquela amizade, uma amizade mais chegada com um ou com outro, coisa que eu tenho consideração enorme com bastante pessoa, tem tanto é com homem como com mulheres.
 7. LILLIAN: O senhor participa das atividades que são feitas aqui no lar, os bailes, as quermesses?
 8. IRINEU: Não, não.
 9. LILIAN: Agora tô vendo que vai vir uma festa junina...
 10. IRINEU: Não isso daí a gente participa mais baile, baile assim não que eu... pra começo que já citei aqui pa senhora eu não sei dançá, não gosto de dança, eu gosto de aprecia uma boa dança isso sim eu gosto.
 11. LILIAN: E ouvir música?
 12. IRINEU: Às vezes arrasta pezinho, forrozinho, assim ((risos)), não faz meu gênero não.
 13. LILIAN: E ouvir música o senhor não gosta?
 14. IRINEU: Adoro.
 15. LILIAN: É. E não vale a pena ir no baile só pra ouvir a música...?
 16. IRINEU: Não, a gente vai sim, por causa disso não, mais eu to dizendo assim pra gente... fazê uma participação que nem muitos gostam, eu já não.
-
17. LILIAN: E quando tem alguma atividade fora, o senhor vai, ou não tem?
 18. IRINEU: Não, fora assim dizê atividade pra nós aí é muito diminuto.
 19. LILIAN: Teatro, cinema... o que eu sei que tem um ônibus, tem uma perua que sai.
 20. IRINEU: Não, não, a perua é só pra doente, o ônibus ele circula pra esses fim aqui.
 21. LILIAN: Sei.
 22. IRINEU: Pra esses fim circula, mais é meio diminuto então geralmente, é usado que nem domingo teve, tem um senhor do bairro (nome do bairro) aqui, que ele participa muito de doações no (nome da instituição). É uma pessoa muito humilde, muito boa mesmo, então ele faz convite todo ano ele faz isso daí, ai convida, aqueles que querem ir dá o nome coisa e tal, então vai de ônibus vai passa o dia lá.
 23. LILIAN: Passar o dia, e o que é que ele faz, faz churrasco?
 24. IRINEU: Churrasco, fai... fai bailinho, fai de tudo lá, daí a pessoa come o dia todo porque eu já participei uma vez.

25. ORIENTADORA: E é gostoso?
26. IRINEU: Não, não, é... só gente humilde, gente super-bacana mesmo, então que nem domingo agora foram.
27. LILIAN: E o senhor não foi?
28. IRINEU: Eu tinha dado meu nome pra ir, mas de momento surgiu uma vontade assim inesperada de não ir.
29. LILIAN: De não ir, e ficou por aqui ((risos)).
30. IRINEU: Eu sô meio sistemático.

A narrativa de Yolanda revelou informações de suas atividades, passadas e presentes. Ao relatar sobre o início de sua vida de casada, retratou-se como mulher pertencente a uma época e um contexto em que as significações sociais de família eram muito relevantes e a faziam sentir-se dona de uma vida completa e feliz: não foi trabalhar fora de casa, ficou cuidando dos filhos, não contrariou os desejos do marido. As suas palavras e sua entonação denotavam o orgulho que sentia por ter sido a responsável pela educação e formação profissional dos filhos. E não foi por ter permanecido em casa que ficou isolada do contexto social, pois disse ter participado de várias associações e, anos depois passou a integrar grupos ligados à suas crenças religiosas.

1. LILIAN: Que época era essa, a que idade...
2. YOLANDA: Foi em 1942, nós nos conhecemos, em 49 nós casamos. Ele por uma coincidência vim conhecer aqui em ((nome de cidade)), mas ele era de ((nome de cidade)) também. Então...(e.i.) morei com a minha sogra, também pessoas... família simples, de poucas posses, por isso que nós... que eu fui morar junto, e... lá tive duas filhas, depois passamos a morar sozinhos, né, e daí eu tive os outros três filhos ((sorriso)), mas nunca eu trabalhei, lembro que meu marido era e... gerente de uma fábrica de... de algodão, então ele não permitia... que cuide dos filhos que é melhor...
3. LILIAN: Com tantos, tinha trabalho de sobra...
4. YOLANDA: Sim, e daí foi que eu pus as crianças na escola, fui educando e tal, e hoje... todos eles são formados. Todos, formados. Tem, assim... nunca exerci nada fora, remunerado, mas sempre eu fui assim... de participar de associação de pais e mestres, de associação daqui, de associação dali, entende? E depois, quando eu ingressei na doutrina espírita, daí eu me... daí deslanchei assim na parte mais...social, mais caritativa... trabalhando com os aidéticos, trabalhando com as pessoas que necessitam, né...

5. LILIAN: Trabalho voluntário.
6. YOLANDA: Voluntário. Sempre foi assim nunca tive, nunca trabalhei... remunerado.

.....

7. YOLANDA: Eu não tenho, a minha parte social é assim... é mais no sentido de contribuir, ajudar... ((distração porque chega alguém)) ajudar... ajudar as casas que necessitam, né. Faz promoção, faz almoço, jantar, angariar fundos para daí fazer... ajudar... auxiliar a... essa parte deficitária. Isso ai é a minha dedicação porque eu não tenho outro... eu não tenho filho para criar, então minha dedicação é mais para isso. Escrevo muito, leio muito... não sei passar um dia sem que eu leia alguma coisa... e preparando também as palestras que a gente... tem que fazer (e.i.) da divulgação da doutrina...
8. LILIAN: A senhora é viúva há quanto tempo?
9. YOLANDA: Eu sou viúva... desde 1982. (e.i.) um 22 de março (e.i.) um câncer galopante...

Para falar das esferas sociais e culturais de Gilda, fizemos um recorte no qual ela relatou aspectos da sua vida quando jovem, logo depois de emigrar pela primeira vez, e seu relato denotou através de muitas risadas, que foram vivências felizes, independentemente de quão dramáticas tivessem sido as circunstâncias, vivências estas que foram marcadas pelo momento e pelo contexto social/histórico.

1. GILDA: Había un grupo de jóvenes, se hizo un club de juventud, gente que había traído instrumentos, que tocaban, formaron una orquesta y lo primero que hicimos cuando yo llegué, mi familia, había un grupo ahí cerca, en el barrio, y ahí formamos ya un grupo y lo que más hicimos, solamente! Fue representar... Shakespeare... ((risos)), la primera obra de teatro, lo más sencillo! El sueño de una noche de verano. Bueno, y después eso se dejó, porque era poca gente y se formó en el centro... ((risos)) se llamaba centro, eran 6 casas ((risos))...
2. LILIAN: Era un "conglomerado enorme" de casas...
3. GILDA: Sí, era la cooperativa, un galpón grande para cereales, la escuela, la escuela judía, el hospital y la sinagoga. Eso era el centro. Cuando después de años fui una vez más, nos paramos ahí para preguntar donde estaba el centro ((risos)), estábamos en el medio.

.....

4. GILDA: Hacíamos una vida social bastante... bastante linda. Íbamos a bailar, ahí abajo en el galpón ese, a veces íbamos a caballo, llevábamos un vestido, a veces

íbamos con el sulky, mi papá compró un sulky, que es un carro tirado por un caballo con ruedas altas, es para dos personas, o íbamos a caballo o con el carro, pero era más difícil, porque era más pesado.

5. LILIAN: Quien iba?
6. GILDA: Iba Hermann, Manfred, Lisien y yo. Me llevaba una pollera o un vestido, porque tenía un pantalón para montar, y allá, atrás de las bolsas de trigo ((risos))...nos cambiábamos...
7. LILIAN: Era el vestuario... ((risos))
8. GILDA: Era todo ahí... en un rincón, ahí nos cambiábamos. Y bueno, ahí bailábamos, nuestra orquesta era bárbara, tocaba tan bien, tan bien, y bailamos noches enteras, bailamos horas, después teníamos que ir a casa porque a las 4 de la mañana se levantaba para ordeñar las vacas...
9. LILIAN: No importa si habían bailado o no.
10. GILDA: No. No importa.
11. LILIAN: Y eso es ser joven...
12. GILDA: Y eso es todos los días, no había sábado ni domingo, ni feriado.

A narrativa de Zenilda oferece o quadro de uma vida dura, de distanciamento de sua família (que se desfez devido à morte da mãe), sofrimento, abandono forçado daquele que era considerado seu lar (o orfanato) e trabalho contínuo desde muito jovem até o momento de se aposentar e ir morar na instituição. Zenilda disse repetidas vezes, que quando saiu do orfanato, *era bobinha*. Estas palavras sugerem que passagens de suas lembranças deste período foram propositalmente silenciadas, dando indícios de que, no início, foi muito difícil encontrar um rumo para sua vida, começar a trabalhar e adquirir independência.

1. LILIAN: A senhora trabalhou, certo?
2. ZENILDA: Trabalhei, muitos anos eu trabalhei, depois eu sai, trabalhei um pouco na minha avó, né?
3. LILIAN: Depois que saiu de onde?
4. ZENILDA: Depois que eu sai do orfanato trabalhei na minha avó, mas não fui muito feliz. Não fui muito feliz... olha eu... to contando pra senhora, tive que fugi, enfrenta tudo... sozinha... eu era bobinha...
5. LILIAN: Para onde que a senhora fugiu?
6. ZENILDA: Eu era bobinha quando sai do orfanato, fazia muito tempo, era muito bobinha... aí eu fui pra ((nome de cidade)), depois de ((nome de cidade)) eu fui

encaminhada por uma senhora pra ((nome de cidade)), a dona ((nome e sobrenome)) ...

.....

7. ZENILDA: Olha, eu... primeiro estive no orfanato, depois quando completei o quarto ano, eu tive que sair pra dar lugar a outra menina...
8. LILIAN: Sim.
9. ZENILDA: E daí que eu fui pra casa dos meus avós.... da minha avó...
10. LILIAN: Ah, entendi, com 16 anos.
11. ZENILDA: Mas ali eu não.... eu fui muito... assim, né... muito maltratada, demais. Daí eu fugi, eu não tinha outra alternativa, fugi, fugi pra ((nome de cidade)), de ((nome de cidade)) não sabia nada até que encontrei com uma senhora, dona ((nome e sobrenome)), ela mora em ((nome de cidade)), não lembro agora o bairro onde ela mora, mas... E... Então eu fiquei três anos lá na casa dela, tudo...
12. LILIAN: Mas, trabalhando pra ela?
13. ZENILDA: Trabalhando, trabalhando, olhando as criança, a gente cozinhava junto... tudo na calma, família muito maravilhosa, mas eu tive muita saudade dos meus irmãos, que ficaram pra cá.... então eu voltei pra ((nome de cidade)), fiquei mais uma temporada, e daí fui pra São Paulo.

Sentimentos, crenças e valores pessoais.

Sendo totalmente social, a linguagem se materializa de forma singular nos diálogos, pois ela está sendo (re)criada nessa interação, nesse contexto, por sujeitos únicos. Participamos do diálogo manifestando opiniões, crenças, sentimentos e, nos nossos enunciados ressoam outras vozes sociais que são por nós assimiladas e reestruturadas de forma criativa, e isto nos torna sujeitos heterogêneos. As crenças e significados vão se transformando nos dizeres de nossos entrevistados. Conforme é destacado por Bakhtin (2003):

*... a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido essa experiência pode ser caracterizada como processo de **assimilação** – mais ou menos criador - das palavras do outro [...]. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, re-elaboramos, e re-acentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 294-5, grifo do autor).*

Na totalidade das entrevistas, testemunhamos a manifestação de emoções, gostos ou crenças que revelaram a formação da consciência individual mediante a incorporação das significações culturais e sociais. Os recortes que apresentamos dentro deste eixo temático são exemplos dos sujeitos revelando suas crenças, valores, opiniões, emoções e gostos, e em todos os casos é clara a presença de outras vozes em seus discursos.

Augusta fala de suas crenças. De que maneira elas revelam as diferentes vozes na formação de sua consciência? Ela fala da ajuda dos sobrinhos e da nora à irmã doente, assimilando conceitos e palavras dos outros, neste caso da religião, ao atribuir uma explicação sobrenatural (*um anjo de Deus*) aos fatos que não consegue explicar pela razão. Ela fala também na seita Seicho-no-ie como uma filosofia/religião que abraçou como resultado da procura por alívio espiritual depois da perda - muito sofrida – da sua única irmã. Aqui ressoam diferentes vozes que Augusta assimilou por meio das leituras e das palestras, e as re-cria dando-lhes seu próprio tom, fruto da sua experiência pessoal e da educação recebida, no sentido de não se deixar abater diante da adversidade. Os discursos dos pais são incorporados e re-elaborados por Augusta na formação de sua consciência individual.

1. AUGUSTA: (...) Às vezes eu fico meio triste, meio aborrecida por causa de... a gente vive problemas assim... sem solução, como minha irmã, ficou 3, 4 anos doente, faleceu de Alzheimer, era minha única irmã, mais eu tento...
 2. LILIAN: Só duas irmãs...
 3. AUGUSTA: Éramos só em duas... então... a gente acostumou naquela correria de ajudar, né? Porque os sobrinhos, as noras, todas, nossa... a nora foi quem mais ajudou, falei que foi um anjo que Deus mandou lá, pra cuidar da minha irmã (...) depois quando ela faleceu fiquei meia... assim sem eira nem beira sem saber o que fazer... ai comecei a procurar, dai comecei a trabalhar na cantina ... e no Seicho-no-ie nunca deixei de trabalhar ((sorri))...
-
4. AUGUSTA: É. Por isso eu nunca me senti só, até eu tinha... um livro aí do Seicho-no-ie, A verdade da vida, volume 29, que era... pras mulheres, todo mundo lia aquele livro e achava interessante... eu lia e falava “olha, não descobri nada”, nem pra mim nem pra falar pros outros nas palestras então ((risos)) um dia uma fazendo palestra eu descobri o por que... era a forma de educar, né? Ali, elas foram educadas achando que os homens tinham mais vantagens nisto do que naquilo, que a mulher

não podia fazer isso que os homens podiam... eu não tive irmão então, eu tive uma irmã só, então meus pais nunca ensinaram que mulher era inferior aos... aos homens, e também que na profissão os homens ganhavam melhor do que as mulheres... eu como professora fazia concurso, então tanto fazia ser homem ou mulher ganhava a mesma coisa. Se eu quisesse fazer carreira podia ser profe... diretora, supervisora (...).

Nos recortes seguintes escutamos Irineu falando de seus gostos e hábitos. Segundo Bakhtin, a palavra é produto da interação em curso entre sujeitos determinados. ... *A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado?* (BAKHTIN, 1987, p. 316-7 citado por BRAIT, 2005, p. 95). Dependendo do interlocutor, o sujeito faz ajustes e muda seu dizer em função do que julga que o interlocutor pensa.

Irineu dá indícios nos enunciados do primeiro recorte que acha o hábito da leitura um valor que pode impressionar bem suas interlocutoras (a pesquisadora, uma professora e uma aluna universitária). Assim, ele diz gostar da leitura e que costuma ler, embora pelo desenrolar do diálogo isto possa ser colocado em dúvida. Deste modo, a situação em curso determina as condições reais da enunciação: **A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor ... Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.** (BAKHTIN, 2002, p. 112-113, grifos do autor).

- 1 LILIAN: (...) O senhor gosta de ler, lê alguma coisa?
1. IRINEU: Bastante.
2. LILIAN: É o que que o senhor gosta de ler?
3. IRINEU: De preferência? De preferência minha eu gosto de coisas que tirem aproveitamento porque esses negócios infantil, historinhas essas coisas pra mim... não dizê que eu não leio mas de preferência minha uma coisa que a gente tire um aproveitamento uma coisa que... deixa uma vantagem.
4. LILIAN: Mas é livro, é revista, o que que o senhor gosta?
5. IRINEU: Não, de fato seria um livro instrutivo que desse uma circulação melhor no sentimento da gente.
6. LILIAN: E costuma aparecer esses livros pro senhor? Tem aqui biblioteca?
7. IRINEU: Tem, tem biblioteca tem, mais é meio diminuto essas coisas assim.

8. LILIAN: Tá, então que que o senhor lê, que tipo de coisa lê, a Bíblia o senhor costuma ler?
9. IRINEU: Eu acho que é o principal livro que eu gosto de lê.

Nos próximos recortes a fala de Irineu parece mais verdadeiro ao se referir aos seus gostos no passado, mostrando nostalgia e certo conformismo pela situação presente que, como vimos anteriormente, ele não tenta modificar.

1. LILIAN: (...) Que outras coisas o senhor gosta de fazer? Além de ler, por exemplo, tem alguma, algum...
2. IRINEU: A senhora fala em que sentido? Preferência? Por exemplo. Divertimento, algum afazeres?
3. LILIAN: O que o senhor quiser me contar.
4. IRINEU: Na matéria de divertimento, o que eu gosto mesmo, aliás gostava nos dias de hoje não adianta gostar mais, a gente tem aquele, aquela saudade né, isso daí acho que todos nós temo assim. O que eu gostava muito sabe do que que era? Cantá, quando eu era pequenininho, gostava de uma natação, isso eu gostava muito, e pescá e... chegá assim ao final de semana, passá a semana assim num lugarejo que fosse uma chácara, a gente se distrai muito e aquilo ali, então seria meu (gosto) aquilo ali.
5. LILIAN: E agora tem oportunidades?
6. IRINEU: Para esses...?
7. LILIAN: Pra cantar, por exemplo, aparece alguma?
8. IRINEU: Não, não aí nessas altura a gente já foi crescendo, já aprendeu a fumar, já aprendeu a tomá uns golinho...
9. LILIAN: ... e isso acabou com a voz do senhor?
10. IRINEU: Não, não, isso de fato infrui sim, infrui bastante em quarquê pessoa, o fumo principalmente é a maior droga que nós consumimos.
11. LILIAN: É verdade, isso é verdade e o pior é como deixar né?
12. IRINEU: Isso é uma dádiva se a pessoa conseguiu, sinceramente.

-
13. IRINEU: Eu comecei a trabalhar, assim... gostar do... na matéria de serviço, foi desde os treze ano... nos treze ano já trabalhava, já mexia com tinta... só que anteriormente eu fazia estamparia de roupa, de tecido, então eu adoro mexer com tinta, adoro...
 14. LILIAN: É especialista da... tinta.

15. IRINEU: Não, não sou especialista, mais a gente adora, é uma coisa que a gente gosta, né?
16. LILIAN: Fala pra mim, e nessa vida de viagens e de trabalho, quais foram as coisas boas da vida que o senhor pode me contar, coisas boas da vida, coisas não tão boas da vida?
17. IRINEU: Boa em que sentido a senhora quer?
18. LILIAN: Olha, que que... assim, que que lhe deu felicidade....
19. IRINEU: Se ganhou bastante dinheiro, se teve assim... aventura...?
20. LILIAN: O senhor é quem me diz. Como o senhor quiser me falar...
21. IRINEU: Oi, dinheiro, dinheiro a gente ganhou bem, a gente sobreviveu no caminho melhor (e.i.) isso... eu declaro e afirmo... Resumo da história, até divertimentos a gente ficou conhecendo lugares que a gente nunca conheceu pelo trabalho, nos dias de folga da gente (e.i.) então, a gente ia curtir uma praia, ou ia curtir por um exemplo... um campo ou um lago, ou um cinema, em fim, a gente curtia, qualquer coisa a gente curtia.
22. LILIAN: O senhor gostava da praia, ou gostava mais...
23. IRINEU: Adoro uma praia, adoro, sim por que não.
24. LILIAN: E as coisas ruins da vida, que que foi assim, que aconteceu de ruim na sua vida que o senhor pode me contar.
25. IRINEU: Ruim, ruim assim, em matéria de ruim são esses momento de tristeza, que tudo nós passamo por isso daí, a perda da minha mãe... (e.i.)

No dado a seguir, é Zenilda quem expõe suas crenças, opiniões e gostos. Ela tem opiniões claras e as emite com convicção. Aqui fala das razões pelas quais alguém pode perder seu trabalho. Essas opiniões refletem a ideologia vigente na sociedade capitalista que nos contextualiza, onde o trabalho *deve* ser cuidado como o que há de mais importante na vida do trabalhador.

Zenilda enuncia seus valores, que se originaram na sua experiência de vida, muito limitada nos últimos 2 anos, já que quase nunca sai do seu quarto e desde que utiliza como única fonte de conhecimento as informações que escuta no seu aparelho de televisão. As outras vozes (de pessoas remotas, desconhecidas, que são apresentadas no texto veiculado pela mídia televisiva) aparecem nos seus discursos entremeados pelos discursos assimilados nas suas próprias vivências, e até dos enunciados recentes, pertencentes à interlocutora.

1. LILIAN: ... Me fala de coisas boas da vida da senhora...

2. ZENILDA: Coisas boas da vida, olha, que eu gosto, vou lhe dizer os animais, nossa... eu sou fanática por... ta certo, que a cozinha pra mi é... é que nem o peão... Põe o saco nas costa da... bateria inteira da cozinha, mas fora isso eu gosto de bichos, de gato, de cachorro... vejo na televisão falar de cobras... e de bichos assim, gosto de prestar muita atenção, né? E coisas... uma mulher falou que ia comprar mais barata lá, um real cada uma e coisa e tal... gosto de ouvir e quero saber o coiso...
3. LILIAN: ...As informações...
4. ZENILDA: As informações. Num lugar muito distante, diz que tem um povo que come lagartas assadas na brasa... naquela coisa, assadas nas cinzas.
5. LILIAN: Nas cinzas. Lembra aonde, não?
6. ZENILDA: Não. É um lugar muito longe... acho que é... é na Grécia, perto da Grécia, não se aonde lá... muito longe. Então gosto muito dessas coisas que falam na televisão, por exemplo, assim, hoje em dia que dizer que a pessoa дума... дума uma indústria às vezes fica pouco tempo. Não sei se cheguei falar pra senhora, fica pouco tempo, fica pouco tempo... e ela não sabe por que razão que ela foi mandada embora, na televisão falou. Acontece o seguinte: a pessoa nem terminou o serviço ainda, ta faltando três minuto... pra pessoa ir embora, a pessoa já ta de tiracolo, isso não ta certo, porque a pessoa deve esperar... terminar o horário, ta sabendo o horário, né? A pessoa tem que... quando esta trabalhando numa indústria, esquecer a casa, se ce põe a casa na cabeça, uh... né verdade?
7. LILIAN: E por isso a senhora acha que eles são despedidos?
8. ZENILDA: Natural. Eles são despedido porque eles não tem a criatividade. A senhora falou assim: a pessoa tem que ser criativo hoje em dia, tem que estudar um pouco mais, tem que ser uma pessoa batalhadora, não uma pessoa que mal.... mal chegou a hora já ta de sacola pra sair, isso ta errado...

No início da entrevista Dora afirmou ser solteira e não ter parentes. Imediatamente depois se desdisse e, constrangida, afirmou que *com a graça de Deus* teve um filho, dando a entender que esperava alguma reação da minha parte. Ao perceber que suas palavras não causaram espanto, continuou falando do filho, dizendo que era muito bom e que vinha visitá-la sempre. Neste discurso aparece também a referência a Deus como quem concede as graças, refletindo as vozes provenientes da igreja, que são assimiladas e participam com grande peso na formação dos conceitos culturais.

A afirmação de que o filho a visitava pôde ser interpretada como uma “fantasia”, pois a mesma parecia não condizer com a realidade. Esta aparente

discrepância tem um sentido: ela reflete os valores humanos e as representações sociais existentes em relação à maternidade e à filiação. Afirmar que um filho não abandona a mãe é um valor importante para o grupo social. Nesse momento eu representava para Dora o grupo social, levando-a a orientar seus enunciados segundo o que ela imaginava serem meus valores.

1. LILIAN: E a senhora, foi casada, é casada?
2. DORA: Não eu sou solteira.
3. LILIAN: Solteira. Tem família, irmãos, sobrinhos?
4. DORA: Eu... não tenho mai ninguém. Bom, agora não posso dizer que não tenho mai ninguém. Coa graça de Deus eu tenho um filho.
5. LILIAN: A senhora teve um filho? Certo.
6. DORA: ((ri, encabulada)) Mãe solteira, que que eu vou fazer... Aconteceu.
7. LILIAN: Todo mundo tem filho...
8. DORA: Quedizer... Eu tenho esse filho, graças a Deus muito bom, me trata muito bem, vem me visitar...
9. LILIAN: Com freqüência ele vem?
10. DORA: Vem.
11. LILIAN: Ele vem visitar a senhora aqui...
12. DORA: Vem sim.
13. LILIAN: Certo.
14. DORA: E ele me quer bem. Graças a Deus só tenho ele.
15. LILIAN: Ele ta por ai...
16. DORA: Ele ta em ((nome da cidade)).

Segundo BAKHTIN ... a *emoção, o juízo de valor, a expressão [...]* surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto (BAKHITN, 2003, p. 292). Ao lhe perguntar sobre as coisas boas e as coisas ruins da vida, num diálogo dificultoso, Dora revelou sua subjetividade, seus sentimentos carregados de emoção e saudades e, por um instante fugaz se revelou a Dora que um dia foi feliz. No próximo trecho fica em evidência a dor sentida pela perda irreparável dos pais, e, ao perceber que pode entrar em contradição ao falar do filho em tempo passado (turno 16), se corrige e retoma seu discurso anterior. Através dos enunciados a vida entra na linguagem.

1. LILIAN: ...E o que que a senhora gostava mais quando era... quais eram as coisas boas da vida da senhora?
2. DORA: As coisas boas da mia vida? Ah foi quando vivia com a minha mãe, com meu filho, porque eu tenho um filho, né? De vez em quando... Ele vem sempre visitar. Então é... o que eu gosto, quando ele vem... e minha mãe era viva... (e.i.)
3. LILIAN: A sua mãe conheceu seu filho?
4. DORA: Conhe... Nossa, nossa. Os dois era que nem.... precisava ver como eles se gostavam, como se beijavam quando ele chegava... que ele morava em São Paulo com a minha irmã, né?
5. LILIAN: Aha.
6. DORA: Então quando ele vinha, Virgem Maria, como eles se abraçavam, minha mãe fazia as coisa pra ele.
7. LILIAN: A senhora criou esse filho ou foi sua irmã quem criou?
8. DORA: Não. Ninguém criou. Ele se criou sozinho.
9. LILIAN: Sozinho...
10. DORA: Sozinho.
11. LILIAN: Mas na casa da senhora?
12. DORA: É. Na minha casa.

.....

13. LILIAN: E as coisas ruins da vida, dona Dora. Quais são as coisas ruins da vida pra senhora?
14. DORA: Ah pra falar bem a verdade pra senhora... as coisas ruins da minha vida... foi quando perdi meu pai ((chora)) ... perdi minha mãe...
15. LILIAN: Então isso foi... perder os seres queridos, não tem coisa pior...
16. DORA: Isso foi muito ruim, porque eu cuidava dela, trabalhava pra ela, cuidada dela, ela era muito boa..., o meu filho era muito bom, gostava muito dele, quer dizer... eu não tive problema com meu filho, até agora ele vem me visitar, ele gosta muito de vir me visitar...

Perto do final da entrevista, Yolanda enuncia suas opiniões sobre o comportamento das pessoas em relação aos idosos. Ela dá uma longa explicação do que considera ser o comportamento corrente em relação aos mais velhos, em virtude de que, atualmente, a sociedade não dá o devido valor à experiência de vida. No seu discurso encontramos indícios da presença de *verdades sociais* (Faraco, 2003) enraizadas no contexto social em que vivemos, e que remetem a uma multiplicidade de vozes do passado e do presente.

1. LILIAN: (...) E... qual é a sua percepção em relação ao comportamento das pessoas com respeito aos idosos? Como é que a senhora vê as pessoas se comportando em relação aos idosos?
2. YOLANDA: Bom. Comigo, com os meus netos que eu cuido, com quem a gente tem, assim, relacionamento, ah eles, “é a vó, a vó que sabe, a vó que falou..” entende?. Agora, há uma, uma, uma pequena parte, hoje em dia já está diminuindo bastante, mas ainda há uma pequena parte que não é, não são... parentes, que não são ligados, que coloca meio... o idoso meio assim, (de lado), “Ah não, deixa, ah não, não dá para ela que já tem idade”, entende? E não é, o idoso ainda tem muito que dar, porque ele tem a experiência da vida, entende? Mas é mais fácil colocá-los de lado que ta fora de época, ta fora de... e às vezes são coisas pequenas, que o idoso tem muito mais... experiência pela vida que já viveu, né, do que um outro que ainda é jovem e não tem aquela experiência, isso em muitos casos, haja vista... às vezes até... casamento de jovens que em vez de casar se juntam, né, e a gente aconselha, “não, é bom pôr tuas coisas legais”, é o que o idoso fala, casar legalmente, não precisa casar na igreja mas legalmente, dentro da lei, para que amanhã ou depois o filho... a filha não vão sofrer alguma... algum afastamento “ele não é casado, não é registrado, não é filho de fulano”, entende? Então eu acho que ele precisa, sim, é uma pequena parte, que está diminuindo bastante, está, porque... o idoso, (ce veja bem) mesmo na política nós temos ai, mulheres, senhoras também, com seus setenta e poucos anos que ainda estão na ativa, sabem ainda... resolver os problemas, não é verdade? Eu acho, precisa, sim, confiar mais no idoso, idoso não é porque tem idade que precisa ser encostado, não, não pode. Enquanto ele tem, eu acho assim, disposição, vontade, a vontade de ir pra frente, trabalhar, lutar, realizar, o idoso se sente bem mais feliz, eu me sinto feliz nesse sentido, tudo que eu tenho pra fazer e que eu (e.i.), eu vou até o fim, entende?

Gilda fez um relato demorado sobre sua infância e começo da adolescência, referindo-se detalhadamente à maneira como aconteceu a sua primeira emigração, forçada pelas circunstâncias. Ela trouxe para o diálogo elementos da sua história pessoal, semelhantes aos de milhares de pessoas, e que podem ser encontrados em testemunhos e registros históricos de acontecimentos da época anterior à II Guerra Mundial, dos quais ela tomou parte. A linguagem de Gilda, assim como a de todos os sujeitos, teve um papel mediador que a pôs em relação com sua história. Neste caso foi uma história que, mesmo sendo cheia de

adversidades, deixou em Gilda a percepção de uma vida rica em experiências positivas.

1. LILIAN: (...) Bueno, ahora contame un poco cuando salieron [da Alemanha], como fue...
2. GILDA: Bueno, y... llegó el momento que después de bastantes dificultades conseguimos la... la llamada...
3. LILIAN: Quien los llamó?
4. GILDA: La llamada, la ICA, la Jewish¹.
5. LILIAN: Ah, tá.
6. GILDA: Los que hicieron todo para... nos llevaron afuera y nos ubicaron en Argentina. Esa era una de las colonias del Barón Hirsch que... la gente que no tenía una persona ya afuera...nosotros no teníamos para mandar. Por ejemplo, de papá ², el tío Jupp, fue primero, fue él solo, el empezó a trabajar y después mandó la llamada. Nosotros no teníamos. Entonces la Jewish nos hizo la llamada. La llamada es el papel que teníamos que demostrar que alguien nos pide ir a Argentina.
7. LILIAN: Y les pedía en nombre de que? Para trabajar, porque se necesitaba gente para trabajar...
8. GILDA: Si, para trabajar, porque se crió esas colonias y necesitaba gente para trabajar...
9. LILIAN: Pero la colonia fue... fue específicamente para sacar los judíos de Alemania
10. GILDA: Si, claro que si.
11. LILIAN: No existían antes?
12. GILDA: No, no, no, no, eso formó el... ese barón Hirsch tenía una visión, no sé que clase de visión, y empezó a comprar tierra... en Argentina...

¹ Se refere à *Jewish Colonization Association* (JCA, conhecida como ICA), criada em 1891 pelo Barão Maurice de Hirsch, com o objetivo de facilitar a emigração em massa de judeus de Rússia e dos países da Europa Oriental, assentando-os em colônias agrícolas em terras compradas pelo comitê, principalmente na América do Norte e do Sul. As ações dessa associação foram especialmente importantes no período anterior ao início da II Guerra Mundial, pois possibilitaram a saída de judeus da Alemanha nazista que emigraram, entre outros países, ao Brasil e à Argentina. Disponível em <http://www.riogrande.com.br/historia/colonizacao7.htm>. Acesso em 14 set 2006.

² Faz referência à família do marido, que passou pelas mesmas experiências.

Opiniões sobre a própria linguagem

O homem se constitui como ser social e da cultura pela linguagem que, sendo dialógica, é uma ação social. Para Smolka (2000), pela linguagem são constituídos e transmitidos os modos de vida elaborados culturalmente. O sujeito fala de si e de suas emoções, emite opiniões, se auto-avalia, expressa sentimentos enquanto se relaciona com os outros e consigo mesmo. Conforme Smolka (1995b, p. 14),

... o homem produz linguagem, e se produz simultaneamente na/pela linguagem. Nesse trabalho social e simbólico de produção de signos e sentidos, a linguagem não é só meio e modo de (inter/oper)ação, mas é também produto histórico, objetivado; é constitutiva/constituidora do homem enquanto sujeito (de e na linguagem).

Para o homem é impossível relacionar-se a não ser através do signo, do outro, da dimensão social. Fala-se da linguagem com e pela linguagem, isto é, ela é usada para a comunicação e para refletir sobre ela mesma. *A linguagem possibilita e instaura a subjetividade, a reflexividade* (op. Cit.).

Nos enunciados de Augusta, de Irineu, de Yolanda, foi possível testemunhar o movimento de reflexividade operado, pois os sujeitos se detiveram a refletir, sua atenção incidindo sobre a linguagem como propiciadora das interações. Verifica-se assim o intuito das palavras de Smolka sobre a possibilidade que a linguagem oferece de remeter a si mesma, de se referir ao seu próprio acontecimento, porém sem nunca poder situar-se fora dela.

Bakhtin disse que a linguagem participa da vida através dos enunciados, ao mesmo tempo em que é através dos enunciados que a vida entra na linguagem. Ao falarem da percepção que cada um tem, Augusta se referiu à linguagem como facilitadora dos relacionamentos estabelecidos ao longo de sua vida, Irineu expressou o desejo de falar melhor, mas, ao mesmo tempo afirmou não ter muitas oportunidades para o diálogo, Yolanda disse que a linguagem da simplicidade é a única possível para atingir o outro. Cada um fez referência ao caráter social e dialógico da linguagem. Todos mostraram a importância atribuída ao outro na avaliação da própria linguagem, seja pela ausência do outro, seja pela importância

das relações de amizade, ou pela possibilidade e pela necessidade de atingir, tocar o outro com o nosso discurso.

No recorte a seguir Augusta disse primeiro não ter opinião sobre esse assunto, embora imediatamente fizesse uma avaliação positiva da sua linguagem devido a sua facilidade de comunicação e diálogo com seus amigos e familiares.

1. LILIAN: Me diga outra coisa, dona Augusta, como que a senhora percebe a sua linguagem?
2. AUGUSTA: Como eu percebo?
3. LILIAN: Sim. A sua própria linguagem.
4. AUGUSTA: Nunca parei pra pensar nisso ((risos)).
5. LILIAN: Que bom, é um desafio pra senhora, então.
6. AUGUSTA: Eu, eu não penso nada, agora se alguém tiver alguma opinião sobre ela, eles também deixou de dar porque eu não ouvi nada a respeito, não.
7. LILIAN: Mas, digamos assim: a senhora consegue se comunicar, consegue passar as idéias que a senhora tem...
8. AUGUSTA: Com clareza. Eu, eu tenho facilidade para esclarecer as coisas.
9. LILIAN: A senhora notou alguma mudança ao longo da vida em relação a sua linguagem, para melhor ou para pior. Alguma mudança significativa que a senhora diga... bom, antes era assim...agora é assim.
10. AUGUSTA: Não porque isso... isso vai tudo do que a gente vai aprendendo, e com quem a gente vai convivendo. E como acredito que as pessoas afins se encontram, eu sempre tive bastante amizade e nunca a gente... teve briga, encrenca, nada disso, a vida inteira, as minhas amizades vêm de longa data, então...nunca...tive problema.
11. LILIAN: A senhora não vê a sua linguagem diminuída com o tempo...
12. AUGUSTA: Ah não, acho que desembaraça mais porque a gente vai aprendendo umas coisas, ouvindo umas coisas, participando de mais coisas, então desembaraça mais. Meu modo de ver é esse. ((risos)).

Irineu mostrou que, embora estivesse num contexto que propicia poucas oportunidades do uso de linguagem, esta era sentida como satisfatória para a comunicação interativa. O sujeito utiliza e pensa na sua linguagem, constituindo-se nesse ato como ser da linguagem.

1. LILIAN: (...) E quanto a sua linguagem, a sua forma de se comunicar, o que o senhor tem pra me dizer?
2. IRINEU: Como assim?
3. LILIAN: Assim: o senhor conversa com as pessoas, entende o que as pessoas falam...
4. IRINEU: Não, de fato sim, tem....
5. LILIAN: As pessoas entendem o que o senhor fala?
6. IRINEU: Entendem, não tem alguém aqui que não entende não, não adianta, que geralmente eu sei conversa mais ou meno bem, mais ou meno, gostaria de aprende muito mais, isso daí eu já disse pa senhora isso daí, eu desperto muita curiosidade em coisas assim, por exemplo são, denominada assim proverbial, assim vamo supor, faça, a senhora dá uma outra palavra então a gente gosta muito de sabe pa fica por dentro disso, porque existe muitas palavra da gente aqui no nosso português, que temos milhões de sugestões pra ela, não tem? Então eu gostaria de aprender isso daí, e é muito bom isso daí eu acredito né pra qualquer pessoa.
7. LILIAN: Certo.
8. MI: Tem muitas pessoas com quem o senhor conversa aqui?
9. IRINEU: Não nesse sentido assim conversa num papo favorável que desperta muita atenção, a curiosidade, uma coisa outra, não.
10. MI: Não tem.
11. IRINEU: Ai conversa normal ai o... cotidiano da gente mais, eu gosto muito de conversa com pessoas mais sábias que nem são vocês ou pessoas além de vocês ainda eu gosto demais, daí a gente aprende.
12. LILIAN: Claro.
13. IRINEU: E não sei se vocês já ouviram aquele ditado nunca é tarde para se aprender.
14. LILIAN: Isso.
15. MI: E o senhor acha isso?
16. IRINEU: Eu acho... e gosto demais.

Ao longo da entrevista Yolanda descreveu seu contexto como sendo rico em oportunidades do uso da comunicação oral e escrita. A linguagem é vista por ela como instrumento de comunicação, compreensão e transmissão das idéias, contanto que seja uma linguagem que possa atingir o outro sem dificuldades.

1. LILIAN: A senhora tem... acha que as pessoas têm dificuldade para entender o que a senhora fala?
2. YOLANDA: Eu acho que não, porque eu falo com muita... muita simplicidade, eu não gosto de coisas muito rebuscadas, palavras difíceis como... eu posso até citar, nós temos uns escritores brasileiros que... os livros a gente precisa ler com o dicionário do lado. Eu não gosto nem de conversar com pessoas que falam... eu gosto de simplicidade, eu me faço entender pela simplicidade.

.....

3. LILIAN: E da própria linguagem, da comunicação, qual é a percepção que a senhora tem?
4. YOLANDA: Bom. Eu... sempre falei simples, mesma coisa para escrever, simples. Eu nunca fui, assim, de usar, termos assim, rebuscados, trabalhados, não, falar o mais simples possível para eu me fazer entender. Quando eu faço as palestras, no centro, que uma vez por mês eu tenho que fazer palestras, eu falo simples, para que aqueles que estão me escutando me entendam porque se eu falo rebuscado, ninguém vai entender, todos vão falar “ah, ela fala bem” mas...
5. LILIAN: A mensagem não chegou.
6. YOLANDA: Eu sou sempre... falando simples e escrevendo simples, e lendo também, quando eu pego um livro que eu preciso usar o dicionário três, quatro, cinco vezes, esse livro já fica pendurado. Eu cito ((nome de escritor)), eu não consigo ler um livro inteiro dele.
7. LILIAN: Nunca li nada dele, não conheço.
8. YOLANDA: É. ((nome do escritor)). Ele é espírita. E ele escreve bem, quer dizer, ele escreve bem mas... eu preciso estar co dicionário do lado...
9. LILIAN: Ai perde a graça, não...
10. YOLANDA: Perde, porque você fica... e procura... e dicionário mesmo porque ele usa termos muito difíceis.... então, eu sou pela simplicidade, falar simples, e escrever simples e ler também, para que eu possa entender direitinho com simplicidade.
11. LILIAN: Bom Pelo que a senhora me conta, a senhora usa muito a sua linguagem, porque, além da comunicação familiar, que é bem fluída, que é bem... abundante, também tem a questão das palestras, então a senhora... se debruça num papel para escrever...
12. YOLANDA: Isso, eu escrevo...

Memórias.

A memória pessoal é, ao mesmo tempo, memória social, familiar, grupal, pois as lembranças são construídas socialmente. As narrativas dessas lembranças – em forma oral ou escrita - constituem formas privilegiadas de apreendermos aspectos da dinâmica social e discursiva, de quem somos. *Um homem narra sua história, a história de um grupo e inscreve a si mesmo e ao grupo na grande história* (BRAGA, 2000). A memória está intrinsecamente relacionada à natureza social do homem, às suas formas de vida e às organizações e práticas dos grupos, passados e presentes. Segundo Bosi (2003, p. 64) ... a “*matéria prima*” da recordação não aflora em estado puro na linguagem do falante que lembra; ela é tratada, às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado.

Quando nos colocamos na situação de recordar, a memória é o agente provocador das lembranças, que irrompem na nossa consciência às vezes de modo incontrolável e com uma urgência que, no entanto, pode traduzir-se tanto em palavras como em silêncios. Umas vezes esses silêncios significam que não desejamos contar o que lembramos e outras que não há quem nos escute, como é o caso de muitos idosos.

A memória participa do sentido da identidade. Através das narrativas pessoais buscam-se os elementos que a constituem. Falar de si para alguém é uma forma de o sujeito e o pesquisador significarem suas identidades (ALMEIDA, 2003). Na sua narrativa

...o sujeito desenvolve uma atividade de produção de sentido que ilumina sua existência e esclarece o presente: é uma rememoração que se orienta pela necessidade de dar sentido ao que se é [...] ordenando e re-significando experiências e desvelando desejos e projetos, frustrações e realizações, tropeços pessoais e momentos de afirmação de si, bem como encontros com o outro e as peculiaridades de uma vivência social (p. 185).

A identidade ... é produzida e reproduzida, principalmente na relação com o outro [...] na relação de alteridade ((MERCADANTE, 1998, p. 63). O processo de

reconstrução da memória assinala a dinamicidade da identidade, que está intimamente relacionada ao contexto sócio-histórico e ao grupo de origem afetivo e cultural, já que estamos inseridos na história e na cultura. Tudo que sabemos e lembramos é atravessado pela cultura (BRANDÃO, 2002).

No momento em que o idoso usa sua voz para contar sua história, ele é sujeito em processo de constituição e objeto da própria reflexão. Diz Brandão (2002) recordar é reconstruir, refletir, re-significar. A lembrança é evocada junto com sua significação, que se desdobra em duas: a do passado que é lembrado – que pertence só ao sujeito - e a do momento presente, no qual o sujeito, ao falar do que lembra na interação, constrói conjuntamente com o seu interlocutor novos sentidos. A memória, sendo individual e social, é contada desde o lugar histórico, social e emocional que o sujeito ocupa, pois está tingida das emoções que acompanharam os fatos que as geraram.

A linguagem constitui e organiza a memória. Ela tem um papel mediador que põe em relação o homem com sua história. Segundo Smolka (2000), a linguagem deve ser vista como ... *lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborados*. É meio para a reflexão e a compreensão da própria história de vida, como fica evidenciado neste dado recortado da entrevista com Augusta. Os fatos lembrados ... *são trechos de uma história, a história de cada um que, simultaneamente, singulariza o indivíduo e o torna parte de um grupo* (BRANDÃO, 1998, p. 3).

1. LILIAN: Mais ou menos a senhora já me disse qual era seu projeto inicial de vida, né? Me conta, assim, momentos significativos da sua vida, momentos de transformação, que possa lembrar.
2. AUGUSTA: Transformação quando saí das barras da saia, porque a gente está acostumada... por exemplo eu até os 21 anos fiquei morando em casa meus pais fazendo tudo, então, eu não tinha aquela independência, e quando saí (e.i.) primeiro ano fora, fiquei assim como barata zonza, né, não sabia que atitude tomar, porque em casa eu ia perguntar tudo pros pais ((risos)), então um ano fiquei meio assim... aí eu me desembarcei, né, então eu passei... a saber... a dirigir minha própria vida sozinha, sem precisar pedir conselho pra ninguém, e as próprias amizades que vão se acercando da gente, e o próprio serviço, a gente vai aprendendo com a vida, né, vai... e assim vai se solidificando. Uma transformação que eu senti foi essa.

Neste dado, Zenilda mostrou e, ao mesmo tempo ocultou aspectos de si mesma, conduzindo-nos na reflexão sobre a linguagem como meio de lembrar e re-elaborar a história individual. Ela lembrou um capítulo de sua infância e adolescência, quando foi morar em um orfanato após a morte da mãe. As palavras elaboraram a memória de suas ações passadas: ela disse ser considerada *o patinho feio* da família (expressão que provém de uma estória infantil adaptada de um conto de Hans Christian Andersen). Ao apropriar-se dessa expressão, Zenilda assinalou que se via como diferente dentro da família, e também como alguém que sofreu, trazendo para o diálogo esta imagem de si mesma por meio do que foi dito e do que foi silenciado, pois lembrou, mas também encobriu com a ajuda de imagens e signos partes do seu passado.

1. LILIAN: ...E... outros parentes que a senhora vê?
2. ZENILDA: Outros parentes já são assim... como eu tive, ah... quer dizer... tenho bastantes sobrinhos e tudo.
3. LILIAN: Alguém vem visitar a senhora?
4. ZENILDA: Vem. Vem. Eu tenho minha cunhada, uma vez ou outra vem minha cunhada, vem. Eu tenho uma prima que vem, também... mas como eu desliguei da família muito cedo... a família...
5. LILIAN: Perdeu o contato...
6. ZENILDA: Não, não. Como a gente... o que eu fiz, eu fui o patinho feio...né?
7. LILIAN: Por que?
8. ZENILDA: Não, patinho feio.
9. LILIAN: Por que a senhora diz isso?
10. ZENILDA: Não, eu falo isso, porque geralmente antigamente era assim: se você fazia uma coisa errada, você era castigada, e você era o patinho feio.
11. LILIAN: E o que é que foi errado que a senhora fez?
12. ZENILDA: Não fez nada errado. Porque eu saí muito assim... porque nesse orfanato... era muitas oração... muita coisa... e há meninas terríveis, mas eu queria ser exemplar né, eu não queria acompanhar essas meninas que... falavam besteira, falavam coisas... eu não queria acompanhar, então eu queria ser exemplar, né? Eu não sabia...
13. LILIAN: A ai que aconteceu?
14. ZENILDA: Aí eu era mais assim... eu... eu tinha medo das coisa, né? No falar uma coisa eu tinha medo de errar, falar alguma coisa... e na casa da minha avó quando eu ia limpar alguma coisa... já às vezes... a minha tia era muito brava... e... e

qualquer coisa que eu fazia já tava sempre... fazendo as coisa meio que tremendo assim quebrava alguma coisa e já... apanhava muito... então foi isso mesmo que eu fiz.

Yolanda evocou lembranças de sua juventude, dos tempos da segunda guerra mundial, e relatou as suas impressões e os sentimentos e ações que a marcaram profundamente. E ao fazê-lo ela tomou para si a função que, segundo Bosi, corresponde aos idosos: A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

1. LILIAN: (...) E os acontecimentos mais significativos, assim, que a senhora possa mencionar...
2. YOLANDA: Familiar ou em geral?
3. LILIAN: O que a senhora quiser. Familiar, geral...
4. YOLANDA: O que mais me chocou foi a guerra. Eu era jovem né, estudante, e a gente participava disso, participava... a gente... naquela época não tinha tanta... não era muito proibido, né, mas também os jovens não tinham tanta liberdade, mas a gente foi, assim, na rua, né, e pedir que... parassem com aquilo, né, e se precisasse enviar os brasileiros pra... pra Europa, que enviassem mas que... terminasse logo com aquela coisa tão desagradável. É. A guerra chocou muito, chocou muito.
5. LILIAN: A senhora chegou a conhecer gente que teve que ir para lá...?
6. YOLANDA: Cheguei... cheguei... rapazes que eram mais ou menos da idade da gente, que foram convocados, alguns morreram, e a gente... isso daí foi uma coisa muito chocante, muito desagradável, foi a guerra... foi muito forte... como esse agora, do 11 de setembro, nos Estados Unidos, como nos chocou, uma coisa que você não... você não... parece que cê não aceita aquela... você vendo na televisão como é que foi, você fica... decepcionada... como o homem chegar nisso...

As memórias de Gilda a levaram a reconstruir com a linguagem de hoje, os momentos do passado que se referiam à vida no campo, nos primeiros tempos depois da emigração. A memória é um processo e, à semelhança da linguagem, é social e somente se torna concreta quando é verbalizada por um sujeito singular, neste caso Gilda (PORTELLI, 1997).

1. LILIAN: Contame un poco de la vida allá...

2. GILDA: La vida allá, bueno, la primera impresión fue que llegamos a un pueblo que estaba a 25 kilómetros de la colonia, que era el lugar más, bueno era un pueblo de... de interior, porque llegamos a una colonia que estaba en la provincia de Entre Ríos, bien al... en el interior del país, pobre. Estoy hablando del año 38, y bueno, ahí había un joven que había... buscó trigo, tenía un carro bajo todo lleno de bolsas de trigo, y arriba de esas bolsas nosotros íbamos los 6 personas, bueno mi mamá estaba adelante, con el cochero y los demás estábamos arriba y así fuimos...
3. LILIAN: Cuando llegaron?
4. GILDA: El día que llegamos...
5. LILIAN: Con las valijas y con todo...?
6. GILDA: Sí, valijas también teníamos, o puede ser que las valijas fueron en otro carro, ya no me acuerdo... la cosa fue que era de noche, llegamos muy tarde de noche y... la casa de este joven era en la entrada de la colonia, donde nosotros íbamos era más lejos, entonces nos invitaron a dormir en la casa de ellos, ahora yo no sé donde dormimos, porque tenían 2 habitaciones o 3, 3 dormitorios, un comedor que ni se veía ((risos)) de grande que era, una cocina y un hallcito, así, de entrada. Dormimos ahí, comimos ahí...
7. LILIAN: Debían estar agotados...cansados...
8. GILDA: Y dormimos ahí, comimos a la noche....desde ya...
9. LILIAN: Muy sacudidos emocionalmente, estaban llegando...
10. GILDA: También eso, pero también el esfuerzo era un... un tren, primero fuimos con un tren...y después...

.....

11. GILDA: La cosa es que llegamos ahí, dormimos ahí, nos dieron desayuno a la mañana, y después nos llevaron al lugar donde teníamos nuestra casa... no sé si contar de esa casa ((risos)).
12. LILIAN: Contá, contá...
13. GILDA: Era una casa que no tenía puertas ni ventanas, llegamos en mayo, con un frío terrible, época de lluvia, sin ropa, solo la ropa puesta que teníamos porque teníamos dos... canastas de ropa que nos robaron ya en el barco, o al subir al barco. Así que estábamos prácticamente con la ropa que teníamos puesto. Teníamos catres para dormir, eso nos dieron enseguida, son unas maderas en cruz, y arriba un pedazo de lona y se cerraban... a lo largo... bueno, nos dieron 6 catres y... en ese lugar había, lugares... cada 1 kilómetro había un... un conjunto de viviendas que podían ser 2 o 4, nosotros nos tocó uno de 2. La casa que ya estaba hecha había adentro un... una cantina le llamaban allá, ahí se abastecían la gente que hacían las casas, que edificaban las casas, los peones que hacían los trabajos, ahí era como un

pequeno almacén donde compraban las cosas, y también los colonos que estaban del otro lado. Bueno la casa que recibimos nosotros tenía que esa de la cantina, pero como pronto la íbamos a desocupar, nos dieron la otra, que no tenía ventana, no tenía puerta, no tenía piso, no tenía nada, entonces esos de la cantina nos dieron como 40, 50 bolsas vacías, cada una llenamos de pasto seco, como almohada, y las demás eran para taparnos...

14. LILIAN: Mmmm, dios mio...

15. GILDA: Y dormíamos con la ropa, tapándonos con esto porque nuestros cajones llegaron más o menos a los 15, 20 días recién...

16. LILIAN: O sea que ese tiempo todo durmieron, vivieron y durmieron en esas condiciones, con pasto seco metido adentro de bolsas de...

17. GILDA: Y la comida, no teníamos muebles todavía, un catre era la mesa, y teníamos sillas, y teníamos vajilla para tres personas que... de gente que... de colonos que ya estaban establecidos, cuando veían venir una persona nueva, salían corriendo a darles algo... sabían que no tenían nada...

18. LILIAN: O sea que había una corriente de solidaridad...

19. GILDA: Muy grande, muy grande. Nos dieron pan... y nos dieron tazas, entonces comíamos 3, y después los otros 3 porque, más tazas no teníamos ((risos)).

A rememoração de Irineu que vem a seguir, assim como todas as outras, foi cheia de detalhes. Ele se referiu ao acidente grave do qual foi vítima, que lhe deixou um braço lesionado com seqüelas, impedindo-o de continuar a exercer sua profissão de pintor. A seqüela, no dizer de Irineu, foi conseqüência de erro médico. Porém, mesmo tendo sofrido um dano irreversível, ele decidiu não revelar o nome desse médico, demonstrando uma atitude ética de não querer prejudicar ninguém.

1. LILIAN: (...) E como é que foi o acidente, me conta direitinho como é que foi esse acidente?

2. IRINEU: Esse acidente do braço aqui (e.i.), este daqui foi a gente vindo do trabalho, foi num cruzamento de avenida com rua assim.

3. LILIAN: O senhor tava aonde?

4. IRINEU: Na garupa da moto.

5. LILIAN: A, era a moto do senhor?

6. IRINEU: Não, do amigo, amigo de serviço ((tossiu)), a gente tinha toda razão, isso aí a gente sabe disso, farol aberto pá noi e o carro entra na frente, (e.i.) o cruzamento é

- numa subida e a gente dá uma meia puxadinha na aceleração e bateu forte, a gente teve até a felicidade de num ser mai prejudicado.
7. LILIAN: O senhor tinha me dito naquela ocasião que a cabeça não bateu não né?
 8. IRINEU: Não, a cabeça não, só o braço, foi só a matéria do braço a raspagem, assim da carne isso aí é normal, eu tive essa felicidade.
 9. LILIAN: E ficou no hospital muito tempo?
 10. IRINEU: Ah fiquei sim, fiquei nove dias.
 11. LILIAN: Nove dias, e fizeram gesso no senhor, como é que foi? Por que que ficou esse, por que fico prejudicado o movimento?
 12. IRINEU: Porque isso aqui geralmente foi erro médico.
 13. LILIAN: A é?
 14. IRINEU: Só posso citá pa senhora isso ai, porque depois disso ai... a gente passou pelo Pronto Socorro num médico que dava assistência em matéria de troca de gesso, matéria assim de tirá nova radiografia, uma coisa ou outra, e ele citou pra mim ele falou até geralmente tem sigilo entre eles, a gente também não vai citá nome do médico, porque o médico que me fez este serviço, ele praticamente foi criado perto da minha casa e a gente se conhece, ele é muito falado, ele é muito bom ortopedista mai infelizmente acontece, que erro é humano não vamo condena ninguém, então eu deixei pra lá, vou faze o que eu não vou prejudicá o médico, não vou prejudicá a Santa Casa, não vou prejudicá nada.
 15. LILIAN: Que idade o senhor tinha quando foi esse acidente?
 16. IRINEU: A esse daqui também foi em noventa e três, esse acidente.
 17. LILIAN: Foi recente, relativamente recente. O senhor tava trabalhando na época?
 18. IRINEU: Sim, eu vinha vindo do serviço.
 19. LILIAN: E que aconteceu com o trabalho do senhor depois disso?
 20. IRINEU: Que aconteceu que a gente trabalhava ambulante por conta, foi obrigatório parar.

No próximo dado procedente de um recorte da entrevista com Dora, conhecemos algo do modo como ela chegou à instituição e nela ficou. Embora neste trecho da entrevista ela tenha se estendido mais, assim como ocorreu com outros recortes dela, este também contém dúvidas e hesitações relativos ao tempo e às circunstâncias dos acontecimentos. Isto pode ser atribuído por um lado, às dificuldades, já anteriormente notadas, de lembrar a exatidão do ocorrido, mas mais provavelmente ao desejo de calar a respeito de alguns fatos. Nos enunciados de

Dora ecoam outros, muito freqüentes no contexto social, carregados de preconceitos.

1. LILIAN: Como é que a senhora veio parar no lar? Quem trouxe a senhora aqui?
2. DORA: Bom pra fala verdade eu não sei como é que eu vim. Viu? Eu sei que eu acho que eu fui especulando, fui andando, fui especulando, fui... ai fiquei... daqui eu ia embora, mai fiquei... gostei... fiquei... me dei bem cas pessoas daqui, cas... com tudo me dei bem...
3. LILIAN: Mas já conhecia alguém aqui dentro?
4. DORA: Não ((tosse)) Não senhora não conhecia ninguém.
5. LILIAN: Não conhecia ninguém.
6. DORA: Não. Eu morava com uma moça...que... (e.i.) ai eu falei assim eu vou ver como é lá para mim morar lá, né, porque pra ficar ai com os outros, assim né? Eu morava com essa moça...
7. LILIAN: Mas não tava bem...
8. DORA: Não tava bom....(e.i.) um lugar melhor, que aqui num ta bom. E assim fui pro fui... (disse) por que você não vai morar no lar?
9. LILIAN: Quem que falou pra senhora?
10. DORA: As vizinha...
11. LILIAN: As vizinhas lá.
12. DORA: Porque eu fui morar com essa moça, essa moça era... era de cor, mas era boa pra mim, sabe, não tenho queixa dela, ela já faleceu coitada, mas ai... eu falei assim, ela falou por que você não vai morar no lar, lá no asilo de velho, você é boa, ce vai se dar bem lá, ai eu falei é... (e.i.) nos vai junto (e.i.) ai eu falei ta bom, né? Porque eu sozinha, eu não... ai ela trouxe eu aqui eu nem sei com quem conversei aqui...(e.i.) sei que eu conversei aqui, fiquei... me dei bem, ai vim morá aqui, e aqui eu fiquei até agora ((ri)), aqui tou bem.

Vida na Instituição.

Os quatro sujeitos que moravam na ILPI se referiram à mesma com palavras de elogio e agradecimento. Como mencionado no capítulo 4, a percepção que os sujeitos tinham da instituição provinha de vivencias e situações muito

diferentes umas das outras, que dependiam do lugar social que cada um ocupava. Augusta, que morava em um chalé, falou da liberdade que tinha para sair, da segurança, dos amigos (que também moravam em chalés) que lhe faziam companhia em algumas atividades e saídas, da comodidade de contar com serviços bem executados.

1. AUGUSTA: ...Agora, eu não vivo sozinha, porque aqui no lar... desde que eu... quando meus pais faleceram, eu tinha aquela turma ainda, cheia de vida, né? Que a gente estava sempre junto, dia e noite junto, nos horários livres, e depois, que eles começaram casar e alguns faleceram, eu vim morar aqui no (nome da instituição), que para mim aqui é o paraíso ((sorri)), porque aqui a gente tem toda a liberdade, vivo como se vivesse numa chácara, né? E, com toda a liberdade do mundo, aqui tem tudo com facilidade, se eu precisar de alguém pra trocar a lâmpada, se eu quiser alguém pra consertar um... um armário... eles trabalha tudo aqui dentro, se eu precisar de alguém pra... sair pra... me distrair, aqui tem a turma que... de domingo a gente se reúne, sai pra almoçar fora, vai a uma missa fora, e... está sempre em contato, né, quando um precisa outro leva de carro ao médico, aonde precisa, então eu acho que... eu nunca me senti só na vida, embora eu seja uma pessoa solteira e more sozinha, eu nunca me senti só.

Zenilda fez a escolha de morar nesta ILPI, pois já tinha gostado da mesma desde que a conheceu na sua juventude e seu discurso foi sincero e enfático.

2. LILIAN: ...Quer dizer que já a senhora conheceu o lar desde que era moça...
 3. ZENILDA: Já. Isso aqui eu conhecia há muitos anos. Então foi uma coisa que eu botei na minha cabeça: o dia que me aposentar é o lugar que eu vou ficar porque com a família não dá... que eu sempre... um pé na frente e outro atrás não dá, né?
 4. LILIAN: Então a senhora veio porque quis aqui...
 5. ZENILDA: Eu vim de espontânea vontade, com a maior alegria, todo mundo...
 6. LILIAN: E se sente bem aqui.
 7. ZENILDA: Eu me sinto bem, eu me sinto muito bem em tudo.
-
8. ZENILDA: ... As funcionária daqui são maravilhosa, elas tem uma paciência... olha que às vezes tem pessoas que não quer tomar banho, e gritam... Elas falam não, eu

vou dar banho pra sair bonitinha, e penteia o cabelo, é uma paciência. Eu acho elas assim até que... não sei, elas são muito boas...

9. LILIAN: Então a senhora se considera afortunada de estar aqui.
10. ZENILDA: Eu sim, eu adoro aqui. Eu gosto.
11. LILIAN: Sabe que todas as pessoas que eu entrevistei até agora falaram a mesma coisa?
12. ZENILDA: Então. Ce vê a comida daqui, é uma comida saudável... não existe muita gordura demais, eu cozinho, eu sei o que é melhor e o que não é. Eu acho certinho...
13. LILIAN: E o suficiente também... né?
14. ZENILDA: O suficiente, até demais.
15. LILIAN: Todo mundo fala isso.
16. ZENILDA: Não. Até demais, só não come quem não quer.
17. LILIAN: Isso faz parte do mínimo que uma pessoa precisa, é uma casa, atenção médica. Isso vocês aqui têm.
18. ZENILDA: Tenho. Graças a Deus, tem. Por isso que eu já escolhi aqui, porque eu sabia. Falei, bom... naquela época que eu vinha, não existia essas coisas... mas eu falei agora com a evolução dos tempos, tudo muito bom, tá maravilhoso.

Dora e Irineu chegaram à instituição por falta de outras opções. Afirmaram que eram bem tratados, bem alimentados e estarem satisfeitos por poder viver sua velhice nesta ILPI.

1. DORA: Me tratam muito bem ai, sou muito bem tratada...
2. LILIAN: O lar é bom pra senhora...
3. DORA: É. Nossa Senhora, o lar pra mim é o céu.
4. LILIAN: A senhora não é a única que fala isso, sabia? Eu conheci várias pessoas... todo mundo acha aqui muito bom.
5. DORA: Aqui é bom. As enfermeira é boa, aqui tudo é bom, a comida é boa, na hora certa, ninguém me maltrata, ninguém me maltrata.

A opinião de Irineu em relação à instituição não diferiu muito das outras. No entanto, seus enunciados deram indícios de que se tratava de alguém que está conformado, e isto nos levou a uma dúvida: os sujeitos estavam realmente bem e razoavelmente felizes na instituição ou se tratava mais de resignação? No turno 8, Irineu disse que teria gostado de ter um lar próprio para morar, mas a necessidade se impôs, e no decorrer do seu discurso, no turno 12, ele fez a observação que, se

morasse sozinho, não teria tido cuidados médicos tão bons. No seu conjunto, os enunciados deste recorte não foram totalmente convincentes.

1. LILIAN: E quanto tempo faz então que o senhor esta aqui, no Lar?
2. IRINEU: Dia três de março fez quatro anos.
3. LILIAN: Quatro anos.
4. IRINEU: Quer dizer hoje que noi tamo no dia vinte e cinco.
5. LILIAN: Isso, hoje é vinte e seis já.
6. IRINEU: É vinte e seis isso, quatro ano e vinte e três dia.
7. LILIAN: É, ta certinho, tá contando os dias né, muito bom. E o senhor gosta daqui?
8. IRINEU: Olha sinceramente, gostá a gente gostaria de tê o lar da gente próprio, isso daí acho que todos nós, mas isso daí o que manda é a precisão da pessoa, no caso eu necessito disso pá vivê... Aqui geralmente a gente é bem tratado, acho que até melhor que a casa da gente porque se não, num pobrema de saúde da gente, a gente não corre atrais e aqui geralmente eles correm atrai e descobrem alguma coisa que a gente tem em matéria de saúde da gente, porque depois que eu vim aqui... eu fui operado de cateterismo, eu já fiz exame de hemorróidas que eu tenho isso daí, só que não preciso operação, com remédio graças a Deus.
9. LILIAN: Foi tudo bem.
10. IRINEU: Foi positivo. Eu tenho pobrema estomacal também, eles resolveram.
11. LILIAN: Eles tomam conta da parte da saúde bem.
12. IRINEU: Não, da parte da saúde é formidável então quê dizê que eu acho que na casa da gente, nessa matéria a gente num... se cuida assim do jeito que eles cuidam da gente na matéria de saúde, bem alimentado, bem tratado, bem asseado...
13. LILIAN: É isso eu ouvi também.
14. IRINEU: De fato vocês viram ai.
15. LILIAN: As irmãs tomam conta direitinho, né.
16. IRINEU: Não, de fato sim.

Outro exemplo que reforça as dúvidas está no próximo recorte de Irineu, do qual é possível inferir que existem algumas limitações para os moradores dos pavilhões, quanto à possibilidade real de possuir algum bem. O discurso encobre e ao mesmo tempo revela uma crítica à algumas atitudes e pessoas.

Este recorte é muito rico, e no final Irineu se revelou novamente uma pessoa capaz de ter bons sentimentos e atitudes generosas. No turno 29 pode-se

perceber a presença das vozes daqueles que, aparentando a melhor das intenções, propalam discursos impregnados de preconceitos.

17. IRINEU: (...) eu ganhei de uma senhora moradora de chalé aqui, em aparelho três em um ... tava em perfeito estado de conservação e bom, mas só tinha um pequenino defeito no rádio dele, no rádio... que aquele... como se fala... o aquele botãozinho que faz a sintonia, ele tava meio faciando a correinha dele por dentro né, era só aquele defeito que ele tinha, e a mulher, emprestou muito, aqui são todo mundo amigo aqui um do outro, ela pediu para mim... se eu sabia quem queria né, peguei e falei pra ela mas... ela falou assim.... se ela aceitasse quem queria dá ai era diferente o caso a falei pra ela, ela chama (nome da pessoa) o nome dela mas fala Du pra ela. Ela mora aqui logo próximo da portaria. Ai falei pra ela dona Du, ai no momento eu não sei não posso informar pra senhora, não, mas eu estou dando ((risos)) daí já mudou de figura, né.
18. LILIAN: Ai eu sei quem quer ((risos)).
19. IRINEU: É lógico.
20. MI. Agora ficou mais fácil.
21. IRINEU: Ai eu falei pra ela, ela falou você tem aparelho? Não, eu tenho um pequeno radinho lá que eu ouço um pograminha lá... ai ela pegou e falou... falei se a senhora quiser me dá eu aceito sim de coração ((risos)), ela falou... eu comprei um outro lá e ela tem um filho dela que não sai daí e o filho achou que aquele ali tava meio cafona né... é... mais (e.i.) e coisa boa né. Boa mesmo, ta impecável.
22. LILIAN: E agora ficou pro senhor?
23. IRINEU: Não, eu peguei... ela foi buscar de carro ela e o filho dela trouxe ai pra mim. Aquele dia tava dedetizando ali e não podia entrar antes das quatro e meia. ... os moradores, ali. Resumo da historia... fiquei ali na frente né.
24. LILIAN: E ai?
25. IRINEU: E tem uma senhora ali que trabalha com nós, hoje até inclusive ela ta folgando eu considero aquela mulher como mãe minha. Tenho uma consideração inorme por ela... ai a irmã veio, aquela irmã (nome da irmã) que a senhora conhece, ela, ela chegou e falou: mai de quem que é este aparelho? Falei é meu ... mas eu ganhei ele. Mas onde o senhor vai pôr? Ela falou pra mim, eu falei no meu quarto... ela falou não, não, não, vai por lá não... se você quiser pôr ele cê põe ai na copinha. Ai olhei bem e falei: eu vou pôr na copinha pra todo mundo meter a mão, estragar? Falei não, não, é dado de coração, falei tudo bem... falei, calma; guardei na rouparia nossa lá, (...) Ai quando deu quatro e meia que nós pudemo entrar lá dentro, ai eu já pedi pra quem trabalha à tarde, falei pra ela vamo guarda este negócio lá na rouparia

lá ... e a outra, essa uma que eu considero mãe minha, ela tinha saído, era... três e quinze ela vai embora... ai ela tinha saído, ela não viu né? Chegou no outro dia... eu tenho por costume até inclusive de dia das mães dá um presentinho pra ela, todo ano eu dó né, considero mesmo esta mulher... embora ela seja mais nova de idade que eu mais eu considero. Tive até revelação se a senhora quiser saber no sonho ... e adoro mesmo a mulher ... é uma criatura muito formidável boa, boa, boa demais pra todos nós lá, o que ela faz pra um ela faz pra outro, mas sei...

26. LILIAN: Mas do que ela trabalha?

27. IRINEU: Ela trabalha de faxineira.

28. LILIAN: Ah, na limpeza.

29. IRINEU: É na limpeza, ela ta folgando hoje... até ela é de cor, mas coração branco, pronto ta bom? ((risadas)) resumo da historia ... no dia de manhã que aquelas pessoas que tomam café, eles tomam café mais cedo do que nós, quando é sete horas eles tão lá no café. E nós geralmente aqui sete e vinte, sete e meia... ((tose)), ela chama (nome da pessoa), eu cheguei e falei pra ela: L, falei, eu não sei se você tem ou não tem, você tem aparelho três em um em casa? Ela falou: tenho, só que ela tem duas filhas que são mocinhas né, ela falou: minhas filha é as que mais usam, e até que me encham a paciência... Falei: imagina (e.i.) ai ela pegou e falou: até me encham a paciência, mai elas que usam do que a gente... ai eu falei para ela: bom, cê sabe que o dia das mãe ta ai próximo né, você quer um procê? Falou: de quem? Falei: meu... ai você vai gastar... ela sabe da minha dificuldade, você vai gastar este dinheiro pra que... Eu tó falando pra você que o dia das mães ta próximo, eu, ta ai, eu vou mostrar pra você, é seu, se já é que você aceita. Nossa! Mai ela ficou alegre, aquilo pareceu que caiu do céu, pra ela e pra mim, eu mais fiquei feliz ainda né...

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

...o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconhecamos-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana.

SIMONE DE BEAUVOIR (1990)

Fecundo, o discurso dos sujeitos entrevistados nos permitiu perceber o quanto o idoso continua a ser nesta fase da vida um *ser da linguagem*, assim como podem sê-lo o adulto, o jovem, ou a criança. Não importa seu lugar social ou as condições ou situação de vida, se está sozinho, mora numa instituição de longa permanência ou rodeado da família, se participa de interações freqüentes, ou se carece de oportunidades para o uso da comunicação verbal.

Além da oportunidade de construir conhecimentos, esta pesquisa constituiu uma verdadeira vivência feita de encontros, emoções, proximidade, empatia. O desejo e a alegria de ter a atenção de alguém, de revelar-se, de dialogar, mesmo que por um tempo curto, fez de todos os idosos interlocutores disponíveis e sensíveis às nossas motivações e aos nossos questionamentos. Com resultado disso, foi possível colher um material abundante em quantidade, mas, sobretudo, em qualidade.

Os enunciados correspondentes ao eixo temático *Família e vida afetiva*, trouxeram para o diálogo os significados e as lembranças mais antigas. Os diálogos ao redor deste tema originaram longos relatos que tiraram do esquecimento passagens muito antigas das histórias pessoais e das emoções que as acompanharam. A história familiar originou e marcou profundamente as opiniões, valores e crenças que os sujeitos carregaram com eles ao longo da vida. Foram vidas duras, algumas muito sofridas, quase sempre cheias de mudanças, acomodações e reviravoltas. As palavras reservadas para a família de origem pela maioria dos idosos, permitiram perceber sentimentos de saudades por aquele tempo e espaço como lugar de afetos. Tanto ao tratar deste assunto como dos outros, os

enunciados permitiram entrever perspectivas sociais e ‘ouvir’ múltiplas vozes, revelando os diversos horizontes sociais e épocas evocadas.

O desenrolar dos diálogos relativos ao eixo temático *Esferas sociais, culturais e de trabalho*, permitiu conhecer um pouco dos lugares onde viveram, trabalharam e estabeleceram os relacionamentos mantidos no contexto social mais amplo. No trabalho, na igreja, no clube, em todas as esferas de atividade os sujeitos se referiram às relações com os outros, com os quais trocaram experiências, incorporando ao mesmo tempo os significados e as ideologias que circulavam nesses meios sociais. Os enunciados dos entrevistados e da pesquisadora trouxeram ao diálogo evidências dos variados contextos sociais de origem. Foi também através dos enunciados que foi possível perceber o sentimento de renúncia e de falta de perspectivas na vida de Dora, Zenilda e Irineu, assim como o grande contraste que existe entre as oportunidades e possibilidades passadas e presentes destes três sujeitos, e às de Augusta, Yolanda e Gilda.

Dentre os eixos temáticos, *Sentimentos, crenças, gostos e valores pessoais* foi o mais rico e produtivo, pois os sujeitos manifestaram, ao longo das entrevistas, suas opiniões, crenças, sentimentos, opiniões, e possibilitaram que através dos enunciados tomássemos contato com os valores que formaram, ao longo da vida, a consciência de cada um, permitindo, assim, adentrar em aspectos essenciais da subjetividade. Em muitas oportunidades fomos testemunha de emoções e opiniões sendo extravasadas sem restrições, e também de silêncios carregados de significados. Em todos esses momentos foi possível perceber a polifonia e a assimilação das palavras do outro, que deixou marcas nas opiniões e crenças.

Somente três dos seis sujeitos emitiram *Opiniões sobre a própria linguagem*. De início, todos precisaram de maiores explicações para entender o intuito das questões, pois em geral não nos detemos a pensar a linguagem e a facilidade ou dificuldade de comunicar-nos através dela. Produzir linguagem é um ato totalmente natural, já falar sobre ela exigiu exercitar a reflexividade, em que a reflexão sobre a linguagem foi feita enquanto ela estava em uso. Foi meio de aproximação e modo de interação, de produção de signos e sentidos. *Os signos só emergem [...] do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra* (BAKHTIN, 2002, p. 34). Todos os sujeitos se referiram direta ou indiretamente ao outro na avaliação da própria linguagem, na medida em que com sua mediação foi

possível lembrar os contextos de vida e as relações do passado e do presente, falar de desejos, sonhos, insucessos, vínculos, expressar sentimentos e preferências.

O eixo temático *Memórias* foi o tema principal das narrativas dos sujeitos, na medida em que foi o relato da história de vida o que ocupou a maior parte do tempo das entrevistas. As lembranças trouxeram à tona pessoas, espaços e tempos de grande significação emocional, e permitiram conhecer e compreender aspectos da dinâmica social e histórica em que cada idoso esteve inserido. Palavras e silêncios foram a matéria-prima das recordações, obrigando-nos a fazer um percurso sinuoso para tentar conhecer um pouco os nossos interlocutores e sua subjetividade.

Os quatro sujeitos que contribuíram para o eixo temático *Vida na Instituição* foram unânimes ao elogiar a ILPI embora as histórias e os motivos diferissem uns dos outros. Enquanto Augusta a caracterizou como uma espécie de condomínio, que lhe garantia autonomia com conforto e segurança, Dora, Zenilda e Irineu se referiram a ela como lugar de vida. Mas, dada a falta de outras possibilidades para passar a velhice, dir-se-ia que se tratava de um lugar de “sobrevida”. Essa impressão fez com que ficassem dúvidas em relação à veracidade das afirmações de Irineu e de Dora. Mas a realidade da vida desses sujeitos, por um lado, e a situação do sistema asilar brasileiro, por outro, nos fizeram compreender que qualquer outra aspiração ou desejo em relação a lugar de moradia, teria sido impossível de ser atingido. Comprovamos, assim, com grande pesar, que a situação retratada é, efetivamente, a regra no Brasil.

Para mudar essa realidade com miras ao desenvolvimento das políticas públicas necessárias, além de recursos, são necessárias mudanças de ordem cultural. Nas palavras de Marcos Rolim (2002), que apresentou o relatório da V Caravana dos Direitos Humanos da qual falamos no capítulo 2:

Entre nós, normalmente, a velhice é vista como o equivalente a um conjunto progressivo de perdas. Ela seria, então, primeiramente, uma lenta e inexorável "subtração de humanidade". Um olhar mais atento sobre o processo de envelhecimento, todavia, haverá de concluir que este olhar assinala um estereótipo cultural. Envelhecer é, ao largo das naturais mudanças físicas e sensoriais, também um processo de crescimento.

Embora o aspecto biológico seja central para compreender e explicar em parte o processo de envelhecimento é imperativo que seja respeitada a especificidade do idoso como ser humano pleno. As representações do velho - tão freqüentes na mídia - enfatizam o desgaste, as rugas, a doença, a aparência de fragilidade, os movimentos lentos, as características estereotipadas de comportamento.

Mas, concomitantemente, é cada vez mais habitual encontrarmos, em quase todos os âmbitos, imagens de uma “nova velhice”, surgida nos anos 70 junto com a expressão “terceira idade” (GROISMAN, 1999), forma diversa de representação segundo a qual existiria a possibilidade de uma ‘maturidade’ que não conheceria limites, e os termos “velho” e “idoso” deveriam ser definitivamente banidos do vocabulário. Groisman continua, afirmando que:

Diferentemente da “velhice”, a “terceira idade” se caracterizaria por ser uma fase da vida em que as pessoas aproveitariam intensamente o seu tempo, na busca de realizações pessoais. O lazer, os cuidados com o corpo e a saúde, a ampliação do círculo social e até mesmo o exercício da sexualidade parecem estar presentes nessas novas representações sociais do envelhecimento [...] O contraste entre as velhas e novas imagens da velhice nos mostra como o contexto sócio-cultural é relevante para pensarmos o envelhecimento (p. 84).

É amplamente sabido que a velhice é um tempo de dificuldades de diversas ordens, mas existe hoje - principalmente em alguns meios onde se produzem conhecimentos sobre educação para a “maturidade” e a “terceira idade” - uma inclinação a esquecer que a grande maioria da população idosa brasileira compartilha o mesmo destino social, econômico e existencial da imensa maioria da população. Os levantamentos demográficos mostram que uma das características mais marcantes da maior parte da população idosa no Brasil é a pobreza, sendo a principal fonte de rendimentos as aposentadorias e pensões.

Daí a importância de focar o idoso concreto, real, e todos os aspectos relacionados a essa realidade: a situação e as relações no âmbito familiar, a exclusão, a auto-exclusão, a institucionalização, a violência contra o idoso, o fim do desejo e da motivação, a espoliação dos bens e/ou da aposentadoria, aliás,

ocorrência cada vez mais freqüente¹, as questões ligadas ao gênero, à identidade, à subjetividade; em fim, todos os assuntos que *também* fazem parte da realidade da velhice e o envelhecimento.

Percebe-se que sobram as contradições quando este tema está em questão. Assim, concordando com Minayo e Coimbra (2002, p. 13) cabe questionar:

... será que estamos errados na resistência aos rótulos dominantes? Será que, por influência da época, estaremos sendo vítimas da ideologia-mito da eterna juventude, esse vírus que corrói a humanização do envelhecimento e da morte? Ou será, ao contrário, que os próprios limites do ciclo e do curso da vida estão se desfazendo, por causa do fenômeno irrefutável do aumento da esperança de vida a partir da metade do século XX, aqui e em todo o mundo?

Concordamos com Motta (2002) quando diz que, na realidade, coexiste uma imagem tradicional do idoso respeitável, porém inativo e improdutivo e outra, mais recente, que o retrata como um indivíduo dinâmico e participante das mais diversas situações sociais – imagem estimulada pela sociedade de consumo que está empenhada em aproveitar os benefícios dos aposentados - as duas correspondendo à realidade. Vivemos um momento de mudanças aceleradas em que cada vez mais as certezas são superadas e abandonadas. Deste modo, não é estranho que a identidade do idoso se constitua de forma incerta. O corpo vai se deteriorando, mas, ao mesmo tempo, a imagem social vai melhorando cada vez mais.

Em todo o caso, um dos aspectos centrais para a auto-afirmação da identidade do sujeito em processo de envelhecimento é a possibilidade de ele encontrar um espaço próprio no contexto social, com tudo que isso implica em termos de trocas afetivas e interações. Um espaço onde ele possa levar uma vida com dignidade, autonomia, qualidade, onde seja reconhecido socialmente o seu papel de agente da própria vida e valorada sua condição de detentor e transmissor

¹ Segundo dados de 2006, foi verificado que 64% dos idosos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros, tendo ocorrido um aumento em relação a 1991, quando os idosos responsáveis representavam 60,4%. Fonte: IBGE.

da memória social e histórica. Esse reconhecimento seria um caminho possível para a continuidade das interações dialógicas e relações no grupo social.

Quando pensamos na qualidade da vida dos idosos, não o fazemos somente em termos de cuidados à saúde e do grau de satisfação que é possível ser alcançado pelo indivíduo nos diferentes aspectos que compõem sua vida. O que queremos destacar enfaticamente é a importância de se adotarem atitudes em relação aos idosos tendentes a assegurar-lhes um tempo e um espaço de vida com qualidade. Para isso é essencial tomar partido e assumir compromissos, entre outras coisas, contra os preconceitos existentes e a favor da formação de novos conceitos em relação ao envelhecimento, o próprio e o alheio; refletir sobre o fecundo potencial do diálogo entre pessoas pertencentes a diferentes gerações convivendo dentro da família e em outros espaços sociais; compreender que o sentimento de pertencer ativamente a um grupo social fortalece a identidade do sujeito idoso; valorizar o apoio social e os vínculos afetivos como coadjuvantes na prevenção de doenças, na recuperação da saúde e no aumento da auto-estima, dimensão essencial para o auto-cuidado, pois *O auto-cuidado de modo ativo ajuda a romper com o papel passivo que a sociedade reserva ao idoso e a manter a motivação para a vida.* (GAMBURGO, MONTEIRO, CHUN, 2006, p. 115).

A realidade que tivemos oportunidade de conhecer se apresenta muito heterogênea. Portanto, é importante tentar enxergar o que é possível ao sujeito alcançar de fato em termos de qualidade de vida no contexto em que se encontra. No caso das instituições asilares, embora se reconheça sua importância, no Brasil a idéia de viver numa instituição de longa permanência é temida e rejeitada, pois é sabido que, quando o idoso vai morar numa instituição, geralmente acaba vivendo uma situação de grandes perdas: da individualidade, da identidade, da privacidade, da independência, da autonomia, do seu círculo de relações. A instituição na maioria das vezes só consegue suprir as necessidades básicas de saúde, alimentação, alojamento, vestuário e higiene, sendo ainda necessária uma grande reestruturação, a fim de que tenha condições de oferecer um verdadeiro lar, um lugar de vida.

Em relação aos idosos que moram sozinhos ou com a família, interessa poder garantir que, na medida do possível, continuarão gozando de autonomia e sendo independentes, úteis e produtivos o maior tempo possível, sendo respeitados como sujeitos e exercendo as atividades adequadas às suas potencialidades. E,

conforme afirma Scharfstein (1997), desde que as perdas na velhice são mais intensas...

...a única forma da identidade da pessoa idosa se manter equilibrada é ocupando um lugar de vida no contexto social, através de trocas afetivas, transmissão de valores e experiências vividas, resgatando o lugar do/da velho/velha que é testemunha viva da História narrada nas suas próprias estórias (p. 23).

Saúde, afeto, acolhimento, respeito, alimentação, autonomia, capacidade funcional, um lugar digno de vida... Enfim, todos estes são direitos que devem ser respeitados e assegurados pela sociedade como um todo.

A escolha de uma instituição asilar para coletar parte do material desta pesquisa tornou possível a aproximação a uma realidade por nós desconhecida até então, e que, com certeza é ignorada pela maioria das pessoas. Pois é mais fácil não saber e evitar aquilo que não nos agrada, fazendo de conta que não nos atinge e que não nos diz respeito: *recusamo-nos a nos reconhecer no velho que seremos: "De todas as realidades, [a velhice] é, talvez, aquela de que conservamos por mais tempo, ao longo da vida, uma noção puramente abstrata"...* (BEAUVOIR, 1990, p. 10-11 citando Proust).

Segundo Bakhtin cada um de nós ocupa um lugar único e singular. O lugar que eu ocupo é também o lugar da minha assinatura: *E a assinatura é aquilo que me torna responsável: capaz de responder pelo lugar que ocupo num dado momento, num dado contexto* (AMORIM, 2003, p. 14-15). Esta idéia de responsabilidade está associada à dimensão ética da criação. Assim, na realização desta pesquisa, junto com o nosso objetivo de conhecer a linguagem dialógica e social, a vida relatada e significada por meio das narrativas da história de vida e a reflexividade da linguagem, tivemos sempre como meta agir de forma ética, não-indiferente às questões e tensões relacionadas ao tema do envelhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Juracy A. Relatos de vida e identidade. *Revista Kairós*. São Paulo, 6(2), dez. 2003, pp. 181-192.

ALVES, José. A linguagem e as representações da masculinidade. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Textos para discussão número 11, 2004. Disponível em: <http://www.ence.ibge.gov.br/publicacoes/textos_para_discussao/textos/texto_11.pdf> acesso em 15 nov. 2006.

AMORIM, Marilia. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2001. pp. 11-91.

_____. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p.7-19, julho/2002.

_____. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria T; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia (orgs): *Ciências Humanas e Pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo, Cortez, 2003. pp -11-25.

AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: VON SIMSON, Olga (org): *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas, São Paulo: Centro de Memória-UNICAMP, 1997, pp 27-38.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do francês de M. E. G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp 289-326.

_____. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10ª. edição. São Paulo: Hucitec, 1929/2002. 196 p.

_____. *Estética da Criação verbal*. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp 261-306.

BASSIT, Ana. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, Ligia, et. al. *Tempo de Envelhecer. Percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. pp 137-157.

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970/1990. 4ª. impressão. 711 p.

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, Anita; DEBERT, Guita (orgs). *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1999. pp. 11-49.

BORN, Tomiko. *Considerações sobre os asilos no Brasil*. 2004a. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/cndi/consideracoes.htm>> Acesso em 21 mai. 2006.

_____. *Asilo de idosos: a estação final de uma trajetória marcada por indignidades!* 2004b. Portal do Envelhecimento. disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/retratos/retratos1.htm>> Acesso em 08 nov. 2006.

_____. *O que é uma Instituição de Longa Permanência?* Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://chagas.redefiocruz.fiocruz.br/~ensp/biblioteca/dados/tomiko.ppt>> Acesso em 21 mai. 2006.

_____. *Carros de bois e ILPI – a propósito da tarefa de elaborar uma nova legislação.* 2006. Portal do Envelhecimento. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/artigo1033.htm>> Acesso em 13 nov. 2006.

BOSI, Ecléa (1979). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 484 p.

BRAGA, Elizabeth. *Memória e literatura: uma análise das posições de sujeito no texto narrativo*. III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural. 16 a 20 de julho de 2000. Campinas, SP.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin. Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005 - pp. 61-78.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____ (org). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005 - pp. 79-102.

BRANDÃO, Vera M. A. T. Os fios da memória na trama da cultura. *Revista Kairós*, São Paulo, 2(2) pp na revista dez 1998.

_____. Oficina de Memória – teoria e prática: relato sobre a construção de um projeto. *Revista Kairós*, São Paulo, 5(2): 181-195, dez 2002.

BRANDÃO, Lenisa; PARENTE, Maria A. Os Estudos de Linguagem do Idoso neste último Século. *Estud. Interdiscip. Envelhec.* Porto Alegre, v.3, p.37-53, 2001.

BRASIL. Palácio do Planalto. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Política Nacional do Idoso. Decreto Nº 1.948, de 3 de julho de 1996. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/legislacao/decreto/D1948.htm>> Acesso em 11 nov. 2006.

BRASIL. Palácio do Planalto. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI No 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.741.htm>> Acesso em 11 nov. 2006.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos. Relatório V Caravana Nacional de Direitos Humanos. Uma Amostra da Realidade dos Abrigos e Asilos de idosos no Brasil. Brasília, março de 2002. Disponível em

<http://www.dhnet.org.br/dados/caravanas/br/v_caravana.htm> Acesso em 21 ago. 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. SESU/CAPES. Diferenciais Sociodemográficos entre os Idosos no Brasil. (Seminário sobre Educação Superior e Envelhecimento Populacional no Brasil) Coordenação de População e Indicadores Sociais IBGE. Maria Isabel Parahyba. Maio 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/envelhecimento/perfilsociodemograficososobrasil.pdf>> Acesso em 07 nov. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fiocruz. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Apresentado no Seminário Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI): do que estamos falando? por Ana Amélia Camarano, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.cict.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=209&sid=8>> acesso em oct. 2006.

CARVALHO, José; GARCIA, Ricardo. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(3): 725-733, mai-jun, 2003.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005 - pp. 201-220.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998. pp. 29-41.

COUTO, Ana; ROCHA-COUTINHO, Maria. *Gerontologia: Scienza Nuova? Reflexões acerca do discurso científico sobre o envelhecer*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.sbggrj.org.br/artigos/scienza.htm>> Acesso em 18 ago. 2006.

DEBERT, Guita. A Construção e a Reconstrução da Velhice: Família, Classe Social e Etnicidade. In: NERI, Anita; DEBERT, Guita. *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1999. pp. 41-68.

FARACO, Carlos. *Linguagem & Dialogo: as idéias lingüísticas de círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003. 136 p.

FREITAS, Elizabete. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY *et.al*. *Tempo de Envelhecer. Percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro, Nau, 2004. pp 19-36.

GAMBURGO, Lilian; MONTEIRO, Maria I; CHUN, Regina. Questões sobre a atenção à saúde no envelhecimento no âmbito da fonoaudiologia. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, 18(1): 111-117, abril, 2006.

GASPARETO SÉ, Elisandra; QUEIROZ, Nelma; YASSUDA, Mônica S. O envelhecimento do cérebro e a memória. In: NERI, Anita L; YASSUDA, Mônica S

(org). *Velhice bem-sucedida. Aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas SP: Papyrus, 2004. pp. 141-162.

GÓES, Maria Cecília. A Natureza Social do Desenvolvimento Psicológico. *In*: PINO, Angel; GÓES, Maria C R. *Caderno Cedes* 24. 2ª. edição. Campinas, SP. Papyrus, 1997 – pp. 17-24.

_____. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural. Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes – relações de ensino: análises na perspectiva histórico-cultural*, n 50. Campinas, CEDES/UNICAMP, 2000, 9-25.

_____. Relações entre Desenvolvimento Humano, Deficiência e Educação: Contribuições da Abordagem Histórico-Cultural. *In*: NOGUEIRA, Ana L *et al*: *Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida Contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002. pp. 95-114.

GROISMAN, Daniel. Asilos de Velhos: passado e presente. *Estud. Interdiscip. Envelhec.*, Porto Alegre, v.2, p.67-87, 1999.

GUIMARÃES DOS SANTOS, Claudio. Desafios da Longevidade: Agonia ou Êxtase? *Revista Kairós*. São Paulo, Vol. 5 - nº. 1, 2002, pp. 15-72.

_____. Envelhecimento, memória e psicoterapia. *Revista Kairós*. São Paulo, Vol. 8(1), jun. 2005, pp. 23-108.

HERÉDIA, Vânia; CORTELLETTI, Ivonne; CASARA, Miriam. *Abandono na velhice*. 2005. Portal do Envelhecimento. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/artigo1218.htm>> acesso em 15 nov. 2006.

JUNCOS-RABADÁN, Onésimo (org.). *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. Barcelona (Espanha): Ed. Masson, 1998. 197 p.

KASSAR, Mônica. Marcas da história social no discurso de um sujeito: Uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social da pessoa com deficiência. *Caderno Cedes*, ano XX, No. 50, Abril/00.

LASCA, Valeria. *Treinamento de memória no envelhecimento normal: efeitos de um programa aplicado a idosos*. Campinas, SP. 2003. 88 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. Universidade Estadual de Campinas.

MANSUR, Letícia. *As correções no discurso de indivíduos idosos*. São Paulo. 1990. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MERCADANTE, Elizabeth. A identidade e a subjetividade do idoso. *Revista Kairós*, São Paulo, (1), 59-67, ago. 1998.

MINAYO, Maria. *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 7ª. Ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000. 269 p.

MINAYO, Maria Cecília; COIMBRA, Carlos E. Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. *In: MINAYO, Maria (org). Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. pp. 11-24.

NOVAES PINTO, Rosana. *A Contribuição ao Estudo Discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Campinas. 1999. 271 p. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

PALANGANA, Isilda. *Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vigotski*. (pp. 78-123). São Paulo: Plexus, 1994.

PANHOCA, Ivone; LACERDA, Cristina; FREITAS, Ana Paula. *A constituição da linguagem no grupo terapêutico-fonoaudiológico*. Relatório Final. Proc SEAC 217-05/98. Picacicaba, 2000.

PARENTE, Maria; TAUSSIK, Irene. *Neuropsicologia, distúrbios de memória e esquecimentos benignos*. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env13.htm> acesso em 08 mar. 2005

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, Idoso, terceira idade... *In: BARROS, Myriam (org). Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 69-84.

PINO, Angel. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71, Julho/00. Editorial. pp. 7-17.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. pp. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Proj. História*, São Paulo, 15, 13-49, abr. 1997.

PRADO, Shirley. *O curso de vida, o envelhecimento humano e o futuro*. Textos Envelhecimento, v.4 n.8. Rio de Janeiro 2002. Disponível em: http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 ago. 2006.

PRETI, Dino. *A Linguagem dos Idosos*. São Paulo: Contexto, 1991. 126 p.

PUPO, Lúcia. Mulher, velhice e asilamento voluntário. *Revista Kairós*. São Paulo, 5(2), dez. 2002. pp. 35-48.

QUEIROZ, Maria. *Variações sobre a Técnica de Gravador no registro da Informação Viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991. 171 p.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler: *Discurso e Identidade: Uma visão sócio-construcionista da velhice*. Rio de Janeiro. 1997. 157 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SMOLKA, Ana L. Construção de Conhecimento e Produção de Sentido: Significação e Processos Dialógicos. *Temas em Psicologia*. São Paulo, No. 1, 7-15, 1993.

_____. Conhecimento e Produção de Sentidos Na Escola: A Linguagem em Foco. *Caderno Cedes*, CAMPINAS, n. 35, p. 41-49, 1995a.

_____. A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. *Temas em Psicologia*. São Paulo, nº 2, 11-21, 1995b.

_____. Memory at issue: a historical-cultural perspective. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71, Julho/00. pp.166-193. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200008&lng=en&nrm=iso Acesso em 04 jan. 2005.

VIGOTSKI, Lev. *Problemas del desarrollo de la psique*. Obras Escogidas – vol 3. Madrid: Visor, 1995. pp. 139-168.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/envelhecimento_ativo.pdf#search=%22envelhecimento%20ativo%22 Acesso em 04 set. 2006.

ANEXOS

ANEXO 1

TRADUÇÃO DOS ENUNCIADOS DE GILDA

Página 77

1. GILDA: (...) Ademais, os anos que passamos quando faleceram meus tios, e... chegaram meus primos a minha casa, eram épocas difíceis também porque havia que reorganizar toda a família... e... o que sim, que nos dávamos muito bem, sempre nos demos muito bem, também quando viviam os pais, eles viviam em outro povoado muito próximo, e ... sempre estávamos juntos, os finais de semana, um ia à casa do outro, nas férias vinham meus primos a minha casa ou nós íamos à casa deles, assim, já era uma convivência muito próxima.
2. LILIAN: Provavelmente por isso que foi possível para eles se incorporarem à família...
3. GILDA: Sim.
4. LILIAN: Porque já havia um carinho, uma relação boa...
5. GILDA: Claro, mas eles devem ter sofrido muito, sofrido muito calados que não, não sabíamos, porque éramos pequenos demais, ainda...
6. LILIAN: Além disso numa situação dramática como a que eles passaram, de perder a mãe e o pai praticamente ao mesmo tempo...
7. GILDA: E de que maneira...
8. LILIAN: E de que maneira, isso marca para toda a vida.
9. GILDA: Claro, e eu recordo que minha mãe, mais de uma vez dizia... às vezes fazíamos uma travessura e minha mãe nos dava um cascudo e, por exemplo, eu dizia “eles também estavam”, então ela dizia “deixa, eles já estão bastante golpeados”... dizia minha mãe, mais de uma vez... agora, que é o que eles sentiam, não sei, nunca falávamos...

10. LILIAN: Sim, só se pode tentar adivinhar, pensar, deve ter sido muito difícil, muito difícil...
11. GILDA: Eu penso, por isso eles também tiveram uma vida difícil, os dois.
12. LILIAN: Claro... isso é certo...
13. GILDA: Deve tê-los marcado muito.
14. LILIAN: Que idade eles tinham quando faleceram os pais?
15. GILDA: Meu primo 7 e minha prima 10.
16. LILIAN: Muito pequenos...
17. GILDA: Imagina...
18. LILIAN: Isso deixa uma marca para toda a vida...
19. GILDA: E para meus pais? O que foi isso?
20. LILIAN: Também, foi o irmão e a cunhada...
21. GILDA: Terrível, terrível, e minha tia morreu antes que meu tio, não agüentou a esperar que morresse ele... isso está muito marcado em mim, toda essa época está muito marcada.

Página 85

1. GILDA: Havia um grupo de jovens, foi feito um clube de juventude, gente que tinha trazido instrumentos, que tocavam, formou uma orquestra e o primeiro que fizemos quando eu cheguei, minha família, havia um grupo ali perto, no bairro, e aí formamos já um grupo e o primeiro que fizemos... Foi representar... Shakespeare... só ((risos)), a primeira obra de teatro, o mais simples! O sonho de uma noite de verão. Bom, e depois isso foi deixado, porque era pouca gente, e se formou no centro... ((risos)), se chamava centro, eran 6 casas ((risos))...
2. LILIAN: Era um “conglomerado enorme” de casas...

3. GILDA: Sim, era a cooperativa, um galpão grande para cereais, a escola, a escola judaica, o hospital e a sinagoga. Esse era o centro. Quando depois de anos fui lá mais uma vez, paramos aí para perguntar onde estava o centro ((risos)), estávamos no meio dele.

.....

4. GILDA: Tínhamos uma vida social bastante... bastante linda. Íamos dançar, ali embaixo, nesse galpão, às vezes íamos a cavalo, levávamos um vestido, às vezes íamos à carroça, meu pai comprou uma carroça que era puxada por um cavalo com rodas altas, é para duas pessoas, ou íamos a cavalo o com o carro, mas era mais difícil, porque era mais pesado.
5. LILIAN: Quem ia?
6. GILDA: Ia Hermann, Manfred, Lissien e eu. Eu levava uma saia ou um vestido, porque eu tinha uma calça para montar, e lá, atrás das bolsas de trigo ((risos))... trocávamos-nos...
7. LILIAN: Era o vestiário... ((risos))
8. GILDA: Era tudo ali... num canto, ali nos trocávamos. Bom, ali dançávamos, nossa orquestra era muito boa, tocava tão bem, e dançávamos por horas, depois tínhamos que ir a casa porque às 4 da manhã nos levantávamos para ordenhar as vacas...
9. LILIAN: Não interessava se tinham dançado ou não.
10. GILDA: Não. Não interessava.
11. LILIAN: Isso é que é ser jovem...
12. GILDA: E isso era todos os dias, não tinha sábado nem domingo nem feriado.

Página 96

1. LILIAN: (...) Bom, agora me conte um pouco quando saíram [da Alemanha], como foi...

2. GILDA: Bom. E... chegou o momento em que, depois de muitas dificuldades conseguimos a... a chamada...
3. LILIAN: Quem fez a chamada?
4. GILDA: A chamada, a ICA, a Jewish.
5. LILIAN: Ah, certo.
6. GILDA: Os que fizeram tudo para... levaram-nos para fora e nos assentaram na Argentina. Essa era uma das colônias do Barão Hirsch que... aqueles que tinham já uma pessoa lá fora... nós não tínhamos ninguém para mandar. Por exemplo, do papai, o tio Jupp, foi primeiro, foi ele sozinho, começou a trabalhar e depois mandou a chamada. Nós não tínhamos. Então a Jewish nos fez a chamada. A chamada é o papel que tínhamos que demonstrar que alguém nos pedia para ir à Argentina.
7. LILIAN: E pediam em nome de que? Para trabalhar, porque se necessitava de gente para trabalhar...
8. GILDA: Sim, para trabalhar, porque se criaram essas colônias e necessitavam gente para trabalhar...
9. LILIAN: Mas a colônia foi... foi especificamente para tirar os judeus da Alemanha
10. GILDA: Sim, claro que sim.
11. LILIAN: Não existiam antes?
12. GILDA: Não, não, não, isso formou o... esse barão Hirsch tinha uma visão, não sei que tipo de visão, e começou a comprar terras... na Argentina...

Página 104

1. LILIAN: Conte-me um pouco da vida lá...
2. GILDA: A vida lá, bom, a primeira impressão foi que chegamos a um povoado que estava a 25 quilômetros da colônia, que era o lugar mais, bom, era um povoado de... de interior, porque nós chegamos a uma colônia que ficava na província de Entre

Rios, bem no... Interior do país, pobre. Estou falando do ano 38, bom, ali tinha um jovem que tinha... foi buscar trigo, tinha um carro baixo todo cheio de bolsas de trigo, e encima dessas bolsas nós íamos as 6 pessoas, bom, minha mãe estava na frete, com o cocheiro e os demais estávamos encima e assim fomos...

3. LILIAN: Quando cegaran?

4. GILDA: O dia que chegamos...

5. LILIAN: Com as malas e com tudo...?

6. GILDA: Sim, malas também tínhamos, ou pode ser que as malas foram em outro carro, já não me lembro... a questão é que era de noite, chegamos muito tarde de noite e... a casa deste jovem era na entrada da colônia, aonde nós íamos era mais longe, então nos convidaram a dormir na casa deles, agora, eu não sei onde dormimos, porque tinham dois quartos ou 3, 3 dormitórios, uma sala de refeições que nem dava para ver ((risos)) de tão grande que era, uma cozinha y um pequeno hall, assim, de entrada. Dormimos aí, comemos aí...

7. LILIAN: Deviam estar esgotados...cansados...

8. GILDA: E dormimos aí, comemos à noite....Desde já...

9. LILIAN: Muito tocados emocionalmente, estavam chegando...

10. GILDA: Também isso, pero também pelo esforço, era um trem, primeiro fomos com um trem... e depois...

.....

11. GILDA: O caso é que cegamos aí, dormimos, nos deram o café da manhã, e depois nos levaram ao lugar onde tínhamos nossa casa... não sei se contar dessa casa ((risos)).

12. LILIAN: Conte, conte...

13. GILDA: Era uma casa que não tinha nem portas nem janelas, chegamos em maio, com um frio terrível, época de chuva, sem roupa, só com a roupa que tínhamos no corpo, porque tínhamos duas... cestas de roupa que nos roubaram já no barco, ao subir ao barco. Assim que estávamos praticamente só com a roupa do corpo.

Tínhamos catres para dormir, isso nos deram em seguida, são umas madeiras em cruz, e encima um pedaço de lona e fechavam... no sentido da largura... bom, nos deram 6 catres e... nesse lugar havia... cada 1 quilômetro havia um... conjunto de moradias que podiam ser duas ou quatro, a nós correspondeu um de dois. Na casa que já estava pronta havia um... lá era chamada de cantina, aí se abasteciam as pessoas que construía as casas, os peões que faziam o trabalho, ali era como um pequeno armazém onde compravam as coisas e também os colonos que estavam do outro lado. Bom, a casa que nós recebemos deveria ser a cantina, mas como logo seria desocupada, nos deram a outra, que não tinha janelas, não tinha porta, não tinha piso, não tinha nada. Então esses da cantina nos deram como 40, 50 sacos vazios, cada um nós enchemos de pasto seco, como travesseiro, e as demais eram para nos cobrir...

14. LILIAN: Mmmm, meu deus...

15. GILDA: E dormíamos com a roupa, nos cobrindo com isso porque nossas caixas só chegaram mais ou menos depois de 15, 20 dias...

16. LILIAN: Ou seja que esse tempo todo dormiram, vivera e dormiram nessas condições, com pasto seco dentro de bolsas de...

17. GILDA: E a comida, não tínhamos móveis ainda, um catre era a mesa, tínhamos cadeiras, e tínhamos pratos e talheres para três pessoas que... de gente que... de colonos que já estavam estabelecidos, quando viam vir uma pessoa nova, saiam correndo para lhes dar alguma coisa... sabiam que não tinham nada...

18. LILIAN: Ou seja que existia uma corrente de solidariedade...

19. GILDA: Muito grande, muito grande. Deram-nos pão... e nos deram xícaras, então comíamos 3, e depois os outros 3 porque, mais xícaras não tínhamos ((risos)).

ANEXO 2

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,..... R.G....., declaro estar ciente da minha participação no projeto de pesquisa de Lilian Juana Levenbach de Gamburgo, desenvolvido no curso de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Metodista de Piracicaba, intitulado “Envelhecimento e Linguagem: um estudo da linguagem no envelhecimento normal”.

O presente trabalho tem por **objetivo** observar a linguagem do idoso normal ou sadio na interação, conhecer aspectos de sua história de vida, crenças e valores e a relação deste sujeito com a sua própria linguagem. Também se deseja avaliar qual o impacto exercido pelo contexto social e comunicativo em que o idoso vive, age e se comunica. O fonoaudiólogo é o profissional que estuda a linguagem, e sua atuação junto aos idosos se **justifica** no compromisso com a qualidade de vida e a promoção da saúde no envelhecimento, através de iniciativas para prevenir alterações e promover programas que visem ao uso da linguagem como meio para manter-se ativo e participante na comunidade.

Esperam-se obter os seguintes **benefícios** decorrentes da presente pesquisa: a) adquirir um conhecimento maior a respeito das características que a linguagem apresenta no processo de envelhecimento normal; b) divulgar os resultados para profissionais e para a comunidade em geral, visando uma maior conscientização da importância da linguagem para as interações, para a saúde geral e para a vida do ser humano, em todas as fases da sua existência, notadamente na velhice.

No desenvolvimento deste projeto serão estruturadas as seguintes atividades:

- 1- Apresentação do projeto
- 2- Encontros/entrevistas individuais e grupais para coleta de dados
- 3- Análise dos dados
- 4- Apresentação dos resultados

Alem do material utilizado na realização e preenchimento da entrevista, serão utilizados: gravador, filmadora aparelho de televisão.

Os trabalhos são supervisionados pela Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro, co-responsável pela pesquisa, do curso de Pós-Graduação em Fonoaudiologia, UNIMEP, e me é dada a liberdade de me recusar a continuar ou de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A qualquer momento posso buscar, junto à coordenadora do projeto, esclarecimentos de qualquer natureza, inclusive os relativos à metodologia de trabalho. As pesquisadoras responsáveis garantem o sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Finalmente, declaro ter ciência de que as atividades são sempre gravadas e/ou filmadas, podendo vir a ser usadas para fins científicos, aqui incluídas publicações e participações em congressos, nos limites da ética e do proceder

científico íntegro e idôneo – e de que a participação nesse projeto não oferece riscos nem desconfortos, sendo que a minha participação nesta pesquisa é total e completamente isenta de qualquer ônus financeiro. Caso eu venha a ter qualquer despesa decorrente da minha participação nesta pesquisa, serei imediatamente ressarcido mediante a devolução dos valores despendidos.

A pesquisadora se responsabiliza por reparar danos eventuais associados e/ou decorrentes da pesquisa, sejam eles imediatos ou tardios, inclusive no que diz respeito às indenizações.

Nome:

Assinatura:

Data:

I – Conte o que quiser sobre

- sua família,
- sua infância
- sua rotina
- coisas boas da vida
- coisas ruins da vida
- suas expectativas

II – Conte sobre:

Acontecimentos significativos – transformações

Situação atual: no campo familiar, social e econômico - avaliação

Percepções quanto à fase/situação atual de vida

Percepção do comportamento das pessoas em relação aos idosos

Percepção quanto à linguagem

III – Descreva o que vê nas imagens (uma referente ao passado: bonde, e outra ao presente: senhora idosa frente ao computador).

Bonde elétrico. Foto provavelmente tirada na década de 1950.

http://www.efbrasil.eng.br/electro/efev/efev_tram_1a.html



<http://www.amaobranca.hpg.ig.com.br/imagens/novas/computador.jpg>

FICHA CATALOGRÁFICA

Gamburgo, Lilian Juana Levenbach de
Envelhecimento e Linguagem. Um estudo da linguagem como Prática dialógica e social em idosos. Piracicaba, 2006.
137 p.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Inês Bacellar Monteiro
Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba,
Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Linguagem. 2. Envelhecimento. 3. Idosos.